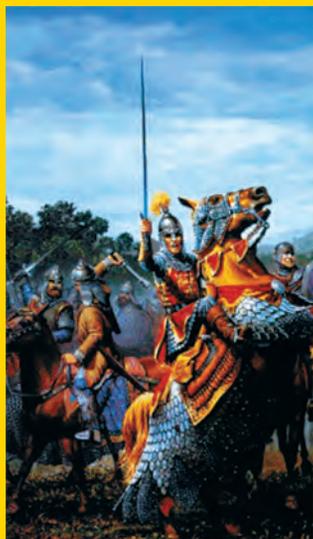


HISTÓRIA



Expansionismo cristão contra o infiel.

História Integrada - Módulos

- | | |
|----------------------------------|--|
| 17 – Império Bizantino | 25 – Baixa Idade Média e as Cruzadas |
| 18 – Os Reinos Bárbaros | 26 – Renascimento Comercial |
| 19 – Impérios Francos | 27 – Renascimento Urbano |
| 20 – Formação do Islã | 28 – Formação das Monarquias Nacionais |
| 21 – Expansão do Islã | 29 – Crises dos séculos XIV e XV |
| 22 – A Formação do Feudalismo | 30 – Renascimento – Origens |
| 23 – Sociedade e Política Feudal | 31 – Renascimento – Difusão e crise |
| 24 – A Igreja Medieval | 32 – Reforma Luterana |

Módulo

17

Império Bizantino

Palavras-chave:

- Cesaropapismo
- Iconoclasta • Código civil

1. As origens de Constantinopla

Quando o imperador romano Constantino escolheu a região de Bizâncio para construir a sede da *Nova Roma*, a antiga colônia grega tinha o aspecto de um simples povoado. Localizada em um promontório da **Trácia**, entre a Europa e a Ásia, junto ao Mar Negro e ao Mediterrâneo Oriental, a cidade possuía excelente posição estratégica, tornando-se em pouco tempo uma potência marítima e continental.

Constantino trouxe arquitetos, artesãos e valiosas obras de arte das mais diversas regiões do Império Romano, construindo a cidade em um ritmo frenético e dando-lhe o esplendor de uma grande capital: a cidade de Constantino — **Constantinopla**.

Inaugurada em 11 de maio de 330, Constantinopla foi produto da fusão de elementos latinos, gregos, orientais e cristãos, apresentando uma população bastante heterogênea, composta de maioria grega ou de habitantes helenizados e de um grande número de imigrantes

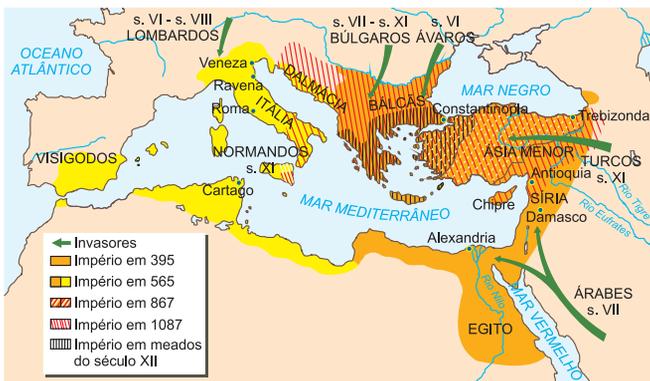
estrangeiros. A língua grega e a religião cristã constituíam a união dessa cidade cosmopolita que, por volta do século V, devia atingir cerca de um milhão de pessoas.

Em 395, o imperador **Teodósio** dividiu o Império Romano entre seus dois filhos: Honório ficou com o Ocidente, e Arcádio, com o Oriente. Tratava-se, em princípio, de uma divisão puramente administrativa e não política; porém, com a constante pressão dos povos bárbaros, acelerando a decadência do Ocidente, a divisão tornou-se uma condição permanente.

Os limites geográficos do Império do Oriente não contavam, em seu início, apenas com a cidade de Constantinopla, pois suas fronteiras iam dos Balcãs à Ásia Menor e dali ao norte da África e parte da Arábia.

A estrutura política de Constantinopla inspirava-se no despotismo dos imperadores de Roma, permitindo ao soberano um poder ilimitado sobre todos os setores da vida nacional. Controlava não apenas o poder temporal, com uma burocracia eficiente, como também o espiritual, subordinando a Igreja ao Estado.

Trácia: região da Europa Oriental, atualmente dividida entre a Grécia, a Turquia e a Bulgária; na Antiguidade, estava limitada pela Macedônia, a oeste; Rio Danúbio, ao norte; Mar Negro, a leste; e o Estreito de Bósforo, ao sul.



Mapa do Império Bizantino.

2. Justiniano: o apogeu do Império

Petrus Sabatus era filho de camponeses e sobrinho do imperador bizantino Justino I. Em 502, foi trazido para a Corte, sendo preparado para dar sequência à dinastia Justiniana, uma vez que o imperador não tinha filhos. Recebeu uma educação esmerada e o aristocrático nome de Flavius Justinianus, assumindo o trono em 527.

Em seu governo, desempenhou o papel de um verdadeiro imperador romano, bem como de um monarca oriental. Controlava a diplomacia, as finanças, as leis e os negócios militares, cercado-se de uma autoridade absoluta e dando ao seu poder um caráter quase sagrado.



O imperador Justiniano acompanhado de sua Corte, mostrando aspectos da influência romana e oriental.

O governo de Justiniano está diretamente associado à importância que teve sua esposa **Teodora**, “uma das mulheres mais interessantes e mais bem dotadas da história bizantina”. Apesar de sua origem humilde, filha de um domador de ursos, soube exercer profunda influência nos assuntos do Estado e nas decisões do imperador.

A economia bizantina

A economia do Império Bizantino era essencialmente agrícola e de bases escravistas. Existia ainda um importante comércio, tendo como seus principais centros Antioquia (Síria), Alexandria (Egito) e a própria Constantinopla.

Dissensão: divergência de opiniões ou de interesses; desavença.
Cesaropapismo: submissão da Igreja ao Estado.

O forte dirigismo desestimulava os investimentos particulares, principalmente por causa dos monopólios estatais de setores vitais da economia.

A expansão islâmica sobre o território bizantino levou o império a perder regiões responsáveis por grande parte da produção agrícola que dava ao comércio a oportunidade de crescer nesse espaço.

Os conflitos religiosos

As preocupações religiosas atingiram proporções exageradas em Constantinopla, como relata Gregório de Nissa, padre da igreja bizantina. O povo discutia a religião com ardor, muitas vezes questionando os dogmas básicos do cristianismo e dissimulando fortes competições políticas. O imperador Justiniano, consciente dessas **dissensões**, procurou unificar a religião ortodoxa grega, submetendo a Igreja à sua autoridade e perpetuando o **cesaropapismo**, largamente utilizado pelos seus sucessores. A construção da Igreja de Santa Sofia pretendia demonstrar a preocupação do imperador em tutelar a Igreja ao poder do Estado.

Procurando evitar que o divisionismo religioso afetasse a unidade do império, Justiniano combateu fortemente as heresias, sobretudo aquelas que envolviam Jesus Cristo, como o arianismo, o nestorianismo e o monofisismo. Em razão, porém, da forte influência da imperatriz Teodora, adepta do monofisismo, que tinha como principais centros a Síria e o Egito, o imperador tentou conciliar os interesses dessa heresia com a ortodoxia defendida pela Igreja, evitando desta forma um choque direto com a Igreja de Roma.



A imperatriz Teodora.

?
Saiba mais

Arianismo: doutrina do bispo de Ário, de Alexandria (280-336), segundo a qual era Cristo uma criatura de natureza puramente humana.

Nestorianismo: heresia defendida pelo patriarca de Constantinopla, Nestório, o qual sustentava que se deviam distinguir em Cristo duas naturezas: a humana e a divina, sem que pudessem se fundir. Como um ator, Cristo ora era homem, ora deus.

Monofisismo: doutrina daqueles que admitiam em Jesus Cristo uma só natureza: a divina.

Revolta Nika

No início de seu reinado, Justiniano esteve a ponto de ser deposto por uma sublevação. Em 532, o imperador encontrava-se no hipódromo, onde, segundo o costume, os espectadores torciam para a equipe azul ou então para a equipe verde (relativo à cor do uniforme dos jóqueis). Os primeiros representavam os católicos ortodoxos, ligados à aristocracia fundiária, e os segundos, os monofisistas, representando os interesses dos artesãos e dos comerciantes. Justiniano apoiava os

azuis e os partidários verdes perturbavam os jogos com seus gritos. Ao final, Justiniano, irritado, chamava-os de bêbados. Estes por sua vez revidavam, xingando-o de asno, ignorante e idólatra. A polícia prendeu alguns, porém seus companheiros os libertaram e, por sua vez, azuis e verdes se uniram contra o imperador. Logo, uma parte da cidade se sublevoou. Isso durou cinco dias e os sediciosos proclamaram um novo imperador ao grito de “Nika” – que em grego significa vitória –, acusando seu governo de ilegítimo.

Justiniano temeu enfrentar a multidão e muitos de seus conselheiros lhe sugeriram que fugisse. Teodora interferiu afirmando: “Quem recebeu a vida não a recebeu senão para perdê-la. Porém, quem foi investido do poder soberano não deve sobreviver à sua perda.”

Justiniano, envergonhado de sua fraqueza, ordenou ao general Belisário que reprimisse a revolta. Com as tropas na rua, 30.000 foram mortos e a rebelião sufocada.

A revolta evidencia o descontentamento com o dirigismo estatal sobre a religião, a economia, as leis e os altos impostos.

A obra legislativa

A carreira de Justiniano, como legislador, iniciou-se logo após ter assumido o trono, quando resolveu fazer uma revisão e uma codificação do Direito existente para que correspondesse às necessidades reais e servisse como base legal para o seu governo.

Redigida por uma comissão de juristas presidida por Triboniano, essa obra recebeu o nome de **Corpus Juris Civilis**, contendo quase 2.000 anos de jurisprudência romana e dividindo-se em: *Codex* (Código), que, composto de doze livros, faz uma revisão sistemática das leis desde o tempo de Adriano até o momento de sua compilação; *Digesto* ou *Pandectas*, que, considerada uma das obras mais estruturadas de todos os tempos, é uma vasta enciclopédia metódica, abrangendo as decisões dos maiores juristas romanos dos séculos II e III; as *Institutas*, resumo dos princípios do novo Direito para aprendizagem dos estudantes; as *Novellae* (Novelas), que contêm a legislação elaborada no governo de Justiniano, a qual serviria para seus sucessores.

O *Corpus Juris Civilis* foi criado, em princípio, para atender às necessidades do Império Bizantino, porém acabou estendendo-se também para o Ocidente. Correspondeu às atividades dos legistas medievais e, durante a Época Moderna, foi utilizado pelos Enciclopedistas em suas reivindicações, perdurando até os dias atuais, pois serviu de modelo para as nações europeias e para a América Latina.

A reconquista do Ocidente

A política externa, defendida por Justiniano, consistia em restaurar as antigas fronteiras do Império Romano, por meio de guerras ofensivas. Visando a isto, estabeleceu uma “paz perpétua” com os persas, seus antigos inimigos do lado oriental.

Exarcado: governo militar, abrangendo também funções civis, estabelecido pelos imperadores bizantinos nas regiões reconquistadas dos bárbaros germânicos.

O expansionismo teve início com a reconquista da África, sob o domínio dos vândalos. Seu êxito deveu-se não apenas à eficiência militar do general Belisário, com um exército de 15.000 soldados, como também à crise política em que se encontrava o reino bárbaro, dividido em duas facções religiosas: o *arianismo* e o *cristianismo*.

A relativa facilidade da conquista africana estimulou Justiniano a investir contra os ostrogodos, na Itália. As divisões políticas existentes no Reino Ostrogótico favoreceram a vitória dos exércitos bizantinos, comandados pelos generais Belisário e Narses. Fundou-se, na Itália, o **Exarcado** de Ravena, centro das decisões bizantinas na Península Itálica.

Em razão do rompimento da “paz perpétua”, Justiniano voltou a concentrar seus esforços no Oriente, suspendendo temporariamente o expansionismo ocidental. Após o retorno à paz com os persas, os exércitos bizantinos conquistaram a Espanha meridional aos visigodos.

O Império Bizantino chegava, desta forma, ao limite máximo de sua expansão geográfica e militar. Após a morte do grande imperador, as regiões conquistadas na África e na Espanha caíram sob o domínio dos árabes, que também conquistaram o Egito, a Síria, a Palestina e a Mesopotâmia. Era o fim do sonho de reconstrução do Império Romano.

3. Conclusão

A morte de Justiniano foi festejada pela população de Constantinopla, que esperava, a partir daí, um período de paz e diminuição da excessiva carga tributária. Seus sucessores enfrentaram profundas dificuldades na condução da administração, entrando o Império Bizantino em um lento processo de decadência.



A **Dinastia dos Heráclidas** (610 a 717), que sucedeu a Justiniano, enfrentou o expansionismo do Islão, perdendo vários de seus territórios. As constantes invasões e insurreições ocorridas no vasto império necessitavam de um poderoso exército, comprometendo as frágeis finanças do reino.

Os bizantinos acreditavam num poder milagroso dos ícones.

Após um século de crise, a **Dinastia Isáurica** (717 a 802), fundada pelo imperador **Leão III**, deu início a uma fase de reorganização do Império, que se distanciou definitivamente das estruturas ocidentais, e tornou-se cada vez mais um Estado grego-asiático. É nesse sentido que surgiu o **movimento iconoclasta**, por meio do qual o imperador proibiu a representação e o culto às imagens sagradas, ordenando sua destruição, que provocou forte reação da população e do papado romano.

Além das crises de ordem interna, o Império continuava a sofrer ameaças em suas fronteiras. A crise econômica agravou-se com o desenvolvimento das repúblicas mercantis italianas, que disputavam com Constantinopla o monopólio do comércio mediterrâneo. A fragilidade política permitiu uma quase completa autonomia das grandes propriedades, fragmentando cada vez mais o poder central, até a invasão de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453, pondo fim ao Império Romano do Oriente.



A miniatura mostra o imperador Leão V ordenando a destruição de uma imagem.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M201**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Segundo a crença dos cristãos de Bizâncio, os ícones (imagens pintadas ou esculpidas de Cristo, da Virgem e dos Santos) constituíam a "revelação da eternidade no tempo, a comprovação da própria encarnação, a lembrança de que Deus tinha se revelado ao homem e por isso era possível representá-lo de forma visível."

(Franco Jr., H. e Andrade Filho, R. O. *O Império Bizantino*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 27).

Apesar da extrema difusão da adoração dos ícones no Império Bizantino, o imperador Leão III, em 726, condenou tal prática por idolatria, desencadeando assim a chamada "crise iconoclasta".

Dentre os fatores que motivaram a ação de Leão III, podemos citar o (a)

- intolerância da corte imperial para com os habitantes da Ásia Menor, região onde o culto aos ícones servia de pretexto para a aglutinação de povos que pretendiam se emancipar.
- necessidade de conter a proliferação de culto às imagens, num contexto de reaproximação da Sé de Roma com o imperador bizantino, uma vez que o Papado se posicionava contra a instituição dos ícones e exigia a sua erradicação.
- tentativa de mirar as bases políticas de apoio à sua irmã, Teodora, a qual valendo-se do prestígio de que gozava junto aos altos dignitários da Igreja Bizantina, aspirava secretamente a sagrar-se imperatriz.
- aproximação do imperador, por meio do califado de Damasco, com o credo islâmico

que, recuperando os princípios originais do monoteísmo judaico-cristão, condenava a materialização da essência sagrada da divindade em pedaços de pano ou madeira.

e) descontentamento imperial com o crescente prestígio e riqueza dos mosteiros (principais possuidores e fabricantes de ícones), que atraíam para o serviço monástico numerosos jovens, impedindo-os com isso, de contribuir para o Estado na qualidade de soldados, marinheiros e camponeses.

Resolução

A alternativa pode ser escolhida por eliminação, devido ao absurdo das demais afirmações. Contudo, a questão iconoclasta desencadeada por Leão III (e continuada por seus sucessores) buscava eliminar o poder do clero bizantino, cuja influência sobre a população ameaçava a autoridade imperial.

Resposta: E

2 (UFPB – MODELO ENEM) – O Império Bizantino dominou vastas regiões de diferentes etnias, em três continentes (Europa, Ásia e África), sob a égide de um modelo teocrático centralizado, conhecido como cesaropapismo, no qual o basileu concentrava, em suas mãos, a chefia suprema do exército, da administração do Estado (Poder de César) e da religião cristã (Poder de Papa). Por conseguinte, os conflitos de natureza política, econômica, social e cultural se manifestavam como questões de religião: as famosas "querelas religiosas" bizantinas.

Sobre essas querelas, é correto afirmar que

- o Monofisismo, uma corrente religiosa europeia, concebia o caráter unicamente humano de Cristo, contrapondo-se ao poder

central e à influência das províncias asiáticas, que defendiam a dupla natureza de Cristo (divina e humana).

b) a Questão Iconoclasta expressou as divergências entre os sacerdotes orientais (egípcios e maronitas) — defensores do culto das imagens — e os sacerdotes ocidentais (gregos e latinos) — contrários ao culto das imagens.

c) o Cisma do Oriente (1054) dividiu o Cristianismo em duas Igrejas, a Católica Romana e a Cristã Ortodoxa, significando um dos passos decisivos para a afirmação do poder papal na Europa Ocidental e da influência bizantina no Leste Europeu.

d) o Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição) servia para garantir a ortodoxia da Igreja e foi criado pelo Basileus como instrumento de controle do poder central sobre as heresias, que explodiram primeiramente no Império Bizantino.

e) o Arianismo, uma heresia religiosa, foi responsável pela conversão dos povos germânicos (os "Bárbaros") ao cristianismo, defendendo a superioridade dos povos arianos sobre asiáticos e semitas.

Resolução

O "cisma do Oriente" tem suas origens nas divergências entre os bispos de Constantinopla e o de Roma, quando este último buscava impor uma série de medidas reformistas na Igreja. Por não querer se submeter às orientações do papa, o patriarca Cerulário foi excomungado, em 1054, dando origem à separação entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Ortodoxa.

Resposta: C

1 Por que o Império Romano do Oriente foi também chamado de Império Bizantino?

RESOLUÇÃO:

Porque a maior parte do povo que habitava a região falava grego e a cidade de Constantinopla (capital) estava localizada onde antigamente fora a colônia grega de Bizâncio.

2 Vários conflitos religiosos marcaram a história do Império Bizantino durante o governo de Justiniano. Neste contexto, qual foi o significado do *cesaropapismo*?

RESOLUÇÃO:

Significou a submissão da Igreja aos interesses do Estado, procurando desta forma unificar a religião ortodoxa grega e combater os dissidentes, classificados como hereges.

3 A economia de Bizâncio, no período da Alta Idade Média europeia, tinha aspectos característicos, como

- o monopólio de alguns setores pelo Estado, tendo em vista a segurança do Império.
- o predomínio da iniciativa privada, o que determinou a formação de uma classe burguesa.
- o exercício predominante da aristocracia na produção industrial.
- a ampla liberdade quanto aos preços de mercado e ao pagamento de salários.
- a liberdade do comércio, sem que o Estado estabelecesse limite aos lucros.

RESOLUÇÃO:

O governo exercia forte controle sobre as atividades comerciais

Resposta: A

4 Justiniano (527-565), no Império Romano do Oriente, enfrentou diferentes dificuldades internas, até mesmo nas relações entre a Igreja e o Estado, em virtude das heresias, como a dos monofisistas, que entre outros princípios

- pretendiam a destruição de todas as imagens.
- negavam a natureza humana de Cristo.
- defendiam o conhecimento de Deus, inspirado no misticismo.
- admitiam o dualismo de inspiração budista.
- afirmavam a reencarnação das almas em corpos animais.

RESOLUÇÃO:

mono = um, fisios = natureza ⇒ De acordo com essa heresia, Cristo teria apenas uma natureza (a divina), e não duas como afirmava a Igreja.

Resposta: B

5 Sobre o Império Bizantino, coloque verdadeiro (V) ou falso (F).

- Constantinopla, a "Nova Roma" de Constantino, foi fundada para servir de capital do Império.
- Sua localização geográfica era péssima: era descampada por todos os lados, facilitando as invasões.

(2) De 395 até 1453, a cidade funcionou como centro político e econômico, quando foi conquistada por Maomé II.

(3) O grande imperador de Bizâncio foi Justiniano, de origem humilde, mas protegido por seu tio, o imperador Justino.

(4) Teodora, uma ex-atriz, teve pouca influência no governo de Justiniano.

(5) No *Corpus Juris Civilis*, Justiniano organizou uma compilação das leis romanas desde a República até o Império.

(6) Para facilitar a consolidação de sua monarquia universal, Justiniano procurou dar unidade ao cristianismo, combatendo as heresias.

(7) A *Revolta Nika*, ocorrida no Hipódromo de Constantinopla, foi uma das principais ameaças ao trono de Justiniano.

(8) Com o objetivo de reconstruir o Antigo Império Romano, Justiniano empreendeu campanhas militares denominadas "Reconquista".

(9) Os generais Belisário e Narses reconquistaram a África, a Itália e o sul da Espanha.

RESOLUÇÃO:

1 – A localização de Constantinopla facilitava sua defesa.

2 – Constantinopla foi conquistada pelos turcos otomanos.

4 – Teodora foi fundamental no governo de Justiniano, auxiliando-o com muita firmeza.

Resposta: 1, 2 e 4 são falsos (F).

6 (PUC-PR – Modelo ENEM) – "É bizantino esperar de uma política bancária que aumenta os depósitos compulsórios e que eleva a alíquota do PIS/Cofins uma redução expressiva das taxas de crédito. Também o é culpar a Selic e o lucro dos bancos pelos empréstimos caros no Brasil, ignorando as demais causas. A superação da barreira do crédito demanda um diagnóstico realista e a eliminação das bizantinices."

(Roberto Luis Troster, *Folha de S.Paulo*, 03. Ago.2006, p. A3).

O autor nos compara, com muita propriedade, com o Império Bizantino, onde

- o povo não era atingido por tributações exageradas, causa da paz e equilíbrio sempre presentes naquela sociedade.
- seus habitantes deleitavam-se com discussões filosóficas, sutis e que não levavam a nenhuma conclusão.
- as decisões econômicas eram tomadas democraticamente.
- havia programas de previdência e aposentadorias bastante complexos.
- as decisões políticas eram tomadas com grande objetividade e rapidez.

RESOLUÇÃO:

Os bizantinos se consideravam herdeiros da cultura grega e por isso acreditavam que o muito discutir (geralmente coisas inúteis e fúteis) demonstrava erudição e conhecimento filosófico.

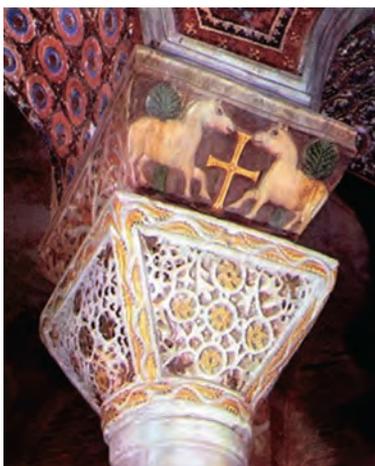
Resposta: B



O cotidiano da civilização bizantina

Traços característicos do bizantino

O primeiro traço do bizantino, que se pode sublinhar, é sua superioridade intelectual. Diehl escreve, a propósito, uma bela página: “Já se analisou a complexidade infinita da alma bizantina, a flexibilidade perfeita da inteligência, a finura sutil do espírito, a curiosidade sempre pronta, a amplitude dos conhecimentos, a riqueza da vida moral, que caracterizam esses gregos da Idade Média. Em face dos bárbaros que os cercam, esses bizantinos engenhosos, cultos e sobretudo extremamente inteligentes, que pensam em assuntos complicados e difíceis e sabem traduzir com beleza seu pensamento, que são capazes de aprofundar e discutir os problemas mais delicados, que, na conduta da vida, sabem resolver com elegante habilidade todas as dificuldades e que, ademais, não se embaraçam com vãos escrúpulos, assemelham-se a seres da raça superior, a educadores, a mestres.”



Capitel bizantino, no centro do qual é representada a cruz.

(...)

“Era a educação, e não o nascimento, que permitia o ingresso na sociedade bizantina. Foi a ignorância da cultura que tornou Romano I e seus amigos desprezados nos melhores círculos, enquanto o Patriarca Nicetas, no século XI, foi objeto de ridículo, por causa do seu sotaque eslavônico, e o estadista Margarites foi tratado com desrespeito no século XIII porque falava com voz pouco agradável.”

O segundo traço característico da alma bizantina é seu amor inato pela beleza em suas múltiplas manifestações. As formas humanas, as paisagens naturais, as construções, os tecidos, os próprios livros eram motivos para a expansão do sentimento pelo belo. Mas esse sentimento revestia muitas vezes um caráter transcendental: levava o bizantino além das aparências, à contemplação mística da Beleza Incrída, Deus.

A religião

Os bizantinos não dissociavam as coisas belas das verdades proclamadas pela religião. Tocamos aqui no terceiro e mais profundo traço característico da alma bizantina: sua profunda religiosidade. Com efeito a religião impregnava a vida política, social e privada dos bizantinos. (...)

Um quarto traço característico do povo bizantino encontramos na superstição que é a deformação do verdadeiro sentimento religioso. Feitiçaria, astrologia, magia, cartomancia, tratos com o diabo, credices, oráculos, etc., formavam um quadro sombrio e ridículo. Para avaliarmos até que absurdos podiam levar as crenças supersticiosas, basta lembrar o fato de uma multidão haver destruído em 1204 uma grande estátua de Atena só porque a mesma dava a impressão de estar acenando para os ocidentais.

A corrupção, a intriga e a crueldade são traços que os historiadores apontam como próprios do caráter bizantino. Claro está que é necessário evitar as generalizações.

Os traços negativos

Corrupção e intriga havia principalmente entre as classes dirigentes. O bizantino

“compra os lugares, vende os favores, a proteção, a justiça. Para enriquecer e subir, conta menos com o mérito que com a intriga, a habilidade, as conspirações ou a insurreição. Ambiciosos ou servís, igualmente sem escrúpulos, igualmente dispostos a todas as baixezas e a todas as traições, tais se nos deparam, salvo exceções, os indivíduos da classe dirigente.”

A crueldade bizantina reponta na atrocidade com que se infligiam certos castigos: narizes cortados, olhos vazados, orelhas arrancadas, lentas agonias que antecedem a pena suprema. Diehl salienta essa mentalidade cruel e a atribui ao fato de ser o bizantino um oriental: “Como oriental que é, o bizantino tem âmago de alma cruel, cuja emoção é por assim dizer açoitada pelos suplícios, pelo sofrimento e a vista do sangue derramado.”

Como o leitor terá notado através desses exemplos, a alma bizantina está repleta de contrastes. Seu temperamento revela-se “estranhamente apaixonado, tanto pelo bem quanto pelo mal; se a inteligência é precisa e muitas vezes admirável, o caráter não está geralmente à altura do espírito”. Diehl vê no amor do bizantino pelos êxitos da astúcia e pela perfídia bem calculada, uma das causas da rápida desmoralização social. Tal espírito explica por que, “mau grado suas reais virtudes, esses gregos sutis sempre inquietaram a rudeza franca e reta dos latinos, e por que, enfim, mau grado a grandeza do Império e tudo o que ela implica em esforços e mérito, um renome tão desfavorável adere ao epíteto de bizantino.”

(GIORDANI, M. C. *História do Império Bizantino*. Petrópolis, Editora Vozes, 1968. pp. 170-171.)



Mosaico comumente encontrado nos interiores das Igrejas, representando a figura do Bom Pastor.

- *comitatus*
- consuetudinário

1. Introdução

Em virtude principalmente de sua grandeza territorial, o Império Romano abriu caminho para as invasões dos povos germânicos. A decadência moral, associada à desorganização política, econômica e social, culminou com a falência do Estado.

A cidade de Roma, sede das decisões políticas do mundo antigo, perdeu seu brilho e esplendor, tornando-se a capital das hordas invasoras: *hunos, vândalos, visigodos, ostrogodos, burgúndios* etc. A urbe cairia diante dos “atrasados” povos *bárbaros*.

2. A origem e a vida dos germânicos

As origens dos povos germânicos apresentam diferentes versões por parte dos estudiosos. Uma corrente alemã diz que faziam parte de uma grande família indo-europeia, tendo como *habitat* a parte oriental da Rússia. Outra corrente afirma que eram originários das regiões escandinavas e que sofreram influências de outros povos, acabando por aceitar a língua europeia. Porém, em relação ao seu físico, ambos concordam que apresentavam as seguintes características básicas: estatura elevada, **dolicocefalia** e carência pigmentária.



Territórios do Antigo Império Romano, conquistados e ocupados pelos bárbaros germânicos nos séculos IV e V.

O pastoreio e a caça eram a base de seu sustento. A agricultura era itinerante e bastante rudimentar, inexistindo um grande apego à terra, talvez para não abandonarem o nomadismo, não perderem o amor à guerra e

não modificarem o seu hábito de vida, pois a sedentarização os tornaria fracos às intempéries climáticas que pareciam ignorar.



Os germanos dedicavam-se à agricultura rudimentar, cultivando a cevada e o centeio.

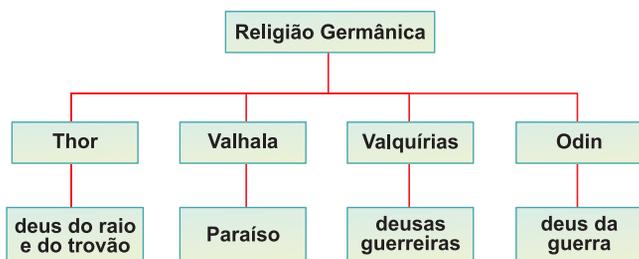
A família era a molamestra da vida social, sendo patriarcal e monogâmica. A moral era bastante rígida e o castigo pela infidelidade da mulher cabia ao marido, que geralmente a expulsava da aldeia. Entre os jovens era ensinado o valor da castidade, pois acreditavam que lhes dariam maior constituição física e melhor controle emocional. A mulher gozava de um certo prestígio social em razão da sua importância na educação dos filhos, de seu conhecimento das plantas medicinais e das possíveis forças religiosas a ela atribuídas.

A organização política apoiava-se na família, nas aldeias e nas tribos, à frente das quais se encontravam os chefes. As tribos eram independentes, reunindo-se apenas em ocasiões extraordinárias ou em épocas de guerra, inexistindo a estrutura política de Estado como a compreendemos classicamente. As relações políticas eram recíprocas e temporárias, definindo-se pelo **comitatus**, que teve profunda influência na formação do feudalismo. O Direito era bastante primitivo, baseando-se no costume.

A religião germânica era rica em lendas e mitos. O paganismo foi uma constante em suas vidas religiosas e os deuses estavam associados às forças da natureza, destacando-se: *Thor*, deus do raio e do trovão, divindade preferida na época histórica; *Wotan-Odin*, deus da guerra, a divindade mais mencionada na mitologia germânica; as *Valquírias*, virgens guerreiras.

Dolicocefalia: diz-se do tipo humano cujo crânio é oval, sendo o diâmetro transversal menor, em um quarto, do que o longitudinal.

Comitatus: grupos formados pelos guerreiros e pelo seu chefe, com obrigações mútuas de serviço e lealdade.



O contato com os romanos provocou mudanças na estrutura social de produção, pois os camponeses livres perderam sua independência, submetendo-se à autoridade dos chefes germânicos. Muitos deles fariam parte de uma nova nobreza territorial, que se fixou dentro das fronteiras do Império Romano, originando diversos reinos independentes.

3. Os reinos bárbaros

Reino Vândalo (429-534)

No início de 407, a notícia de que hordas bárbaras haviam atravessado a fronteira do Reno deixou em pânico a população do Império do Ocidente. Seguindo a rede de estradas romanas, invadiram a Espanha onde, posteriormente, encontraram a resistência oferecida pelos visigodos. Buscando empreender novas conquistas e liderados por um novo rei, Genserico, os vândalos conquistaram a base naval de Cartagena, cruzaram o Estreito de Gibraltar e, finalmente, fixaram-se definitivamente no norte da África. A importante cidade de Hipona foi transformada em capital provisória dos vândalos, partindo daí a conquista da Tunísia e, posteriormente, de Cartago.

A poderosa esquadra construída pelo rei Genserico saqueou o sul da Sicília e mais tarde conquistou as ilhas de Córsega e Sardenha, transformadas em colônias de exploração. No mesmo ano, em 455, saqueou Roma, levando, entre os milhares de cativos, a imperatriz e suas duas filhas e um grande número de trabalhadores especializados, principalmente armeiros.

Em 476, pouco antes da morte de Genserico, o imperador do Oriente reconheceu o domínio do Reino Vândalo nas províncias da África e nas ilhas do Mediterrâneo Ocidental.

Os sucessores de Genserico não souberam conduzir tão bem a administração do reino. A perda do ímpeto de conquista, associado às mudanças culturais e, principalmente, à introdução do arianismo como religião oficial, e a violenta perseguição aos cristãos ortodoxos agravaram seu enfraquecimento, permitindo incursões e pilhagens de povos nômades do deserto.

Em 534, o imperador Justiniano, reconstruindo o Império Romano e ciente da crise interna do Reino Vândalo, enviou o general Belisário à África e, após brilhantes vitórias, anexou a região ao Império Bizantino. Mais tarde, a expansão muçulmana também atingiu o norte da África, incorporando-a aos domínios de Alá.

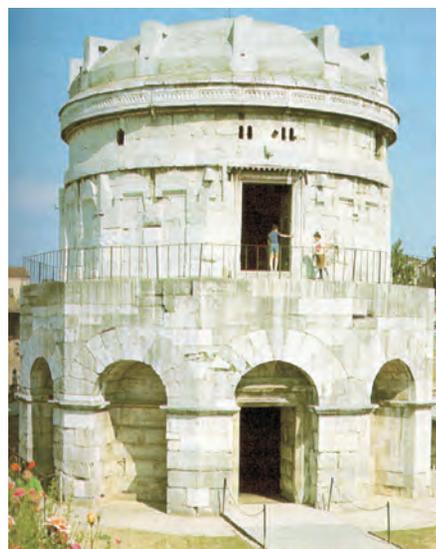
Reino Ostrogótico (493-553)

Após a destruição de seu reino junto ao Mar Negro pelos hunos, os ostrogodos investiram contra o Império Bizantino, liderados por Teodorico. Após um tratado com Constantinopla, estabeleceram-se na Macedônia e, posteriormente, o imperador Zenão concedeu-lhes a missão de conquistar a Itália, dominada por Odoacro, rei dos hérulos, que tinha deposto o último imperador romano.

Após a penosa marcha de todo o povo ostrogodo em direção à Itália, Teodorico iniciou uma série de guerras contra Odoacro, culminando com sua vitória em 493 e o início de um reinado de mais de trinta anos.

Em virtude da profunda educação que havia recebido durante os dez anos que passou como refém em Constantinopla, Teodorico preocupou-se em conservar e restaurar as velhas instituições imperiais, colocando nas províncias, ao lado dos oficiais godos, funcionários romanos. Designou arquitetos para a restauração de cidades e monumentos, como o Coliseu, cercando-se de pessoas cultas, como Cassiodoro e Boécio. Seu governo ficou conhecido como o “século de ouro”.

Procurando ampliar os limites da influência dos godos e buscando a formação de uma confederação germânica sob seu domínio, Teodorico adotou uma política de casamentos de suas filhas com os principais reis bárbaros. Essa aliança tinha por finalidade a formação de uma grande frente contra o poderoso Império Bizantino.



Mausoléu de Teodorico, em Ravena, construído no século VI.

O esplendor do notável governo de Teodorico foi manchado por um incidente no final de seu governo, quando uma missão diplomática, chefiada pelo papa João I, fracassou em Constantinopla ao tentar, junto ao imperador Justino, obter benefícios para os arianos bizantinos.

Pouco antes de sua morte, o rei decretou a prisão do papa e ordenou redigir um **edito** colocando as igrejas católicas sob o domínio dos arianos.

Edito: parte de lei em que se preceitua alguma coisa; mandato, decreto, ordem.

Depois da morte de Teodorico, uma violenta crise política abateu-se sobre o reino e este foi conquistado pelas forças bizantinas do general Narses, em 553.

Reino Visigótico (419-711)

Assim como os ostrogodos, os visigodos também sofreram a fúria dos hunos sobre suas regiões na Rússia Meridional. Fugindo da terrível ameaça, migraram em direção ao Império Romano, onde foram admitidos pelo imperador Valente, após a passagem através do rio Danúbio, em 376, formando uma federação.

As dificuldades oferecidas pela região provocaram a revolta dos visigodos contra os romanos, atacando cidades da Península Balcânica e deixando nas populações sua marca atroz. O imperador romano Valente tentou pôr fim à revolta dos novos inquilinos, sendo morto e seu exército massacrado na *Batalha de Andrinopla*.

Sob o reinado de Alarico, os visigodos dirigiram-se para a Itália e por três vezes consecutivas investiram em Roma. Em 24 de agosto de 410, a cidade foi saqueada violentamente, o que abalou o Império Romano. Dirigiram-se para a Gália, fundando o Reino Visigótico de Toulouse, que conheceu o apogeu no governo do rei Eurico (466-484), responsável pela conquista da maior parte da Espanha e pela habilidade com que soube conduzir o reino, elaborando leis e preservando a administração imperial.

Em 507, Alarico II foi derrotado e morto pelo rei franco Clóvis, na *Batalha de Vouillé*. Os visigodos perderam a Gália, ficando reduzidos à Espanha, onde se iniciou o segundo Reino Visigótico, com capital em Toledo. No governo de Recaredo I, convertido ao cristianismo, a Igreja Católica passou a ter grande influência sobre o reino.

Os visigodos constituíram um dos mais importantes reinos da Idade Média, desaparecendo em 711 quando o exército muçulmano, sob o comando de Tarik, derrotou-os na Batalha de Guadalete.

Anglo-Saxões (450-1035)

A Bretanha constituiu-se, ao norte, no posto mais avançado do Império Romano. Os bretões romanizados estavam sob a constante ameaça dos **pictos** da Escócia e dos **escotos** da Irlanda. Apesar da muralha que o imperador Adriano mandou construir para proteger a população bretã, eram constantes as ameaças e muito pouco os romanos conseguiram intervir.

Quando a tempestade das invasões assolou as regiões centrais do Império, a maior parte das tropas romanas foi retirada da Bretanha. Por volta de 450, desembarcaram na ilha os **jutos**, os anglos e os saxões, povos de origem germânica. Apesar da resistência dos bretões, os conquistadores formaram sete reinos, cuja unidade nunca se efetivou.

Na segunda metade do século IX, os *vikings* iniciaram a conquista da Inglaterra. O rei Alfredo, do Reino de Wessex, empreendeu um notável trabalho de defesa, o que não foi seguido por seus sucessores, permitindo a conquista de toda a Inglaterra pelos danos ou dinamarqueses.

Canuto, o Grande, ao eleger-se soberano, transformou o reino em um grande império marítimo nórdico. Ao converter-se ao cristianismo, estabeleceu a criação de **ducados**, entregues a seus parentes e companheiros, descentralizando a unidade governamental.

Picto: povo celta que habitava a Escócia.

Escoto: povo celta originário da Irlanda, que ocupou a Escócia, dando o nome à região.

Juto: povo germânico originário da atual Jutlândia.

Ducado: território que constitui o domínio de um duque.



O conhecimento da História

Os hunos

“Os historiadores antigos mal mencionam os hunos. Habitam além do paul Meótido, nas margens do Mar Glacial. Sua ferocidade supera tudo. Por meio de ferro, marcam com profundas cicatrizes as faces dos recém-nascidos, a fim de destruir aí todo o germe de barba. Assim envelhecem imberbes e sem graça, semelhantes aos eunucos. Têm um corpo grosso, os membros robustos, e nuca espessa. Suas espáduas largas tornam-nos assustadores. Diríamos animais bípedes ou destas figuras mal-esboçadas, em forma de troncos que bordam os parapeitos das pontes. Os hunos não cozinham nem temperam o que comem. Nutrem-se apenas de raízes silvestres ou de carne crua do primeiro animal que apa-

rece, carne esta que esquentam por algum tempo, sobre o dorso de seu cavalo entre suas próprias pernas. Não possuem abrigo. Entre eles não se usam casas, nem tampouco túmulos. Não encontraríamos nem mesmo uma cabana. Passam a vida percorrendo as montanhas e as florestas, enrijados desde o berço contra o frio, a fome, a sede. Mesmo em viagem, não entram em habitação sem necessidade absoluta, e não se creem nunca em segurança. Cobrem-se de um linho ou de peles de ratazanas do mato, cosidas entre si. Não possuem veste interior nem roupa para visita. Uma vez que enfiaram a túnica de uma cor desbotada, não a deixam mais até que ela caia de velha. Cobrem a cabeça com chapéus de abas caídas. Envolvem em peles de cabra

as peludas pernas. Seus calçados disformes estorvam-lhes a marcha, tomando-os pouco aptos para combater a pé. Di-los-íamos pregados aos corcéis pesados, mas robustos. Montados neles, assentados por vezes à maneira das mulheres, os hunos se entregam a toda espécie de ocupação. A cavalo dia e noite, é de lá que negociam suas compras e vendas. Não põem pé em terra, nem para comer nem para beber. Dormem reclinados sobre o magro pescoço de sua cavalgadura, onde sonham bem à vontade. É ainda a cavalo que deliberam sobre os interesses da comunidade.”

(Amiano, Marcelino, *apud* GIORDANI, M. C. *História dos Reinos Bárbaros*. Petrópolis, Editora Vozes, 1970. pp. 50-51.)

Exercícios Resolvidos

1 (PucCamp – MODELO ENEM) – Os povos germânicos contribuíram para a formação do sistema feudal à medida que trouxeram, para a Europa Ocidental,

- a) a ideia de poder político local, a estrutura das vilas, do clientelismo e do colonato.
- b) as bases da organização política, social e judiciária, e os elementos que contribuíram para o fortalecimento do poder da Igreja.
- c) a prática de economia natural, a imobilidade social, a ausência do Estado e o "comitatus", com sua noção de reciprocidade.
- d) o regime de trabalho servil baseado nas obrigações devidas pelos servos fundamentadas na talha, nas banalidades e nos tributos de casamento.

e) os princípios da corveia, o da hospitalidade forçada aos nobres e o clima de insegurança que obrigava as populações a se refugiarem no campo.

Resolução

Os elementos descritos na alternativa correta ressaltam as características gerais da organização dos reinos bárbaros germânicos.

Resposta: C

2 (FGV – modificada – MODELO ENEM) – "Os reinos bárbaros que emergiram da destruição do Império Romano tiveram curta duração. O reino dos ostrogodos e o dos vândalos foram conquistados pelo Império Bizantino. O reino dos visigodos acabou destruído pelos árabes. A heptarquia — sistema de governo de 7 reinos, que só existiu na Inglaterra — anglo-saxônica — deu origem a

um reino único, subjogado pelos normandos. Apenas o Reino Franco deitou raízes e estruturou-se na Gália."

(Mello e Costa. *História Antiga e Medieval*)

O texto refere-se ao período compreendido entre os séculos

- a) II e III a.C.
- b) III e V a.C.
- c) III e VI.
- d) V e XI.
- e) II e VII.

Resolução

As datas de formação dos reinos citados não podem ser fixadas com precisão. Entretanto, é possível considerar os seguintes limites cronológicos: o reino visigótico (410 - 711), ostrogótico (476 a 552), Vândalos (435 - 534), Anglo-saxão (500 a 850), e o Franco (criado em 507).

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Aponte as duas versões para a origem dos povos germânicos.

RESOLUÇÃO:

Uma das hipóteses, a defendida pela escola alemã, é a de que eram originários da parte oriental da Rússia. A segunda é a de que eram originários da região escandinava e que, ao sofrer influência de outros povos, acabaram por aceitar a língua estrangeira.

2 Comente as relações políticas entre o chefe e os guerreiros de uma tribo.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do *comitatus*, que definia relações políticas temporárias e de reciprocidade entre os guerreiros e o chefe da tribo.

3 Sobre a formação dos reinos bárbaros, na Alta Idade Média, assinale verdadeiro (V) ou falso (F).

(0) Quando os germânicos se estabeleceram no Império Romano, a economia apontava a grande decadência do comércio e da indústria.

(1) Sua economia era baseada em trocas naturais e na exploração coletiva da terra, por meio de cultivos agrícolas e da criação de rebanhos.

(2) O modo de produção combinava a propriedade comum e a propriedade individual do solo.

(3) Aos poucos, os camponeses livres foram perdendo sua independência individual, sendo submetidos à autoridade de uma nova nobreza.

(4) A sociedade germânica era patriarcal; sob o ponto de vista religioso, eram animistas, adorando as forças da natureza.

(5) A organização política tinha por base a família, que formava unidades maiores, até chegar à tribo.

(6) Em tempo de guerra formava-se o "*comitatus*", bando armado, temporário, baseado na reciprocidade das relações entre líderes e liderados.

RESOLUÇÃO:

Todas são verdadeiras.

4 Não se encontram entre os principais povos bárbaros que invadiram o Império Romano do Ocidente:

- a) vândalos.
- b) visigodos.
- c) turcos seldjúcidas.
- d) ostrogodos.
- e) saxões.

RESOLUÇÃO:

Os Turcos invadiram a Europa a partir do século XI, quando o Império Romano não existia mais.

Resposta: C



5) Identifique em qual época histórica este mapa se insere e o que ele representa.

- Início da Idade Média e reinos bárbaros
- Fim da Idade Média e reinos germânicos
- Alto Império Romano e reinos bárbaros
- Baixo Império Romano e reinos germânicos
- Alto Império Romano e invasões bárbaras

RESOLUÇÃO:

Observando o mapa, notamos a presença de reinos bárbaros estabelecidos, o que só iria acontecer no início da Idade Média.

Resposta: A

Módulo

19

Impérios Francos

Palavras-chave:

- *major domus* • *missi dominici*
- Poitiers • Verdun

1. O Reino Franco (481-987)

As invasões germânicas, na realidade, abriram as portas do Império Romano para a entrada dos francos, que se constituíram no reino mais poderoso da Europa Ocidental. Suas origens remontam à figura mítica de **Meroveu** que, aliado aos romanos, ajudou a combater os hunos, passando à tutela de Roma. Em 476, quando a “cidade eterna” foi conquistada definitivamente pelos hérulos, os francos puderam iniciar o seu expansionismo territorial.

Dinastia dos Merovíngios (481-751)

Após cinco anos de governo, **Clóvis** derrotou as forças do general galo-romano Siágrio e anexou grande parte da Gália, ultrapassando os antigos limites do reino. Em 496, os francos derrotaram os alamanos em *Tolbiac*, permitindo o seu avanço em direção ao Reno. Depois de sua vitória, o rei foi batizado em Reims com seus 3.000 guerreiros no dia 25 de dezembro. Esse feito mostrou a aliança do Estado com a Igreja, fortalecendo o poder real. Clóvis e seus descendentes passaram a ser o braço armado do catolicismo, aumentando substancialmente o número de fiéis da Igreja Católica.

Utilizando-se da fé e do clero católico, Clóvis atacou os visigodos em nome da Igreja, com a ajuda dos burgúndios, impelindo-os para além dos Pirineus.

Em 511, o Reino Franco assistiu ao sepultamento de Clóvis, e seu magnífico reino foi partilhado entre seus filhos. Thierry ficou com o leste; Clodomiro, com o centro; Childeberto, com o oeste; e Clotário, com o norte. A expansão dos francos continuou com a submissão do

Reino da Borgonha, assumindo um território que corresponde hoje à França e uma grande parte da Alemanha.

Os herdeiros de Clóvis envolveram-se em contendas sangrentas, enfraquecendo sobremaneira o poder central. Fracos e quase sem nenhuma autoridade, os príncipes herdeiros foram denominados **reis indolentes**.



A partir daí, o Reino Franco passou a ser administrado pelos **major domus**, prefeitos de palácio. Com o passar dos anos, tornaram-se os verdadeiros mandatários, criando dinastias e travando entre eles guerras sangrentas pela disputa do reino.

O *major domus* Pepino de Heristal, duque da Austrásia, aliando-se à Igreja, conseguiu consolidar seu poder, submetendo os demais prefeitos de palácio. Seu filho, **Carlos Martelo**, demonstrando inteligência política e administrativa, consolidou a subordinação dos francos. Após deter o avanço muçulmano na **Batalha de Poitiers**, em 732, teve início a centralização política, uma vez que a Igreja Católica devia a ele a continuação de sua supremacia sobre a Europa.

Com a sua morte, em 740, tornou-se prefeito do paço, seu filho **Pepino, o Breve**. Aspirando ao poder real e apoiado pelo papa Zacarias, Pepino foi coroado rei dos francos, em 751, afastando o último rei indolente merovíngio, Childerico III.

Dinastia dos Carolíngios (751-987)

A nova dinastia iniciou-se com o forte apoio da Igreja. Pepino, o Breve, e seus filhos, Carlomano e Carlos, receberam do papa o título de *Patrícios dos Romanos*, tornando-se defensores da cidade de Roma.

Em 756, Pepino lutou contra os lombardos, tomando-lhes os territórios no centro da Itália, que foram doados à Igreja. Esses territórios, que aumentaram o poder do papa, ficaram conhecidos como **Patrimônio de São Pedro**.

Antes de morrer, em setembro de 768, o fundador da dinastia Carolíngia dividiu o reino entre seus dois filhos: Carlos e Carlomano. Em 771, porém, com a morte do irmão, Carlos (futuramente denominado Magno) assumiu definitivamente o controle do império. Após o domínio dos lombardos, que ameaçavam conquistar os territórios da Igreja, Carlos Magno lutou contra os saxões, anexando a Saxônia (parte da Alemanha) e a Baviera. Na primavera de 778, cruzou os Pirineus, tentando invadir a península Ibérica, sendo obrigado a recuar, quando então morreu seu sobrinho Rolando, transformando o episódio em uma tradição lendária, representada pela *Canção de Rolando*. Os conflitos entre os muçulmanos permitiram que Carlos Magno retomasse a conquista, ocupando Barcelona, Pamplona e Navarra, criando as marcas da Espanha.

Durante os 46 anos de governo, **Carlos Magno** procurou aprimorar a administração, centralizando seu poder e introduzindo ordem e disciplina nos negócios do Estado. O Império Carolíngio foi dividido em condados ou circunscrições territoriais, cuja autoridade era exercida conjuntamente por um bispo e um conde, cabendo ao primeiro os assuntos pertinentes aos costumes e à religião, e ao segundo, os assuntos militares e financeiros.

Como os litígios entre o poder espiritual e o **temporal** eram constantes, foi criado o cargo de **missi dominici** (enviado do soberano), que anualmente visitava uma determinada região do Império para a consolidação da verdadeira justiça real.

As leis do Império Carolíngio seguiam as **capitulares** ou as ordens obrigatórias para todo o Império, abrangendo a referida "constituição" os mais diversos assuntos, tais como: instrução aos funcionários reais, regulamen-

tação da economia doméstica, regras para a exploração do domínio real etc.

No Natal do ano 800, logo após o apoio dado ao papa Leão III contra os partidários de uma família inimiga, Carlos Magno foi coroado Imperador Romano do Ocidente, cargo desocupado desde 476.



Durante o seu governo, a decadência cultural e literária de seus antecessores foi questionada, levando o Reino Franco a um verdadeiro renascer das letras e das artes. Mestres estrangeiros foram trazidos à corte do grande imperador, entre os quais, Paulo, o Diácono, historiador; Pedro de Pisa, gramático; Alcuíno, sábio e pedagogo; além de Eginardo, biógrafo do imperador. Criava-se, então, a célebre *Escola Palatina*. Talvez o êxito esperado não tenha sido conseguido, porém, não se pode deixar de admirar, no Império Carolíngio, um nobre esforço, feito no sentido de reagir contra a corrupção da língua e do pensamento, bem como uma tentativa de valorização da cultura clássica (Renascimento Carolíngio).

No ano 814, com a morte de Carlos Magno, assumiu a chefia do Reino Franco, seu filho, Luís, o Piedoso, nome dado pela sua dedicação e submissão à Igreja Católica. O novo monarca era dotado de predicados morais, porém, politicamente, um perfeito incompetente. Não conseguindo conciliar a fé com a razão administrativa, resolveu dividir o reino entre seus filhos: Carlos, o Calvo; Luís, o Germânico; e Lotário.

Após um longo tempo de luta entre os herdeiros, foi decidido, mediante o **Tratado de Verdun**, em 843, que Lotário ficaria com a Itália e uma parte da antiga Austrásia, que devido a isso passou a chamar-se Lotaríngia; Luís herdou a França Oriental (Alemanha); e Carlos recebeu a França Ocidental. Essa divisão foi fundamental para a estruturação do feudalismo, uma vez que criou a "nacionalização", ao mesmo tempo que descentralizou o poder real, dando assim absoluta autoridade para os nobres dirigentes das províncias.

Temporal: leigo, secular, que não se refere aos assuntos espirituais.
Capitulares: leis escritas aprovadas por um conselho de representantes (capítulo).

Com a morte de Luís II, herdeiro de Lotário, a França Central foi repartida entre Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo, o que enfraqueceu ainda mais o Império Carolíngio, já sofrendo as invasões dos normandos que devastaram a região. Alguns nobres sobressaíram-se na luta, pois o rei não tinha mais condições de ajudar os súditos e deter o avanço da nobreza feudal que se formava. Em 987, Hugo Capeto, conde de Paris, pôs fim à dinastia Carolíngia, substituída pela nova dinastia que se formava, a dos Capetíngios.

Os descendentes de Luís, o Piedoso, governaram a França oriental até 911, quando quatro duques germânicos (Francônia, Saxônia, Suábia e Baviera) fundaram o Reino Germânico. Nessa monarquia, o rei seria um dos duques eleito pelos outros três. Assim, em 936 assume o reinado **Oto I** (da Saxônia) que conquista grande prestígio ao vencer os húngaros e pouco tempo depois (962) foi sagrado imperador pelo papa João XII. Nascia, então, o **Sacro Império Romano Germânico**, que duraria até 1806.



Coroação de Carlos Magno pelo Papa Leão III.



Estátua equestre de Carlos Magno.



Moeda com a esfinge de Carlos Magno.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M202**

Exercícios Resolvidos



- 1 (UFPB – MODELO ENEM)** – O mapa acima descreve a configuração dos Impérios Bizantino, Islâmico e Carolíngio, no princípio do século IX. Acerca dessa configuração, é correto afirmar que
- o Império Carolíngio era geograficamente o mais expressivo entre os impérios apresentados e exerceu forte interferência militar sobre o Império Bizantino.
 - a ofensiva dos francos de Carlos Martel contra os árabes, em Poitiers, constituiu um importante antecedente para a formação da dinastia carolíngia.
 - o avanço do Islão sobre diversos territórios em torno do Mediterrâneo intensificou o comércio do Ocidente cristão com o Oriente.

- a formação dos três Impérios foi decorrência do Tratado de Verdun, que também estipulou a partilha do domínio franco.
- a presença do Islão na Itália fez o Papado afastar-se dos francos e submeter-se às orientações políticas e religiosas do Império Bizantino.

Resolução

Carlos Martel unificou as tribos francas para combater os árabes que avançavam sobre a Europa e os derrotou na batalha de Poitiers (732). Tal feito conquistou o respeito de seus guerreiros e contribuiu para estigmatizar os reis merovíngios como "indolentes". Em consequência, propiciou a ascensão de seu filho e sucessor, Pepino, o Breve, que, posteriormente, será o fundador do Império Carolíngio.

Resposta: B

- 2 (PUC-PR – MODELO ENEM)** – Dentre os vários Reinos Bárbaros que se formaram na Europa, após a queda do Império Romano Ocidental, um teve grande destaque, em virtude de personagens como Clóvis e Carlos Magno.

O grupo Germano organizador de tal reino foi o dos

- Saxões.
- Godos.
- Ostrogodos.
- Francos.
- Vândalos.

Resolução

Os francos foram os únicos bárbaros a estabelecer um reino durante toda a Idade Média. O primeiro deles – Merovíngio – foi fundado por Clóvis; o segundo – Carolíngio – foi fundado por Pepino, o Breve, cujo apogeu ocorreu durante o reinado de Carlos Magno; finalmente, após a Tratado de Verdun, o Império Carolíngio se fragmentou até surgir o reino da França.

Resposta: D

1 O que foi o Renascimento Carolíngio, ocorrido no governo do imperador Carlos Magno?

RESOLUÇÃO:

Foi o renascer das letras e das artes, que tinha como objetivo ir contra a corrupção da língua e do pensamento, assim como a valorização da cultura clássica.

2 Quais as repercussões políticas provocadas pelo Tratado de Verdun, em 843, para o Império Franco?

RESOLUÇÃO:

A descentralização do poder real, proporcionando a estruturação do feudalismo.
Supremacia do poder espiritual sobre o temporal.

3 Sobre os francos, assinale as afirmações corretas.

- (0) Os francos formaram um reino de pouco destaque na Idade Média.
 (1) Os primeiros reis francos descendiam de Meroveu, sendo por isso chamados de merovíngios.
 (2) O rei merovíngio mais importante foi Clóvis, que unificou os francos, expandiu o reino e aliou-se à Igreja, depois de converter-se ao cristianismo.
 (3) As sucessivas divisões do reino favoreceram a ascensão do *major domus*.
 (4) Com Carlos Magno começou efetivamente a dinastia Carolíngia.
 (5) Com seu prestígio militar, Carlos Magno foi sagrado Imperador do Ocidente pelo papa Leão III, no natal do ano 800.
 (6) Com a morte de Luís, o Piedoso, filho de Carlos Magno, o Império foi dividido em três partes: Carlos, o Calvo, ficou no Ocidente; Luís, o Germânico, no Oriente; e Lotário, na França Central.
 (7) Com a sagração de Lotário manteve-se a unidade imperial, até que sua morte promoveu a divisão da França entre seus irmãos.

RESOLUÇÃO:

0 – Foi o reino bárbaro de maior importância.

4 – Carlos Magno representou o auge. Pepino, o Breve, foi seu fundador.

7 – O Império Carolíngio foi dividido pelos três irmãos (Tratado de Verdun, 843) e com a morte de Luís II, herdeiro de Lotário, a França Central foi repartida entre Luís, o Germânico e Carlos, o Calvo.

Resposta: 0, 4 e 7 são falsas.

4 Carlos Magno teve importante papel no desenvolvimento do feudalismo, pois

- a) aceitou as condições do Tratado de Verdun, que desmembrou o Império Carolíngio.
 b) instituiu o costume germânico de dividir o poder com os membros da nobreza.
 c) distribuiu aos seus vassalos numerosos benefícios, que aos poucos se tornaram hereditários.
 d) criou a figura de prefeito do paço, que governava as circunscrições fronteiriças.
 e) dividiu a administração de seu Império com seus filhos: Carlos, o Calvo; Luís, o Germânico; e Lotário.

RESOLUÇÃO:

Carlos Magno distribuiu a administração do Império com seus guerreiros mais fiéis, criando Marcas e Condados.

Resposta: C

5 A importância da Batalha de Poitiers, em 732, no contexto da história da Europa, justifica-se em função

- a) de os cristãos terem sido derrotados pelos árabes, consolidando-se o feudalismo europeu.
 b) da derrota árabe frente ao Reino Franco, que impediu a islamização do Ocidente.
 c) de que a partir daí teve início a Guerra de Reconquista na Península Ibérica.
 d) de que, com essa vitória, Carlos Martel tornou-se imperador dos francos.
 e) de que esse evento assinalou o limite da expansão cristã no Mediterrâneo.

RESOLUÇÃO:

Carlos Martelo (*major domus*) uniu os francos e barrou o avanço árabe na Europa para além da Península Ibérica.

Resposta: B

6 (UFPeI – MODELO ENEM)

DIVISÃO DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO PELO TRATADO DE VERDUN



Este mapa se refere à

- a) centralização política, na fase inicial da Idade Moderna.
 b) divisão do Império Romano, no final da Idade Antiga.
 c) formação dos Estados Nacionais, no século XV.
 d) Europa Ocidental, na Idade Antiga.
 e) organização dos reinos francos, na Idade Média Ocidental.

RESOLUÇÃO:

A divisão do Império Carolíngio (com o Tratado de Verdun, em 843) enfraquece o poder dos reis carolíngios e permite uma maior autonomia para os condes e marqueses, acentuando a fragmentação territorial e política, e consequentemente, contribuindo para a cristalização do feudalismo.

Resposta: E

- Caaba • Sincretismo • Hégira
- Guerra Santa (Ramadã)

1. Introdução

A explosão do islamismo irrompeu como a violência de um furacão no deserto. A religião fundada por Maomé propagou-se pelo mundo, tornando-se peça fundamental na compreensão da história da humanidade.

Nos 13 séculos que se passaram desde a sua gênese, a religião congrega hoje mais de 800 milhões de adeptos, “unidos pelo sentimento profundo de pertencerem a uma só comunidade. E essa expansão, que continua, é devida principalmente a um espírito de universalidade que transcende qualquer distinção de raça e permite a cada povo se integrar no Islão mas, ao mesmo tempo, conservar sua cultura própria.”

(O Correio da Unesco, 1981).

2. O espaço geográfico

A Península Arábica está localizada no Oriente Médio, limitada entre o Mar Vermelho a oeste, o Oceano Índico ao sul e o Golfo Pérsico a leste, ligada ao continente pelo deserto, que cobre a maior parte da península. Não existem rios permanentes e o clima é extremamente seco, apresentando oscilações térmicas de áreas e variações de temperatura. Ao centro e a oeste encontram-se numerosos oásis, que têm origem na umidade do subsolo, originando poços de água em torno dos quais crescia uma exuberante vegetação, tornando possível a vida na região.

3. A Arábia antes de Maomé

Por diversas vezes os romanos estiveram às portas da Península Arábica, porém questionaram as vantagens de conquistar uma região tão inóspita e agreste, passando a figurar nos mapas de Roma apenas como a desconhecida província arábica.

As populações que habitavam a região central e setentrional eram de origem **semita** e encontravam-se divididas em numerosas tribos ou grupos. Os árabes do deserto, conhecidos por *beduínos*, eram nômades, de características bem diversas dos árabes do sul. Falavam árabe, idioma que acabou se impondo em toda a Arábia.

A difícil sobrevivência levou-os ao cultivo de uma escassa agricultura de tâmaras e trigo, praticada nos oásis, à criação de rebanhos, às incursões e ao comércio de caravanas, que souberam incrementar por toda a península. Os oásis e as cidades serviam-lhes de escala e de entrepostos de mercadorias, utilizando-se das **razias** para a conquista das melhores regiões.

Semita: família etnográfica e linguística, originária da Ásia ocidental, e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes.

Segundo alguns geógrafos e historiadores, a Arábia desértica do norte, machucada por um sol abrasador, contrastava com o sudoeste, região que se chamou de “Arábia Feliz” (Iêmen), destacando-se a cidade de Aden, entreposto de grande importância comercial nas relações com o Oriente.

A costa marítima era ocupada pelas tribos sedentarizadas que habitavam Meca e Yatrib, as duas principais cidades, vivendo como comerciantes ou pequenos artesãos, e exportando para o Ocidente o café, o incenso, as tâmaras e os perfumes. Afóra o crescimento desse comércio internacional, também existiam relações mercantis com os árabes do deserto.

Nem os beduínos nem os árabes urbanos possuíam um governo centralizado, prevalecia a organização tribal, não eram raros os conflitos entre as tribos.

Apesar das diferenças culturais, todos os árabes eram da mesma raça e diziam-se descendentes de Abraão; a religião mostrava uma nítida influência da religião hebraica, não apenas por sua proximidade com o “patriarca”. Durante esse período, acreditavam em um deus supremo, Alá, porém não deixavam de adorar uma infinidade de deuses inferiores, os *djins*, e, através de imagens ou totens, continuavam a apresentar o politeísmo de seus ancestrais.

Cada tribo possuía seus próprios ídolos. Apesar de terem um santuário tribal, existia um comum a todos, que se encontrava em Meca, na **Caaba**, onde estava depositada a **Pedra Negra** e todos os ídolos tribais.

A importância de Meca não parava de crescer. Para lá fluíam as mais diversas tribos em busca da adoração da Pedra Negra e de seus deuses. Cada tribo trazia de seus lugares remotos produtos típicos que comercializavam a partir das sagradas orações, realizadas por meio de um ritual; porém, todas as transações comerciais eram controladas pela tribo dos **coraixitas**, uma quase aristocracia árabe.

4. A epopeia de Maomé

Meca não dispunha de uma organização ou instituições políticas, nem possuía um forte sentimento nacional. O personagem da mudança cultural, política e religiosa chamava-se Maomé. Pertencente à família dos **haxemitas**, ramo pobre da poderosa tribo dos coraixitas, deve ter nascido, provavelmente, por volta do ano 570.

Muito cedo Maomé ficou órfão, passando a viver no deserto sob os cuidados de seu avô, onde aprendeu a conhecer a difícil vida dos beduínos e suas necessidades materiais e espirituais. Ainda jovem, retornou a Meca, tor-

Razias: guerras rápidas realizadas no deserto.

Pedra Negra: os árabes acreditavam que a grande pedra foi enviada pelo céu e simbolizava Deus; trata-se, provavelmente, de um meteorito.



Sentindo o perigo das ideias monoteístas, os coraixitas tentaram matá-lo. Alertado por alguns seguidores, Maomé fugiu de Meca para Yatrib, ficando este ato conhecido como **Hégira**, marco inicial do calendário muçulmano. Apesar de ter sido bem recebido por vários de seus seguidores em Yatrib, encontrou forte oposição dos judeus da cidade, que resistiram às tentativas de conversão, e foram assassinados em massa. Nesse momento, Maomé implantou um governo teocrático, transformando a cidade em sua base e mudando seu nome para **Medina**, a cidade do profeta.

Tomando conta da inútil tentativa da conversão pacífica, Maomé optou pela *Guerra Santa*. Meca foi sitiada e obrigada a aceitar a volta do profeta, que graças ao apoio dos beduínos, já convertidos, destruiu os ídolos da Caaba, mantendo apenas um único elo entre as tribos: a Pedra Negra.

No ano 630, o Estado Árabe estava praticamente formado, unido em torno da bandeira do islamismo e de seu único chefe, Maomé, que assumia não apenas o poder político como também o religioso, iniciando-se, assim, um governo teocrático.

A morte do profeta, em 632, acometido de um mal súbito, deixou a comunidade mergulhada numa profunda crise. Todos os atos, editos e decisões estratégicas foram tomadas unicamente por Maomé, sem contudo ter indicado a forma de sucessão.

5. Os preceitos do islamismo

A doutrina islâmica é monoteísta, girando em função de um único deus e de seu profeta maior, Maomé. Fruto de um **sincretismo** religioso, traz em seu bojo, principalmente, as influências do cristianismo e do judaísmo. Seus preceitos morais eram bastante simples, fundamentando-se em cinco princípios básicos: crença em Alá como único e verdadeiro deus; dar esmolas de acordo com suas posses; peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida; jejuar no mês de Ramadã; e orar cinco vezes ao dia em direção a Meca.

Todos os preceitos que devem ser seguidos encontram-se reunidos no **Corão**, livro sagrado escrito a partir das sínteses dos ensinamentos de Maomé, escrito por seu escravo Said. Trata-se de um livro com conotações nitidamente político-religiosas, assumindo o caráter de uma verdadeira “constituição” do povo islâmico. Os feitos de Maomé foram reunidos por seus familiares em um livro denominado **Suna**, no qual se encontram as bases da tradição, formuladas a partir dos exemplos dados por Maomé durante sua vida. Destaca-se, entre os preceitos básicos, a necessidade de combater os infiéis através da Guerra Santa ou **Djihad**.

nando-se um excelente guia de caravanas, mantendo contatos com povos monoteístas, principalmente judeus e cristãos, de quem sofreu profundas influências religiosas.

Aos 25 anos, Maomé casou-se com uma viúva rica, proprietária de camelos, chamada Khadija. O casamento deu-lhe profunda estabilidade material, porém, como todos os profetas, sua vida está envolta em muitas lendas. Acredita-se que foi a partir daí que começou a formular os princípios de uma nova doutrina religiosa, iniciando um período de meditações e jejuns. Constantemente isolava-se no deserto, buscando seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, a quem considerava um dos últimos profetas.

Foi durante suas andanças pelo deserto que afirmou ter tido a visão do anjo Gabriel, que o incumbira de ser o profeta de Alá. Maomé tinha 40 anos de idade e suas revelações possuíam um forte caráter emocional, pois durante suas visões encontrava-se sempre em transe. Dedicou-se à pregação junto aos seus familiares, não se contentando com a vida economicamente tranquila que ora dispunha.

Após três anos, seguido por um pequeno grupo de fiéis convertidos à nova fé, Maomé começou a falar para os coraixitas em frente à Caaba, pregando a destruição dos ídolos e afirmando a existência de um só deus, Alá. As mudanças religiosas propostas pelo profeta acabaram por entrar em choque com os líderes coraixitas, pois a implantação do monoteísmo significaria a diminuição da peregrinação de fiéis a Meca, uma vez que Alá, não tendo forma física, estaria em toda parte.



Desde a época de Maomé os fiéis sempre rezaram ao redor da Caaba, em Meca, capital do islamismo.

Sincretismo: fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.



O arcanjo Gabriel revela a Maomé, sempre representado por uma chama, sua missão profética.



Gravura mostra Maomé pregando aos seguidores.



O Corão é considerado sagrado por ser inspirado por Alá.



A mulher na família árabe

A mulher, [...] seja irmã, mãe ou esposa, não tem outra importância a não ser a que lhe conferem o seu lugar e a sua autoridade moral no seio do grupo, e a sua fecundidade, também: fora do que, especialmente no que respeita às decisões do grupo, à sua vida cultural, à sua história, ela é uma personagem de segundo plano. O que conta, fundamentalmente, é a linhagem, e a linhagem masculina: é a ela e só a ela que se ligam a glória, a raça e mesmo o nome do beduíno.

A intervenção da mulher, enquanto meio de assegurar uma descendência ou de obter alianças fora do grupo, não deve causar a estes princípios masculinos senão a mínima perturbação possível, sendo a feminilidade considerada, neste aspecto, como um mal necessário ou um obstáculo a vencer. Logo, limitam-se-lhe

os efeitos, casando, de preferência, com a filha do tio paterno, sem que a esposa, portanto, venha a quebrar o círculo da família agnática. Outras vezes, tira-se vantagem da presença de mulheres na linhagem: orgulhando-se de uma dupla ascendência nobre, pelo pai e pela mãe, não se procura dar a esta o que lhe é devido, mas reatar, para além deste anel de parentesco, por exemplo, a partir do avô materno, uma nova linhagem de homens, de acordo com o princípio assente de que duas ascendências por via masculina valem mais do que uma.

Enfim, é talvez uma mentalidade do mesmo tipo a que explica a presença, no vocabulário árabe, de um termo especial para designar o tio materno: não por sobrevivência de um hipotético matriarcado, que perguntamos como se poderia

perpetuar, sem o mínimo suporte, numa sociedade tão furiosamente patrilinear, mas talvez explicável pela preocupação que há de dar-se uma referência masculina ao único ponto da cadeia de ascendências, no qual, por força das necessidades biológicas, a intervenção do elemento feminino não pode ser evitada. Aqui ainda, portanto, exigências de uma masculinidade que encontraremos, aliás, do mesmo modo, se, invertendo os pontos de vista, nos colocarmos do lado do grupo, não de recepção, mas de origem, da mãe: porquanto, para os homens que o constituem, o irmão da mulher assim dada a outro grupo, lembrará, no seio deste, que, através dela, é uma linhagem masculina que se alia a outra linhagem masculina.

(MIQUEL, André. *O Islame e sua Civilização*. Lisboa, Cosmos, 1971. pp. 28-32.)



Exercícios Resolvidos

1 (FGV – MODELO ENEM) – "Inspiramos-te, assim como inspiramos Noé e os profetas que o sucederam; assim, também inspiramos Abraão, Ismael, Isaac, Jacó e as tribos, Jesus, Jonas, Aarão, Salomão, e concedemos os Salmos a Davi. E enviamos alguns mensageiros, que te mencionamos, e outros, que não te mencionamos; e Allah falou a Moisés diretamente... Ó adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão somente um mensageiro de Allah e o seu Verbo, que Ele enviou a Maria, e um Espírito d'Ele."

(Alcorão, 4:163-164 e 171. *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado com comentários*, p.137-138.)

A respeito do Islão é correto afirmar que

- a) a religião muçulmana, apesar das influências do judaísmo e do cristianismo, significou uma ruptura com a tradição monoteísta ao estabelecer Alá como divindade superior a um conjunto de gênios e divindades secundárias.
- b) a religião muçulmana surgiu no século VII, a partir das pregações de Maomé realizadas na Palestina, entre as tribos judaicas que haviam renegado o Livro Sagrado.
- c) a pregação de Maomé, registrada no Alcorão, ajudou a reverter a tendência à fragmentação política e cultural dos povos árabes, fornecendo as bases religiosas para a expansão islâmica, a partir do século VII.
- d) a pregação de Maomé foi registrada no Alcorão, primeiro livro sagrado escrito em hebraico e traduzido para o árabe, grego e latim, o que facilitou sua divulgação na

Península Arábica, Palestina, Mesopotâmia e Ásia Menor.

- e) a transferência da capital do império islâmico para Damasco, durante a Dinastia Omíada, e para Bagdá, com a Dinastia Abássida, provocou uma revalorização da cultura tribal árabe e a retomada dos valores panteístas dos primeiros califas.

Resolução

Para a história, a criação do islamismo tem uma explicação política – a unificação das tribos árabes rivais, dispersas pela Península Arábica. Maomé observou que as religiões monoteístas tinham a capacidade de anular diferenças étnicas e divergências comerciais, sendo, portanto, a solução para dar unidade política e cultural aos povos árabes.

Resposta:C

2 (UFRRS – MODELO ENEM) – O texto abaixo refere-se aos progressos de uma importante civilização dentro da História da Humanidade nos séculos VII ao XIV da Era Cristã.

“Um povo, até então quase desconhecido, unificara-se levado pelo impulso de uma nova religião. [...] Os mais antigos Estados desmoronavam e, do Sir-Daria ao Senegal, as religiões estabelecidas inclinavam-se diante de uma recém-chegada, a mesma que, hoje, conta cerca de 300 milhões de fiéis. A nova civilização resultante destas conquistas alinhar-se-ia entre as mais brilhantes e seria, de vários pontos de

vista, a preceptora do Ocidente, depois de ter por sua vez recolhido, vivificando-a, grande parte do legado antigo.”

(PERROY, E. "A Preeminência das Civilizações Orientais". In CROUZET, M. *História Geral das Civilizações*. Tomo III, 1.ª vol., p. 95.)

A partir das informações fornecidas, identifique o povo que marca esta civilização, indicando, também, a religião, o livro sagrado, o profeta, a principal cidade e a atividade econômica que caracterizam este povo.

a) árabes – Islamismo – Novo Testamento – Cristo – Bombaim – agricultura

b) hebreus – Judaísmo – Antigo Testamento – Moisés – Jerusalém – comércio
 c) árabes – Budismo – Corão – Maomé – Meca – artesanato
 d) persas – Zoroastrismo – Livro dos Ensinamentos – Nostradamus – Bagdá – artesanato
 e) árabes – Islamismo – Corão – Maomé – Meca – comércio

Resolução

A civilização é a árabe; a religião, a islâmica; o livro sagrado, o Corão; o profeta, Maomé; a principal cidade, Meca; e a atividade econômica, o comércio.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Faça uma comparação entre as características e a forma de vida da população da Arábia do deserto e da Arábia do litoral, antes da implantação do islamismo.

RESOLUÇÃO:

Os árabes do deserto (beduínos) eram nômades, praticavam uma modesta agricultura (tâmaras e trigo), criavam rebanhos e realizavam o comércio por meio de caravanas; os árabes do litoral eram sedentários, viviam de comércio, artesanato e exportação (café, incenso, tâmaras, perfumes).

2 Por que Meca foi considerada a cidade mais importante da Arábia pré-islâmica?

RESOLUÇÃO:

Devido à existência da Caaba – santuário religioso comum a todas as tribos – os beduínos dirigiam-se a Meca para adorar a Pedra Negra e todos os ídolos tribais. Aproveitando a oportunidade, realizavam negócios entre si, transformando Meca em um importante centro comercial.

3 Explique o sincretismo da religião islâmica, apontando as principais “obrigações” do muçulmano.

RESOLUÇÃO:

A doutrina islâmica é monoteísta, fruto de um sincretismo religioso, com influências do cristianismo, do judaísmo e de tradições árabes antigas. As obrigações principais são: crer em Alá, dar esmolas, peregrinar a Meca pelo menos uma vez na vida, jejuar no mês de Ramadã, orar cinco vezes ao dia em direção a Meca.

4 (ENEM) – O ano muçulmano é composto de 12 meses, entre eles o Ramadã, mês sagrado para os muçulmanos que, em 2001, teve início no mês de novembro do Calendário Cristão, conforme a figura que segue



Considerando as características do Calendário Muçulmano, é possível afirmar que, em 2001, o mês Ramadã teve início, para o Ocidente, em

- a) 01 de novembro.
- b) 08 de novembro.
- c) 16 de novembro.
- d) 20 de novembro.
- e) 28 de novembro.

RESOLUÇÃO:

O Crescente é o símbolo do islamismo, pois Maomé fugiu de Meca para Medina, em 622 d. C. (episódio conhecido como Hégira), depois que o eclipse lunar por ele anunciado foi apenas parcial – deixando visível uma quarta parte da Lua. Por essa razão, o Crescente aparece em numerosas bandeiras de países islâmicos. Ora, se a fase da Lua Nova se completou em 15 de novembro de 2001, a fase do Quarto Crescente começou no dia subsequente, dando início ao mês do Ramadã – no calendário muçulmano, que é lunar, todos os meses começam no 1º dia da fase do Quarto Crescente.

Resposta: C

5 Analise o texto:

O Paraíso

“Deus está rodeado de anjos, dóceis servidores seus, e sob os quais se agita Satanás, Iblis, o apedrejado, chefe dos demônios a quem perdeu o orgulho. Os homens, depois de mortos, são julgados por Deus, ressuscitarás no dia do Juízo Final, quando a terra tremerá com violenta sacudida e quando as montanhas mover-se-ão como campos de lã macia. Os perversos e os ímpios serão jogados no Gehana: o fogo será sua moradia e ali habitarão o jardim das delícias, onde repousarão em divãs adornados de pedrarias. Terão, ao menor desejo, as frutas que mais gostarem e a carne de aves raríssimas. Os mais favorecidos verão a Deus dia e noite, felicidade que exercerá a todos os prazeres dos sentimentos.”

(Extraído do *Corão*)

Do que o texto trata?

RESOLUÇÃO:

Tratado sobre o Juízo Final e das recompensas eternas, quando os bons irão ficar ao lado de Deus (Alá) e os maus irão para o Gehana (inferno).

6 A Hégira assinala

- a) um marco histórico para o início do calendário judaico.
- b) a reunificação do Império Romano sob Justiniano.
- c) a fuga de Maomé de Meca para Medina.
- d) o domínio dos navegantes escandinavos sobre os mares Báltico e do Norte.
- e) a tomada de Constantinopla pelos turcos.

RESOLUÇÃO:

O episódio é considerado o marco inicial do calendário islâmico.

Resposta: C



7 (UNIP – MODELO ENEM) – Com base na ilustração acima, bem como em seus conhecimentos, pode-se dizer que

- a) representa a Caaba, um templo situado em Meca e que é um local de peregrinação para os islamitas.
- b) representa a Caaba, um templo politeísta islâmico, situado em Meca, e que é um local de peregrinação para todos os árabes.
- c) representa a Caaba, um templo ecumênico situado em Medina, a qual é um centro de peregrinação para os islamitas xiitas.
- d) retrata a Caaba, um templo e local de peregrinação que só adquiriu importância após a fundação do islamismo por Maomé.
- e) retrata a Caaba, um templo na cidade de Damasco e cujos ídolos politeístas teriam sido destruídos por Maomé.

RESOLUÇÃO:

A Caaba constitui o local sagrado dos islamitas; situada em Meca, contém em seu interior a Pedra Negra, local onde os fiéis devem realizar suas peregrinações.

Resposta: A

- Xiitas • Sunitas
- Califas • Expansionismo

1. Introdução

Ninguém poderia imaginar que das areias do deserto da Arábia surgisse um povo empreendedor, de uma conquista tão rápida e fulminante. Em pouco mais de cem anos, os árabes construíram um vasto Império que se estendeu do Atlântico ao Oriente.

Ao desejo de expandir a fé e converter o mundo à religião islâmica, preceito fundamental da Guerra Santa, somam-se a atração pelo **butim** e a ideia de um paraíso material aos que morressem pela causa de Alá. Além disso, a expansão foi motivada pela busca de melhores terras, em decorrência da explosão demográfica, fruto da poligamia; a fraqueza dos Impérios Persa e Bizantino; e a fragmentação dos reinos bárbaros que conquistaram o Império Romano.

2. A organização dos califados

“O desaparecimento de Maomé não provocou a dissolução da incipiente comunidade muçulmana, primeiro porque os adeptos do islamismo, em sua maioria, eram crentes sinceros, apegados à fé, à sua defesa e propagação; depois porque, de imediato, surgiram dois homens de caráter, **Abu Bekr** e **Omar**, os primeiros dois califas que, além das responsabilidades do poder, souberam assumir temerariamente as da sucessão e herança do profeta. Tanto um como outro souberam manter os muçulmanos coesos, a despeito de cisões locais, por sua autoridade firme e, sobretudo, pelo sucesso da expansão muçulmana fora da Arábia.”

(Mantran, R. *Expansão Muçulmana*. São Paulo, Pioneira, 1977. p. 77.)

Os quatro primeiros califas eram parentes de Maomé, fazendo parte da dinastia dos Haxemitas, que estenderam seus domínios sobre as antigas civilizações da Síria, Palestina, Pérsia e Egito. Desta forma, o domínio árabe saiu de suas fronteiras, convertendo uma grande população que, com o passar do tempo, integrou-se com os mesmos direitos ao mundo muçulmano.

Os Omíadas (661-750)

Com o califa Moawiya foram rompidas as tradições da eleição pela comunidade, impondo-se o princípio da sucessão hereditária. Deu-se prioridade à centralização do governo, a capital foi transferida para Damasco, transformando a Síria na base da nova dinastia.

O governo dos Omíadas foi marcado por períodos de extrema agitação, oriunda das divergências entre as seitas rivais que quebravam a unidade religiosa pregada pelo profeta.

Butim: despojo do inimigo, de que o vencedor se apropria; saque, pilhagem.



Saiba mais

DIVISÕES DO ISLÃ

Após a morte de Maomé, o islã se dividiu em várias seitas, sendo duas as mais conhecidas – *sunitas* e *xiitas*. Os primeiros aceitaram a forma como se procedeu a sucessão, pelo califa Abu Becker e hoje correspondem a aproximadamente 85% do islamismo. Os segundos surgem da não aceitação do sogro do profeta e defendem Ali, seu genro e primo, como o legítimo sucessor.

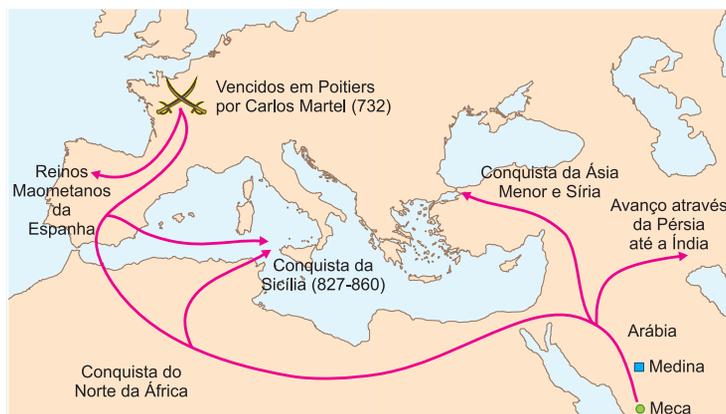
A identificação dos xiitas com o **fundamentalismo** ocorre na Revolução Iraniana comandada pelo aiatolá Khomeini em 1979, na qual se buscava a eliminação da influência ocidental. O termo, na verdade, designa a aplicação da **sharia** – *lei islâmica* – ao pé da letra, sem adaptações a tempo, épocas ou a novas situações.



Mesquita de Córdoba, Espanha. A expansão do Islão influenciou profundamente os povos conquistados.

O expansionismo nessa fase foi orientado em direção ao norte da África, submetendo as populações nativas ao islamismo, que passaram a ser denominadas de **mouros**. Após a conquista da Tunísia e Marrocos, avançaram em direção à Península Ibérica, liderados pelas forças de Tarik. Em 711, após a queda do reino visigodo, a conquista muçulmana continuou em direção à Gália, onde foi detida por Carlos Martel, na **batalha de Poitiers**. No Mediterrâneo, as conquistas restringiram-se apenas a algumas ilhas.

No Oriente, penetraram pacificamente na Índia e no Oceano Índico, instalando algumas colônias de comerciantes nos grandes portos.



A expansão islâmica, direcionada para o Oriente e o Ocidente, foi uma das mais rápidas e fulminantes da história, durante a Idade Média.

Os Abássidas (750-1258)

Após a chacina dos Omíadas pelos Abássidas, um único membro da família escapou, refugiando-se na Espanha, onde fundou o *Emirado de Córdoba*, no ano 756. Os Abássidas assumiram o poder, transferindo a capital para Bagdá, que floresceu como a mais rica cidade muçulmana. Ocorria, assim, uma profunda fragmentação no Império Islâmico.

A nova dinastia caracterizou-se por profundas mudanças no espírito governamental. O califa revestiu-se de uma autoridade teocrática, aos moldes da antiga monarquia persa.

A influência iraniana manifestou-se também no luxo e na burocracia estatal. Foi criada a figura do **vizir**, que se encarregava da administração, uma vez que o califa mantinha-se enclausurado em seu palácio, apenas mostrando-se em raras ocasiões, segundo um cerimonial herdado das tradições persas.

O novo regime é mais muçulmano que árabe, uma vez que estendeu os privilégios políticos, financeiros e militares a todos os fiéis, tratados nas mesmas condições.

A dinastia dos Abássidas preocupou-se simplesmente com a reorganização do Império, dando-lhe o caráter de um Estado burocrático, que atendia a centralização proposta por seus soberanos.

Durante o governo de Harum al-Rashid (786-809), a dinastia conheceu o apogeu. O comércio floresceu como uma das principais fontes de renda. Bagdá tornou-se um entreposto entre o Ocidente e o Oriente. A literatura também atingiu seu ápice.

A partir daí, as divisões aceleraram-se, surgindo famílias em luta pelo poder, o que enfraqueceu lentamente a dinastia dos Abássidas, culminando com a destruição de Bagdá, em 1258, pelos mongóis.

3. O Ocidente e a expansão islâmica

O expansionismo islâmico, além da conquista de um vasto território, controlou as principais rotas comerciais do Mediterrâneo. Suas técnicas de navegação permitiram-lhes navegar livremente pela bacia mediterrânea, levando o pânico às cidades costeiras, além de proibir qualquer tipo de navegação por parte dos cristãos que, segundo o historiador Ibn Khaldun, “não conseguem fazer flutuar sequer uma tábua”.

O quase completo desaparecimento do comércio europeu acelerou o processo de ruralização que já se processava na Europa, contribuindo sobremaneira para a formação do feudalismo.



1. A arte e o mestre 2. Da reflexão

Para aprender qualquer arte é preciso um mestre

A arte é uma faculdade adquirida pela qual se age sobre uma coisa que está sendo objeto de um trabalho e de reflexão. O que for objeto de trabalho é corporal e sensível, e o que é corporal e sensível se transmite de uma pessoa para outra muito melhor e de modo mais completo quando feita a transmissão diretamente. É, pois, pela transmissão direta que se obtém estes objetos da maneira a mais vantajosa. Pelo termo *faculdade adquirida* entendemos uma qualidade inerente, resultando do ato repetido tantas vezes que a sua forma se fixou definitivamente na alma. A faculdade adquirida depende da natureza de sua origem. Compreende-se melhor e de modo mais completo o que se transmite ao espírito por intermédio dos olhos que o que

se recebe por via do ensino e de instrução. A faculdade adquirida do primeiro modo é, pois, mais completa e mais sólida que a faculdade cuja aquisição fosse feita pela segunda via. A habilidade do indivíduo que aprendeu uma arte e a faculdade que tem de bem exercê-la, dependem dos bons ensinamentos que recebeu e do talento de quem o instruiu.

Da reflexão

Deus distinguiu o homem de todos os outros animais dotando-o de reflexão, faculdade que marca o início da perfeição humana e que perfaz a nobreza da espécie, assegurando-lhe a superioridade sobre quase a totalidade dos seres. Para compreender-lhe a natureza é preciso saber que a percepção é o ato pelo qual o ser perceptivo percebe em si mesmo o que está fora dele. De todos os seres criados,

os animais são os únicos que gozam desta faculdade: percebem os objetos exteriores por meio dos sentidos externos de que Deus os dotou. São em número de cinco: o ouvido, a vista, o olfato, o paladar e o tato. Possui o homem a mais, a faculdade da reflexão, que, colocada por detrás dos sentidos, possibilita-lhe a percepção do que está fora dele. Esta percepção se faz por meio de certas potências que, colocadas nos ventrículos do cérebro, apreendem as formas das coisas sensíveis, retornam-nas para o entendimento e dão-lhes, por abstração, outras formas. A reflexão operando atrás dos sentidos age sobre estas formas. É esta reflexão e o ato do entendimento que as fazem voltar para decompô-las e combiná-las.

(Os Prolegômenos II, Khaldun, Ibn, pp. 313-380).

Vizir: ministro de príncipe muçulmano.

Exercícios Resolvidos

1 (UNESP – MODELO ENEM) – “Quando Maomé fixou residência em Yatrib, teve início uma fase decisiva na vida do Profeta, em seu empenho de fazer triunfar a nova religião. A cidade de Yatrib, que doravante seria chamada de Madina Al-Nabi (Medina, a cidade do Profeta), tornou-se a sede ativa de uma comunidade da qual Maomé era o chefe espiritual e temporal.”

(Robert Mantran,
Expansão Muçulmana.)

Essa mudança para Medina, que assinala o início da era muçulmana, ficou conhecida como

a) xiismo. b) sunismo. c) islamismo.
d) hégira. e) copta.

Resolução

A doutrina monoteísta de Maomé chocava-se com os interesses comerciais da tribo coraixita que comandava a cidade de Meca, pois tinha como uma de suas principais fontes de renda a exploração da Caaba, em cujo interior encontravam-se os altares dos diversos

deuses tribais. Diante da perseguição sofrida, o profeta e seus partidários fogem (hégira) para a cidade de Yatrib. A conversão dos moradores da cidade refúgio assinala a passagem de uma comunidade pagã para uma submissa aos preceitos de Alá.

Resposta: D

2 (PUCamp – MODELO ENEM) – Entre os séculos VII e IX, os árabes realizaram uma grande expansão territorial principalmente no Norte da África, na Península Ibérica e em muitas regiões do Oriente, controlando, inclusive, o mar Mediterrâneo. Sobre essa expansão, é correto afirmar que

- a) se moveu exclusivamente por interesses religiosos, visando impor às regiões conquistadas os princípios estabelecidos no "Corão", através das chamadas "guerras santas".
b) as lutas constantes entre árabes e cristãos impossibilitaram a estes adquirir os conhecimentos que os árabes tinham, sobretudo os relacionados à navegação e às técnicas de irrigação.

c) os árabes exerceram uma postura intolerante em relação aos valores culturais nas regiões conquistadas, obrigando os povos a assimilarem seus conhecimentos científicos e religiosos.

d) a contraofensiva, desencadeada pelos cristãos, entre os séculos VIII e XI, possibilitou a unificação da Igreja cristã que, através da guerra santa, conseguiu reconquistar a Península Ibérica no século XI.

e) a guerra santa árabe consistiu num difusor dos princípios da mensagem de Alá, contribuindo como elemento fundamental para a expansão islâmica, uma vez que conciliava interesses materiais e espirituais.

Resolução

Entre os fatores que contribuíram para a expansão árabe encontramos: a unificação político-religiosa proporcionada pelo islamismo e a permissão para a prática dos saques, o que arrematou muitos adeptos, cujo interesse eram os lucros a serem obtidos com a pilhagem.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Do ponto de vista político-religioso, como se explica a expansão islâmica a partir do século VII?

RESOLUÇÃO:

Maomé conseguiu unir as tribos árabes em torno da fé islâmica, cujo corpo doutrinário estimulava a “guerra santa” e a prática do botim (saques). A expansão ocorreu em direção a regiões cujos impérios enfrentavam problemas de divisões internas (persa e bizantino), ou em processo de fragmentação (reinos bárbaros que haviam conquistado o Império Romano).

2 Qual a relação entre a expansão muçulmana e o feudalismo?

RESOLUÇÃO:

A expansão muçulmana, além de conquistar um vasto território, deu aos muçulmanos o controle das principais rotas comerciais do Mediterrâneo. O quase completo desaparecimento do comércio europeu naquela região acelerou o processo de ruralização que já se iniciava na Europa, contribuindo para a formação do feudalismo europeu.

3 O que ocorreu politicamente com o Império islâmico após a substituição da Dinastia Omíada pela Abássida?

RESOLUÇÃO:

A ascensão da Dinastia Abássida provocou algumas mudanças no mundo islâmico; transferiu a capital para Bagdá e promoveu uma notável expansão territorial e desenvolvimento cultural. A vastidão do Império também produziu seus efeitos negativos como a perda da unidade política (separatismo de muitas regiões) e a formação de dinastias locais.

4 Assinale de acordo com o código.

- a) Se I, II e III forem corretas.
b) Se I, II e III forem incorretas.
c) Se apenas I e II forem corretas.
d) Se apenas I e III forem corretas.
e) Se apenas II e III forem corretas.

I. A Guerra Santa foi o único motivo da expansão islâmica e da formação do Império Árabe.

II. A expansão muçulmana na Europa Ocidental somente foi detida em 732, na Batalha de Poitiers, por Carlos Martel.

III. Nas cidades do Império Islâmico, o comércio teve grande desenvolvimento, transformando os árabes em rivais dos comerciantes de Bizâncio.

RESOLUÇÃO:

A Guerra Santa contribuiu para a expansão islâmica.

Resposta: E

- 5 Durante a Idade Média, a Península Ibérica, em virtude da invasão muçulmana, viveu oito séculos de contínuas guerras. A contraofensiva contra o Islão é conhecida com o nome de
- Hégira.
 - Revolução Gloriosa.
 - Guerra Santa.
 - Reconquista.
 - Diáspora.

RESOLUÇÃO:

A partir do século XI, os cristãos iniciaram a retomada da Península Ibérica, resultando no surgimento dos reinos de Portugal e Espanha.

Resposta: D

- 6 Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) sobre a expansão e a civilização árabe.

- Os parentes de Maomé foram os primeiros governantes do Islão e conquistaram o Oriente Médio.
- Os Omíadas mudaram a capital para Damasco e expandiram o Império para a região do Mediterrâneo Ocidental.
- Os Abássidas instalaram a capital em Bagdá e expandiram-se para o Extremo Oriente.
- As facções religiosas deram origem a partidos políticos, dividindo o Islão em numerosos califados: Córdova, Marrocos, Egito, Tunísia etc.
- Os árabes passaram a controlar o Mediterrâneo, praticando a pirataria e as razias, isolando a Europa.
- A decadência da economia de mercado acentuou a ruralização da Europa, cristalizando o feudalismo.
- Os árabes enriqueceram o patrimônio cultural do Ocidente com valiosas contribuições.
- Introduziram no Ocidente novos produtos agrícolas e técnicas de cultivo.

RESOLUÇÃO:

Todos os itens são verdadeiros e apresentam um resumo das características da expansão e da civilização sarracena.

- 7 (UNESP – MODELO ENEM) – "Os muçulmanos entenderam que deveriam constituir uma frota para o Mediterrâneo. O resultado inicial foi a conquista de Chipre e de Rodas. A Córsega foi ocupada em 809, a Sardenha em 810, Creta em 829, a Sicília em 827. As cidades fundadas pelos gregos na Sicília foram sendo conquistadas. Palermo caiu em 831, Messina em 843, Siracusa em 848, Taormina em 902".

(Jacques Risler. *A civilização árabe*, 1955.)

Esta ocupação resultou

- no clima de intolerância religiosa e de perseguição ao cristianismo no conjunto das regiões ocupadas pelos árabes.
- na decadência acentuada do patrimônio cultural, científico e filosófico da civilização grega antiga e clássica.
- na derrocada dos regimes democráticos do Ocidente, inspirados no modelo da antiga democracia ateniense.
- na reconquista, pelos muçulmanos, de muitas regiões e cidades invadidas pelo movimento das Cruzadas europeias.
- no aprofundamento da crise da atividade comercial europeia, com o conseqüente deslocamento da população para os campos.

RESOLUÇÃO:

A conquista de boa parte do litoral mediterrâneo, a superioridade de sua frota naval e a prática das razias (pirataria) levaram os árabes a dominar esse importante eixo da economia, utilizado desde os tempos romanos. Diante disso, se intensificou a ruralização da economia e o comércio cristão se retraiu. Tal situação foi fundamental para a consolidação do feudalismo.

Resposta: E

Módulo

22

A Formação do Feudalismo

Palavras-chave:

- Contribuições romanas e germânicas
- Invasões bárbaras • autossuficiente

1. Introdução

Durante muito tempo o termo *Idade Média* foi utilizado de forma pejorativa pelos estudiosos, como sinônimo de atraso, superstição e contrário ao progresso. O termo foi utilizado inicialmente pelos humanistas dos séculos XV e XVI, que dividiram a História em três grandes épocas: Antiga, Média e Moderna.

No final do século XVIII e início do XIX, o termo *Idade Média* foi reabilitado pelo Romantismo, que passou a desenvolver pesquisas mais aprofundadas na vasta documentação medieval, mostrando a enorme importância do período para a formação da sociedade moderna. Assim, jogavam por terra o simples conceito de *Idade das Trevas*.

Costuma-se dividir o Período Medieval em duas fases distintas:

Alta Idade Média (do sec. V ao sec. XII) – formação e cristalização do sistema feudal;

Baixa Idade Média (do sec. XII ao sec. XV) – início da transição do feudalismo ao capitalismo, que se consolidou apenas no século XVIII.



O militarismo esteve sempre presente na sociedade medieval.

2. As origens da Idade Média

As origens romano-germânicas

Apesar de o Império Romano estar assentado numa intensa vida urbana, a partir do século III o comércio e o artesanato declinavam, favorecendo a ruralização. A agricultura era a atividade econômica preponderante, porém, a escassez da mão de obra escrava, gerada pela retração das guerras de conquista, agravou a crise nas grandes propriedades.

Como tentativa de solução, muitos antigos escravos libertos e também alguns camponeses livres passaram a trabalhar em uma nova relação de produção baseada no arrendamento das terras. Surgiu assim o **colonato**, forma de trabalho precursora da servidão medieval.

A instabilidade gerada pelas invasões bárbaras e a violenta alta nos preços dos gêneros agrícolas acelerou o processo de êxodo urbano. As populações passaram a gravitar em torno das **villas**, autossuficientes, dirigidas por um senhor, que possuía uma autoridade quase ilimitada sobre seus moradores, fragmentando sobremaneira o poder central. O feudalismo já se delineava no horizonte europeu.

Após um período de saques, forçando as populações a se isolarem, os povos germânicos, que trouxeram consigo o seu *modus vivendi*, passaram a se integrar com os antigos senhores da Europa, miscigenando suas culturas e assimilando a religião cristã.

Ao se fixarem em território romano, os bárbaros encontraram regiões propícias para a prática de suas atividades agropastoris, favorecendo ainda mais o processo de ruralização que se desenvolvia sobre a Europa.

Politicamente, sua estrutura fundamentava-se na organização das tribos e na prática do **comitatus**, que estabelecia laços de fidelidade mútua entre os chefes e os guerreiros. Os germânicos introduziram também a prática do **beneficium**, em que os chefes bárbaros concediam terras aos seus colaboradores em troca do pagamento de tributos. Posteriormente, com a criação das imunidades, o guerreiro passaria a ter total autonomia para agir como quisesse dentro de seu território, não precisando mais prestar contas aos agentes reais, o que favoreceu ainda mais a descentralização do feudalismo.

A força do islamismo

Após a morte do profeta Maomé, a *Guerra Santa* foi clamada contra os infiéis. O islamismo iniciou seu poderoso processo de expansão em direção ao Oriente e ao norte da África. No início do século VIII, a conquista muçulmana chegava à Península Ibérica, detida em seu avanço na Gália pelo líder franco, Carlos Martel.

Os árabes partiram então para assegurar seus domínios nos territórios conquistados e exercer o controle do Mar Mediterrâneo. Nos dois séculos seguintes, a navegação cristã foi praticamente interrompida, isolando a Europa do resto do mundo.

Colonato: relação social de produção baseada no trabalho do colono, trabalhador juridicamente livre, preso à terra, que cultivava alguns dias da semana para o proprietário, tendo direito à casa e a um pequeno lote de terra.
Villa: centro de produção rural que serviu de base para a formação dos

O Mediterrâneo era sinônimo de comércio, que agora era controlado pelos seguidores de Alá. Os ataques árabes contra as cidades litorâneas da costa mediterrânea, principalmente os antigos entrepostos comerciais, forçaram suas populações a fugir para os campos, cristalizando o processo de ruralização.

A chegada dos reis dos mares

Entre os séculos IX e XI, a Europa foi assolada por uma nova onda de invasores. Vindos da Noruega, Dinamarca e Suécia, em barcos com velas quadradas, que permitiam encurtar as longas distâncias, em princípio os normandos buscavam o comércio, porém, aos poucos, optaram pelos saques, tornando-se conhecidos com o nome de **vikings**. Essas incursões acabaram provocando total insegurança nas populações europeias, que se refugiaram ao redor dos castelos, em busca de proteção.

Os primeiros sinais da violência nórdica apareceram no litoral da Bretanha, quando vários mosteiros foram saqueados, em busca de tesouros. Posteriormente, aprofundaram-se na França, atacando várias cidades. Estabeleceram acampamentos permanentes na foz do Sena e na do Loire, servindo de base para as futuras incursões.



Castelo Gaillard, construído no séc. XII.

Mais tarde, ao descobrirem o caminho para o Mediterrâneo, avançaram sobre a África, Península Ibérica e França, subindo bem acima do Rio Ródano.

3. A organização econômica

A unidade de produção era o feudo, constituído, na maioria das vezes, pela terra, que podia ter uma extensão variável; podia ser um castelo, independente das terras; também podia ser uma ponte ganha como herança; e até mesmo “podia ser uma atribuição de autoridade pública, uma função, um direito”.

“Nos séculos X e XI vassalos **laicos** de grande importância recebiam, com frequência, igrejas como feudo – abadias, altaria, quer dizer, igrejas paroquiais, capelas –, em virtude dos rendimentos retirados das terras respectivas, da dotação que lhes cabia ou do próprio exercício

feudos medievais.

Laico: leigo; que vive ou é do próprio mundo, do século; secular (por oposição a eclesiástico).

Oblat: leigo que se oferece para serviço de uma ordem monástica.

do ministério (ofertas ou **oblatas** dos fiéis etc.); rendimentos de natureza eclesiástica, especialmente os dízimos, figuraram também entre os objetos mais procurados para a concessão como feudo.”

(Ganshof, F. L. *Que é o Feudalismo?* Lisboa, Publicações Europa-América, 1974. p. 154.)



Desenvolvendo modernas técnicas de navegação, os vikings saquearam a Europa nos séculos IX e X.

A economia feudal era totalmente baseada na agricultura e no pastoreio, utilizando-se de técnicas rudimentares, gerando uma baixa produtividade. A produção era **autossuficiente**, desvinculada da ideia de lucro. O único comércio existente era feito por meio de trocas *in natura*, isto é, produto por produto, praticamente inexistindo a circulação monetária.

As terras do feudo estavam divididas, pelo uso, em três partes: **reserva** ou **manso senhorial**, de uso parti-

cular do senhor; **manso servil**, compreendendo as terras ocupadas pelos camponeses; e as **terras comuns**, formadas pelos pastos, bosques e prados. As terras de cultivo eram identificadas por uma aldeia ao centro, cercada por campos abertos. Devido ao seu uso constante o desgaste aparecia rapidamente. O grande progresso para o cultivo da terra foi a substituição do sistema tradicional de plantio pela técnica de rotação trienal, que consistia em deixar a gleba descansando por um ano após cultivá-la por dois anos seguidos.

4. As obrigações servis

O trabalho do servo era caracterizado por uma série de obrigações, transmitidas de pai para filho, em caráter compulsório. Dentre as principais obrigações destacamos: **corveia**: consistia no trabalho dos servos e vilões na reserva senhorial, durante alguns dias da semana, que podia variar de dois a cinco dias; **talha**: parte da produção servil destinada ao senhor feudal; **banalidades**: imposto pago em produto pela utilização das benfeitorias do feudo, como o uso do moinho, do forno e das moradias; **mão-morta**: tributação paga pelo servo quando herdava um arrendamento.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M203**

Exercícios Resolvidos

1 (UFESP – MODELO ENEM) – Os elementos constitutivos fundamentais da sociedade feudal europeia estabelecida após a queda do Império Romano do Ocidente (século V) se originaram na dupla influência dos mundos romano e germânico.

Dentre as influências germânicas, podemos destacar

I – a organização populacional em centros urbanos.

II – a divisão da sociedade em classes, nas quais a elite era representada pelos intelectuais.

III – a importância dos laços de fidelidade pessoal.

IV – a inexistência da noção de “*res publica*” (coisa pública).

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

- a) I e II. b) I e III. c) II e III.
d) II e IV. e) III e IV.

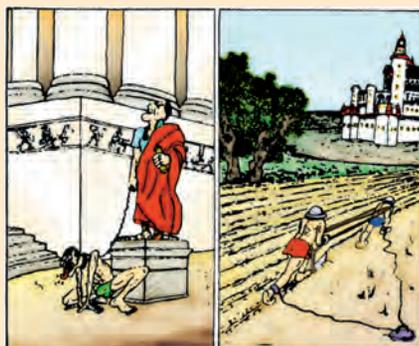
Resolução

A afirmativa I está incorreta, porque os povos bárbaros possuíam um estilo agrário e no feudalismo, uma das características era o predomínio da vida rural. A afirmativa II está incorreta, porque a sociedade germânica era tribal e desprovida de classes – assim como o

feudalismo cuja característica era a sociedade do tipo estamental.

Resposta: E

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – Observe as figuras a seguir:



Elas relacionam-se com

a) o processo de desintegração do escravismo e a lenta formação do feudalismo, quando o escravo progressivamente deixou de ser a força de trabalho dominante e os camponeses, presos a terra, não tiveram como se libertar dos latifundiários.

b) o uso do trabalho escravo na Europa Ocidental em substituição ao trabalho servil

por meio do “Colonato”, sistema que se desenvolveu no processo de decadência do modo de produção feudal.

c) o “patrocínio”, instituição criada durante o Alto Império Romano, que obrigava escravos e pequenos proprietários de terras, em troca de proteção contra os invasores bárbaros, a cultivar lotes de terra para um grande proprietário.

d) o uso do trabalho servil em substituição ao trabalho escravo por meio do “*comitatus*”, instituição que uniu camponeses pobres e grandes proprietários de terras, com o estabelecimento de laços de fidelidade.

e) o vínculo entre escravos e senhores, estabelecido no processo de expansão romana, que permaneceu inalterado na passagem da Idade Antiga para a Idade Média Ocidental.

Resolução

A imagem do escravo no Império Romano e do servo trabalhando nas terras medievais (identificado pelo castelo) nos leva à relação entre a crise do escravismo e a sua substituição pelo regime do colonato. O colono foi se tornando cada vez mais preso ao senhor feudal por uma série de obrigações, o que configurava a servidão típica da Idade Média.

Resposta: A

1 O feudo era a principal unidade de produção da Idade Média.

a) Como se dividia o feudo?

RESOLUÇÃO:

Era dividido de acordo com o uso que se fazia da terra: reserva senhorial, manso servil e terras comunais.

b) Explique a função de cada uma das partes do feudo.

RESOLUÇÃO:

Respectivamente, uso particular do senhor; terras ocupadas e cultivadas pelos servos; pastagens e riacho.

2 O feudalismo, que marcou a Europa Ocidental durante a Idade Média, resultou em duas heranças distintas, a romana e a germânica.

Comente cada uma delas.

RESOLUÇÃO:

Herança romana: vila (autossuficiência) e colonato (origem da mão de obra servil).

Herança germânica: comitatus (relações de reciprocidade) e economia natural (desmonetizada).

3 Leia atentamente o texto.

“Servidão: unia obrigação imposta ao produtor pela força e independentemente de sua vontade, para satisfazer certas exigências econômicas de um senhor, quer tais exigências tomem a forma de serviços a prestar ou de taxas a pagar em dinheiro ou em espécie.”

(Mauricc Dobb – *A Evolução do Capitalismo*)

a) A “corveia” e a “talha” estavam entre as “exigências econômicas” dos senhores em relação ao servos. Esclareça no que consistiam.

RESOLUÇÃO:

Corveia – dois ou três dias de trabalho semanal nas terras do senhor feudal. Talha – metade da produção obtida pelo servo em sua gleba.

b) O que diferencia a servidão da vassalagem?

RESOLUÇÃO:

A servidão define a relação de submissão do servo ao seu senhor e a vassalagem identifica o vínculo entre os nobres.

4 Durante a Idade Média, na Europa Ocidental, predominava o sistema feudal, cujos fundamentos eram

a) o trabalho servil, a família patriarcal e o Estado Nacional.

b) o trabalho servil, a família patriarcal e a posse da terra pela nobreza.

c) o trabalho servil, a família igualitária e a posse da terra pela burguesia.

d) o trabalho livre, a família patriarcal e a posse da terra pelos nobres.

e) o trabalho escravo, a família patriarcal e a posse da terra pelos camponeses.

RESOLUÇÃO:

A alternativa apresenta alguns elementos fundamentais do sistema feudal.

Resposta: B

5 Sobre o feudalismo no Ocidente, é correto afirmar que

a) nasceu na Idade Média, mas sobreviveu ao fim desta época, como demonstram sua difusão pelas Américas, espanhola e portuguesa, e sua permanência na Europa, ao longo do período moderno.

b) seu período de incubação, entre os séculos IV e VIII, e de decadência, entre os séculos XIV e XVI, foram quase tão longos quanto seu próprio período de plenitude (séculos IX e XIII).

c) não teria se desenvolvido, não fosse a expansão árabe e, depois, a presença das demais civilizações orientais, que obrigaram a Europa a se isolar e construir sua própria identidade.

d) foi um sistema não original, pois também existiu em lugares como a Ásia Menor, durante o Império Bizantino, certas regiões da África, antes da colonização, e no Japão, na era Tokugawa.

e) foi um modo de produção inferior ao escravista romano, pois, se este produziu a riqueza do Império, aquele muito pouco teve a ver com a riqueza das cidades da Baixa Idade Média.

RESOLUÇÃO:

Alguns historiadores chamam esse período de Idade Média central.

Resposta: B

6 (FAAP – MODELO ENEM) – “O dízimo constituía um imposto territorial, um imposto de renda e um imposto de transmissão muito mais oneroso do que qualquer taxa conhecida nos tempos modernos. Agricultores e camponeses eram obrigados a entregar, não apenas um décimo exato de toda sua produção. O colono que deduzia as despesas de trabalho antes de lançar o dízimo a suas colheitas, era condenado ao inferno”. Clero e a nobreza constituíam as camadas governantes. Controlavam a terra e o poder. A Igreja prestava ajuda espiritual, enquanto a nobreza, proteção militar. Em troca, exigiam pagamento dos camponeses, sob a forma de cultivo das terras.

Estamos falando do sistema conhecido como

a) bárbaro

b) clássico

c) renascentista

d) feudal

e) barroco

RESOLUÇÃO:

O texto apresenta um resumo dos elementos que compõem o sistema chamado “feudal”, desenvolvido na Europa Ocidental durante a Idade Média.

Resposta: D

1. As relações sociais

A sociedade feudal era considerada estamental, praticamente não apresentando mobilidade, visto que a posição do indivíduo era determinada pelo nascimento, pelo sangue, pela tradição. Os três estamentos eram representados pelo **clero**, **nobreza** e **servos**.

A Igreja teorizava sobre as relações sociais do feudalismo, calcadas em uma rígida hierarquia, atribuindo-as à determinação divina. Segundo essa interpretação, Deus dividiu a sociedade feudal em três ordens: os que rezam (o clero), os que lutam (a nobreza senhorial) e os que trabalham (servos e vilões). Ela apresenta uma polarização — senhores (mandam) e servos (obedecem).

O senhores podiam ser leigos ou eclesiásticos e seus dependentes englobavam os servos, que estavam presos à terra, devendo obrigações e possuindo o direito de serem protegidos pelo senhor.

Existiam outras camadas sociais, como os *escravos*, pouco numerosos, que se dedicavam apenas aos trabalhos domésticos; os *ministeriais*, que estavam a serviço do senhor feudal, cuidando da administração da propriedade, fiscalizando o trabalho servil e cobrando os impostos; e os *vilões*, antigos pequenos proprietários que entregaram suas terras a um senhor poderoso em troca de proteção, tornando-se camponeses livres, mas que possuíam obrigações bem definidas.

2. As relações políticas

Politicamente, o sistema feudal embasava-se nas relações de **suserania** e **vassalagem**. *Suserano* era o rei ou nobre que, em troca de determinados compromissos, concedia a outro nobre um *benefício* — geralmente um *feudo*, correspondente a uma extensão de terra com tamanho variável.

Foi a insegurança do período que levou reis e nobres a estabelecer relações diretas entre si, visando à proteção recíproca. Como os nobres pertenciam a uma aristocracia guerreira de ascendência germânica, era importante poder contar com seu apoio.

Os grandes senhores procuravam ligar-se a outros senhores menores, com o objetivo de contar com o maior apoio militar possível. Para isso, existia a **subenfeudação**, em que um senhor concedia parte de seu feudo em benefício a outro nobre. Isso fazia com que os senhores feudais pudessem ser, simultaneamente, vassallos de um senhor e suseranos de outros.

Oficialmente, a autoridade política máxima era o rei, por ser o suserano dos grandes senhores e não prestar vassalagem a ninguém. Na realidade, porém, o poder se fragmentava entre os senhores feudais, caracterizando uma estrutura política descentralizada ou, mais corretamente, localizada.

Os senhores feudais não constituíam um grupo social uniforme. Devido à existência da subenfeudação, formavam uma hierarquia que começava no rei e se ramificava até alcançar o mais modesto dos cavaleiros. É portanto possível classificá-los em **alta nobreza** (aqueles que prestavam vassalagem diretamente ao rei) e **pequena nobreza** (aqueles que eram vassallos de outros senhores). Tais relações se estabeleciam pela **cerimônia de investidura**, a qual compreendia três partes: a **homenagem**, em que o vassallo reconhecia a superioridade do suserano; a **investidura** propriamente dita, quando o suserano concedia ao vassallo a posse do feudo; e o **juramento de fidelidade** em que ambos, punham as mãos sobre um objeto sagrado. A quebra do juramento por uma das partes isentava a outra dos seus compromissos.

Eram obrigações do vassallo para com seu suserano: prestar auxílio militar, se convocado; hospedar o suserano e sua comitiva, quando de passagem pelo feudo; participar do *Tribunal dos Iguais*, presidido pelo suserano, para julgar um senhor acusado de algum crime; e ainda contribuir para o dote das filhas e para a cerimônia em que os filhos do suserano seriam armados cavaleiros. Reciprocamente, o suserano tinha obrigações para com seu vassallo: proporcionar-lhe proteção militar; garanti-lo na posse do feudo dado em benefício; se o vassallo fosse acusado de um crime, assegurar-lhe o direito de ser julgado por um tribunal de senhores; exercer a tutoria dos herdeiros menores e proteger a viúva do vassallo falecido. A morte do vassallo, despossuído de herdeiros, trazia de volta o feudo para o suserano.

O feudalismo caracterizou-se pela fraca ingerência do poder central, praticamente inexistindo a atuação do Estado. Esse **localismo** político resultou das tradições romano-germânicas do final do Império Romano, com a prática comum de doar as terras em troca de proteção e de favores.

Com as invasões bárbaras tornou-se impossível a centralização política, não só pela insegurança provocada, como também pelas suas tradições, uma vez que era costume entre os reis bárbaros a prática do *beneficium* e do *comitatus*.

A homenagem feudal

“[...] Guilherme da Normandia acolheu os vassallos do seu predecessor: [...] Em primeiro lugar, prestaram homenagem da maneira seguinte: o conde perguntou ao futuro vassallo se queria tornar-se seu homem, sem reserva, e este respondeu: ‘quero’; depois, estando as suas mãos apertadas pelas do conde, aliaram-se por um beijo. Em segundo lugar, aquele que havia prestado homenagem fez compromisso da sua fidelidade ao *avant-parlier* [intérprete] do conde, nestes termos: ‘Prometo, pela minha fé, ser, a partir deste instante, fiel ao conde Guilherme e guardar-lhe, contra todos e inteiramente, a minha homenagem, de boa fé e sem dolo’; em terceiro lugar jurou o mesmo sobre as relíquias dos santos.”

(GANSHOF, F. L. *Que é o Feudalismo?* Lisboa, Publicações Europa-América, 1974. p. 98.)



O poder político feudal

Tendências no sistema

Sob diferentes circunstâncias, e com diferentes cadências em terras diferentes, entre meados dos séculos IX e XI, a relação feudal passou a ser o principal componente do sistema de governo na maioria dos territórios cobertos por estas considerações. Na maior parte dos lugares, deixou também o seu cunho no sistema eclesiástico de cargos; em muitos, proclamou abertamente sua exclusividade na máxima *nulle terre sans seigneur* [nenhuma terra sem senhor] – máxima significativa não só a respeito do fenômeno de governo como tal mas também a respeito da estrutura sobreposta de relações de propriedade e modo de produção.

A importância desse desenvolvimento para a minha tese é que fez de uma rede de relações interpessoais a principal estrutura de veiculação da autoridade governante. Para usarmos a frase um tanto anacrônica de Theodor Mayer, correspondia à edificação de “o Estado como uma associação de pessoas”. Mas o “Estado” assim constituído possuía uma tendência inerente para transferir a sede do poder efetivo, o fulcro do governo, para os escalões inferiores da cadeia de relações entre suserano e vassalo. Até certo ponto, o “Estado feudal” é aquele que se debilita a si mesmo, tornando o governo unificado sobre grandes áreas cada vez mais difícil.

A notável monografia de George Duby sobre o Mâconnais – uma região no que é hoje o Centro-Leste da França – fornece um exemplo desse fenômeno a longo prazo. Nessa área, onde o rei da França era uma figura tenuemente percebida e politicamente ineficaz, a principal mudança no sistema de governo durante os séculos XI e XII foi o enfraquecimento da posição do conde e a transferência de seus poderes para fidalgos de menor coturno, sobretudo aqueles que tinham edificado ou entrado na posse de castelos (os barões e castelões). Em fins do século XI, o *plaid* (tribunal) do conde tornara-se um órgão pseudojudicial, patrimonial, de significado exclusivamente privado. Os castelões tenham deixado de frequentá-lo, pois já haviam incorporado os poderes sobre a população rural que originalmente lhes eram delegados pelo conde para serem exercidos dentro dos limites de seus respectivos patrimônios. Assim, o conde deixara de exercer uma liderança direta sobre os homens livres de seu território.

Cada castelo no condado convertera-se em “um centro de governo independente do castelo condal; a sede de um tribunal que resolvia disputas independentemente do tribunal condal; o local de reunião de uma clientela de vassalos que competia com a que gravitava em torno do conde”. Cada castelão poderoso explorava em sua própria vantagem as prerrogativas de governo sobre o campesinato em toda a extensão de suas terras, desde o recrutamento militar e a cobrança de impostos até à jurisdição civil e penal. Por conseguinte:

A própria natureza do governo foi transformada. Deixa de haver distinção entre o poder do *ban*, o qual, em virtude de sua origem no poder do rei, era anteriormente considerado uma forma superior de ordem, e a dominação *de facto* de que os indivíduos usufruíam sobre seus dependentes privados. (...) Todos aqueles que protegem e mandam são considerados no mesmo plano. A hierarquia de poderes foi substituída por um padrão entrecruzado de redes competidoras de clientes. As obrigações gerais e claramente definidas em relação à comunidade como um todo foram substituídas por disposições individuais para serviços limitados e diferentes: o compromisso do vassalo para com o suserano, a submissão do dependente humilde ao seu *dominus*.

O caminho da fragmentação

Como Duby e muitos outros autores, a principal tendência durante a maior parte (mas não a totalidade) do período feudal foi a fragmentação de cada grande sistema de governo em numerosos sistemas menores e cada vez mais autônomos que diferiam imensamente no modo como executavam a tarefa de governar e estavam frequentemente em guerra uns com os outros. Vejamos o que há por detrás dessa tendência.

Em primeiro lugar, desde os primeiros tempos, era normal cada senhor ter mais de um vassalo. Como, em princípio, cada relação feudal era estabelecida *intuitu personae*, ou seja, levando em conta a individualidade dos participantes, as obrigações mútuas do suserano e do vassalo podiam diferir consideravelmente de relação para relação. Por conseguinte, a relação do senhor com os objetos finais do governo, a plebe, era mediada diferente-

mente por cada vassalo. As dimensões do feudo, os termos exatos em que este era outorgado, os direitos de governação sobre ele que permaneciam com o suserano ou eram investidos no vassalo – na medida em que essas relações básicas variavam, o mesmo ocorria com as modalidades e o conteúdo do exercício de governo. As suas rotinas cotidianas podiam, pois, diferir consideravelmente, mesmo entre feudos adjacentes obtidos nas terras do mesmo suserano. As diferenças nos termos em que um senhor enfeudava os seus numerosos vassalos podiam ser ainda aumentadas pelas diversas condições em que aquele, também como vassalo, detinha terras de outro senhor que lhe era hierarquicamente superior.

Em segundo lugar, um homem podia tornar-se vassalo de mais de um senhor, o que aumentava ainda mais a diversidade na forma como os feudos eram sustentados, explorados e governados. Além disso, no caso de os vários senhores de um vassalo brigarem entre si – e todos apelarem para a – ajuda e apoio desse vassalo, este podia usar essa situação confusa como pretexto para suspender suas obrigações para com todos eles e proclamar a sua independência. A complexidade que tais arranjos eram capazes de gerar no padrão de relações feudais pode ser vislumbrada no depoimento prestado por Robert, conde de Gloucester, numa inquirição realizada em 1133, em nome de Henrique I da Inglaterra, “sobre os feudos de barões, cavaleiros e *vavassours* da Igreja de Santa Maria de Bayeux”, na Normandia:

Sou um dos barões de Santa Maria, minha Senhora, e herdei o direito a ser o seu porta-estandarte, e detenho os feudos de dez cavaleiros de Evreux. Devo o serviço de um cavaleiro à mercê do rei de França. Para benefício do senhor da Normandia, devo o serviço de dois cavaleiros nas fronteiras há 40 dias, sempre do mesmo feudo. Além disso, para o feudo de Roger Suhart, que é um feudo de oito cavaleiros, e para o feudo de Malfiliâtre, que é um feudo para sete cavaleiros que recebi do bispo de Bayeux, devo para o serviço da rei de França um cavaleiro e meio, e para o serviço nas fronteiras da Normandia três cavaleiros durante 40 dias. E quando o duque convoca as hostes, eu devo através do bispo todos os cavaleiros cujos feudos detenho, recebidos do bispo.

Em terceiro lugar, se um vassalo, por sua vez, concedia uma parte de seu feudo a um ou mais vassallos de categoria inferior, não criava uma relação *direta* entre o seu próprio suserano e esses vassallos inferiores. Assim, o que poderíamos chamar coerência de cima para baixo do sistema era exígua: as probabilidades eram muito escassas de que as iniciativas de determinado senhor fossem unanimemente apoiadas, de forma coordenada, por todos aqueles vassallos que, em última instância, “dependiam dele” em graus muito distintos. A Inglaterra da pós-invasão foi uma exceção significativa, desde esse ponto de vista, pois aí o rei fez valer suas pretensões a ser considerado e obedecido (em assuntos específicos como o soberano de todos os nobres e vassallos do país, sem levar em conta quantos esca-

lões os separavam dele na cadeia de subenfeudações. Mas, na Europa continental, apesar da existência da obscura e discutida noção de suserania, pela qual, a partir do século XI, certos senhores sustentaram, que podiam fazer algumas reivindicações aos vassallos de seus próprios vassallos, a fragmentação da autoridade continuou.

Esses três fatores, enfraquecendo o controle efetivo dos poderes feudais superiores sobre os menores, foram acompanhados de três momentos nos desenvolvimentos no vínculo entre o senhor e seu vassalo. Em primeiro lugar, a duração desse vínculo deixou de estar na contingência de certos desempenhos por parte do vassalo. As circunstâncias em que o vassalo tinha de devolver o feudo ao seu senhor ficaram agora reduzidas à traição

flagrante e à comprovada negligência no cumprimento do dever; e, mesmo em tais casos, o vassalo podia resistir com êxito, pela força, à retomada de posse do seu feudo. Em segundo lugar, onde vigorava a máxima *nulle terre sans seigneur*, era frequentemente imposta ao senhor “uma compulsão para outorgar” um feudo que, por qualquer razão, lhe fosse devolvido; em outras palavras, ele tinha de outorgá-lo a outro vassalo e não podia mantê-lo entre suas próprias possessões. Finalmente (e de um modo sumamente significativo), o feudo passou a ser considerado parte do patrimônio da linhagem do vassalo – e, por conseguinte, divisível, transmissível por herança e, por vezes, alienável.

(POGGI, Gianfranco. *A Evolução do Estado Moderno*, Zahar Editores.)

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – O cavaleiro se situava no centro de vários círculos concêntricos, cuja coesão se devia à lealdade dele. Devia ser leal aos componentes de todos esses círculos. Porém, havendo exigências contraditórias, devia prevalecer a fidelidade aos mais próximos.

(Georges Duby. Guilherme, o marechal.)

Assinale a alternativa que apresenta alguns deveres e valores que faziam parte da ética de um cavaleiro medieval.

- a) Ser leal a todos os componentes de seu exército; agir com valor e coragem, combatendo com o objetivo de vencer e obedecendo a determinadas leis, como a de enfrentar o inimigo à vista dele e em campo aberto.
- b) Em troca de proteção, os cavaleiros deviam aos senhores feudais algumas obrigações e taxas. Obrigações, como o juramento de fidelidade que os obrigava a combater os inimigos dos vassallos e taxas, como a talha e a corveia.
- c) Os ideais de honra eram baseados em um rígido sistema de castas, e as normas de fide-

lidade e conduta dos cavaleiros baseavam-se em relações dinâmicas de produção que determinavam a posição econômica dos suseranos e dos senhores feudais.

d) Seus deveres compunham-se de compromissos de reciprocidade vertical entre senhores e cavaleiros. Os seus valores definiam a sua condição de submissão e a sua exploração pelos membros da nobreza e do clero.

e) Através da cerimônia da homenagem, era oficializada uma relação de dependência recíproca entre os cavaleiros que passavam a obedecer a seus suseranos. Essa cerimônia era o alicerce da relação entre os servos e os senhores feudais.

Resposta

O texto da questão fala sobre o juramento de fidelidade a que o vassalo está submetido e a quem ele deve a prioridade em caso de confronto. Já a alternativa se refere ao código de ética dos cavaleiros (moral cavalheiresca) em cuja função estavam valores como: a honra, o despreendimento e a destreza nos combates.

Resposta: A

2 (MODELO ENEM) – “Na sociedade feudal, o vínculo humano característico foi o elo entre subordinado e o chefe mais próximo. De escalão em escalão os nós assim formados uniam, tal como se tratasse de cadeias infinitamente ramificadas, os mais pequenos aos maiores. A própria terra só parecia ser uma riqueza tão preciosa por permitir obter ‘homens’ remunerando-os.”

(Marc Bloch, “A sociedade Feudal”)

O texto descreve a

- a) hierarquia eclesiástica da Igreja Católica.
- b) relação de tipo comunitário dos camponeses.
- c) relação de suserania e vassalagem.
- d) hierarquia nas Corporações de Ofício.
- e) organização política das cidades medievais.

Resolução

As relações de vassalagem e suserania eram costumeiras, pessoais e hereditárias e tendo como base a concessão de um feudo, feita pelo suserano ao vassalo. Elas tinham caráter recíproco, pois a fidelidade do vassalo ao suserano implicava a proteção deste último em relação ao primeiro.

Resposta: B

Exercícios Propostos

1 Explique o que era um Suserano.

RESOLUÇÃO:

Senhor feudal que concedia o benefício a um outro senhor que, em troca, lhe prestava uma homenagem.

2 Um senhor feudal poderia ter quantos vassallos quisesse? Explique.

RESOLUÇÃO:

Sim, pois a quantidade de vassallos estava ligada à possibilidade de conceder benefícios, como terras. Assim, se possuísse grandes propriedades, poderia ter muitos vassallos.

3 Em que consistia a instituição germânica do *Comitatus* que influenciou as relações feudais?

RESOLUÇÃO:

O *comitatus* era o costume segundo o qual os guerreiros juravam fidelidade a um chefe, recebendo em troca despojos de guerra e terras.

4 As principais características do feudalismo eram

- a) sociedade de ordens, economia levemente industrial, unificação política e mentalidade impregnada pela religiosidade.
- b) sociedade estamental, economia tipicamente artesanal, organização política descentralizada e mentalidade marcada pela ausência do cristianismo.
- c) sociedade de ordens, economia terciária e competitiva, centralização política e mentalidade hedonista.
- d) sociedade de ordens, economia agrária e autossuficiente, fragmentação política e mentalidade fortemente influenciada pela religiosidade.
- e) sociedade estamental, economia voltada para o mercado externo, fragmentação política e ausência de mentalidade religiosa.

RESOLUÇÃO:

Essas características identificam o sistema feudal.

Resposta: D

5 Alguns dos princípios que constituem o código ético da cavalaria feudal são

- a) a intelectualidade, a fraternidade e a tradição.
- b) a competição, a usura e a castidade.
- c) o desprezo por valores espirituais, o luxo e o desregramento moral nos torneios.
- d) o egoísmo, a vida mundana e o aventureirismo.
- e) a honra, o desprendimento e a destreza nos combates.

RESOLUÇÃO:

A moral cavaleiresca envolvia uma série de valores como os descritos na alternativa e outros ainda, como a coragem e a fidelidade.

Resposta: E

6 (MODELO ENEM) – “Na sociedade feudal, o vínculo humano característico foi o elo entre subordinado e o chefe mais próximo. De escalão em escalão os nós assim formados uniam, tal como se tratasse de cadeias infinitamente ramificadas, os mais pequenos aos maiores. A própria terra só parecia ser uma riqueza tão preciosa por permitir obter ‘homens remunerando-os’.”

(Marc Bloch, *A Sociedade Feudal*.)

O texto descreve a

- a) hierarquia eclesiástica da Igreja Católica.
- b) relação de tipo comunitário dos camponeses.
- c) relação de suserania e vassalagem.
- d) hierarquia nas Corporações de Ofício.
- e) organização política das cidades medievais.

RESOLUÇÃO:

Essa relação estipulava a divisão hierárquica na guerra.

Resposta: E

7 (MODELO ENEM) – “(...) a própria vocação do nobre lhe proibia qualquer atividade econômica direta. Ele pertencia de corpo e alma à sua função própria: a do guerreiro. (...) um corpo ágil e musculoso não é o bastante para fazer o cavaleiro ideal. É preciso ainda acrescentar a coragem. E é também porque proporciona a esta virtude a ocasião de se manifestar que a guerra põe tanta alegria no coração do homens, para os quais a audácia e o desprezo da morte são, de algum modo, valores profissionais.”

(BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa, Edições 70, 1987.)

O autor nos fala da condição social dos nobres medievais e dos valores ligados às suas ações guerreiras. É possível dizer que a atuação guerreira desses cavaleiros representa, respectivamente, para a sociedade e para eles próprios,

- a) a garantia de segurança, num contexto em que as classes e os estados nacionais se encontram em conflito, e a perspectiva de conquistas de terras e riquezas.
- b) o cumprimento das obrigações senhoriais ligadas à produção, e à proibição da transmissão hereditária das conquistas realizadas.
- c) a permissão real para realização de atividades comerciais, e a eliminação do tédio de um cotidiano de cultura rudimentar e alheio a assuntos administrativos.
- d) o respeito às relações de vassalagem travadas entre senhores e servos, e a diversão sob a forma de torneios e jogos em épocas de paz.
- e) a participação nas guerras santas e na defesa do catolicismo, e a possibilidade de pilhagem de homens e coisas, de massacres e mutilações de inimigos.

RESOLUÇÃO:

A alternativa descreve o papel da nobreza, cuja especialização era a arte da guerra.

Resposta: E

1. A força da fé

Com a decadência do Império Romano, apenas uma instituição conseguiu sobreviver: a Igreja Católica. Durante a Idade Média, a Igreja fugiu dos princípios que a originaram, integrando-se às estruturas feudais, fornecendo as bases teóricas e materiais para o funcionamento do feudalismo.

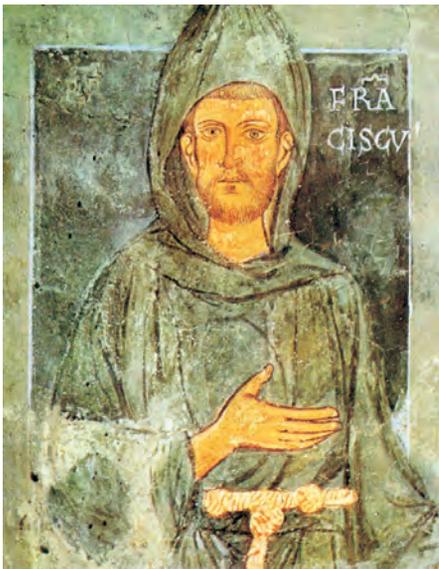
Detentores de toda cultura sobrevivente do mundo greco-romano, o clero soube utilizar-se disso de forma proveitosa, tornando-se, durante a Idade Média, grande proprietário de terras e saber.

A partir das eleições para a escolha dos bispos, a Igreja passou a contar com uma rígida hierarquização eclesiástica, dividindo-se em *alto clero* e *baixo clero*.

O **alto clero** era oriundo da nobreza, composto por bispos e abades, enquanto o **baixo clero** era formado pelas camadas inferiores, composto pelos padres, monges etc.

Muitos elementos da Igreja afastavam-se cada vez mais dos ensinamentos de Cristo, passando a interessar-se por terras, riquezas e integrando-se a um mundo profano, o que dá origem ao **clero secular**. Em oposição, surgiu o **clero regular**, composto, a princípio, pelos monges que viviam isolados nos mosteiros, pregando uma regra de vida religiosa. O sistema de regras foi criado por Bento de Núrsia, em 534, preconizando uma vida comum nos mosteiros ou abadias, voto de pobreza, castidade e obediência.

A interferência dos senhores feudais na escolha dos abades acabou corrompendo também grande parte dos mosteiros beneditinos. A deterioração da vida religiosa provocou a revolta dos mosteiros de **Cluny** e **Cister**, que clamavam pelo fim dessa interferência e pelo retorno aos princípios originais defendidos por São Bento.



Francisco de Assis, o irmão universal, personifica o ideal de pobreza.

Dentro desses movimentos reformistas destaca-se o surgimento dos frades no século XIII, considerados uma espécie de monges, sendo, porém, leigos. Ao invés de viverem enclausurados, passavam seu tempo pregando a benevolência, a pobreza e o ensino, mostrando que a principal importância da religião era o esclarecimento do ser humano, na busca de uma sociedade mais justa. O grande precursor desta nova ordem foi **Francisco de Assis**, filho de um rico mercador que renunciou completamente aos seus bens para levar adiante seus ideais.

Nessa mesma época, tentando acabar com a interferência do Estado em assuntos eclesiásticos, o papa Nicolau II criou o **Colégio dos Cardeais**, cuja finalidade era afastar a influência do imperador na escolha do papa, eliminando o cesaropapismo.

O primeiro papa eleito pelo Colégio dos Cardeais, em 1073, foi Hildebrando, monge de Cluny, recebendo o título de **Gregório VII**. Dentre suas principais medidas, proibiu a **investidura leiga**, o **nicolaísmo** e a **simonia**. Henrique IV, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, negou-se a aceitar o decreto papal que proibia a investidura leiga, e foi excomungado. O imperador foi obrigado a se humilhar, fazendo uma peregrinação até a gelada região de Canossa, nos Alpes, onde humildemente implorou o perdão papal, pondo fim, aparentemente, à **Querela (ou questão) das Investiduras**.

Posteriormente, o imperador levou seu exército à Itália, destituiu o papa e indicou Clemente III para ocupar o trono papal. O conflito só teve seu desfecho em 1122, com a **Concordata de Worms**, quando uma assembleia composta de príncipes alemães e funcionários eclesiásticos firmou um acordo estabelecendo que os futuros bispos seriam investidos nos símbolos de sua autoridade política pelo rei, jurando ao monarca fidelidade como vassalos, mas ficava reservado ao arcebispo investi-los nos símbolos espirituais.



Gregório Magno foi um dos grandes mestres evangelizadores da Igreja.

Investidura leiga: nomeação dos bispos e abades pelo imperador, que exigia destes a vassalagem, sem a interferência do poder espiritual.

Nicolaísmo: vida irregular do clero, tais como o matrimônio e a vida mundana.

Simonia: compra e venda de cargos eclesiásticos por autoridades leigas e de objetos sagrados ou espirituais, tais como sacramentos, dignidade, benefícios eclesiásticos etc.

Exercícios Resolvidos

1 (UECE – MODELO ENEM) – "Por toda a Europa reinava apenas uma Igreja: se um homem não era batizado na Igreja, não era membro da sociedade. Quem fosse excomungado pela Igreja perdia automaticamente seus direitos civis e políticos."

A civilização da Europa possuiu a característica anteriormente mencionada na

- a) Antiguidade, durante principalmente o Império Romano.
- b) Idade Média.
- c) Idade Contemporânea.
- d) Idade Moderna, por inspiração do Iluminismo.

Resolução

Em uma parte da Europa Ocidental, durante a Idade Média, a existência estava de tal forma

envolvida pela fé cristã que não havia diferença entre o espaço do sagrado e o do secular. A Igreja era o elemento definidor da vida medieval.

Resposta: B

2 (FUVEST – MODELO ENEM) – Do ponto de vista cultural, na passagem da Antiguidade para a Idade Média, é correto afirmar que o patrimônio greco-romano

- a) só não sofreu perda maior devido à ação esclarecida de muitos chefes bárbaros.
- b) perdeu-se quase completamente porque, dado o seu caráter pagão, foi rejeitado pela Igreja.
- c) foi rejeitado pelos bárbaros em razão do caráter cristão com que foi revestido pela Igreja.

d) não desapareceu com a antiguidade porque a Igreja serviu de conduto para sua sobrevivência.

e) escapou do desaparecimento graças à preservação fortuita de textos antigos.

Resolução

A Igreja foi a depositária e detentora do conhecimento durante a Idade Média. Apesar de as obras clássicas fazerem parte dos acervos das bibliotecas, pertencentes aos mosteiros, não havia liberdade para o seu estudo, afinal o princípio que regia toda a cultura era a glorificação a Deus (teocentrismo). Muitas obras acabaram, portanto, esquecidas, ou ainda, desaparecidas por muito tempo.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 "A Igreja, durante toda a Idade Média, guiava todos os movimentos do homem, do batismo ao serviço fúnebre. A Igreja educava as crianças; o sermão do pároco era a principal fonte de informação sobre os acontecimentos e problemas comuns. A paróquia constituía uma importante unidade de governo local, coletando e distribuindo as esmolas que os pobres recebiam. Como os homens ficavam atentos aos sermões, era frequente o governo dizer aos pregadores exatamente o que deviam pregar."

(Adaptado de Christopher Hill, *A Revolução Inglesa de 1640, 1977*.)

A partir do texto acima, escreva quais eram as funções sociais e políticas da Igreja Católica na Idade Média.

RESOLUÇÃO:

A Igreja, instituição organizada medieval, determinava as regras de comportamento social, hierarquizava a sociedade, condenava a usura, monopolizava a cultura e a educação, influenciava governantes e era grande detentora de terras.

2 *Lá vai São Francisco
pelo caminho
de pé descalço
tão pobrezinho*

(Vinícius de Moraes, *A Arca de Noé*.)

Durante os séculos XII e XIII, posturas como a de Francisco de Assis se opunham às práticas da Igreja Católica.

Como se explica essa oposição e em que se baseava a proposta franciscana?

RESOLUÇÃO:

Essa oposição explica-se pelo caráter luxuoso, dogmático e distanciado dos princípios de Deus. Francisco de Assis adotava os votos de pobreza como forma de recuperar os exemplos de Cristo e da Igreja Primitiva.

3 Valendo-se de sua crescente influência religiosa, a Igreja passou a exercer importante papel em diversos setores da vida medieval,

- a) como por exemplo nas Universidades, onde disseminou o cultivo das línguas nacionais.
- b) inclusive estimulando o avanço da ciência, sobretudo da medicina.
- c) impedindo a divulgação de conhecimentos científicos por meio do estabelecimento do *Index*.
- d) pois, enriquecida com as grandes doações de terras feitas pela burguesia, passou a se omitir, não se preocupando mais com a construção de igrejas e mosteiros.
- e) servindo como instrumento da homogeneização cultural diante da fragmentação política da sociedade feudal.

RESOLUÇÃO:

A religião cristã possibilitou a criação de uma unidade europeia medieval.

Resposta: E

- 4 A Igreja integrou-se ao Sistema Feudal por meio dos mosteiros, cujas características se assemelhavam às dos domínios dos senhores feudais. Como tinha
- o controle do destino espiritual, procurou combater a usura entre os integrantes do clero e entre os judeus, no que foi rigorosamente obedecida.
 - o monopólio da cultura, possuía também o monopólio da interpretação da realidade social.
 - grande influência na formação da mentalidade, insistia no ideal do preço justo, permitindo que na venda dos produtos se cobrasse a mais apenas o custo do transporte.
 - o controle da realidade social, exigia que os cristãos distribuissem os excedentes entre seus parentes mais próximos para auferir lucros.
 - a fiscalização sobre a distribuição dos excedentes em épocas de calamidade, inibia a atuação dos comerciantes inescrupulosos, ameaçando-os com multas ou com a perda de suas propriedades.

RESOLUÇÃO:

Cabia à Igreja justificar o domínio da nobreza, a exploração servil e o monopólio eclesial sobre o conhecimento.

Resposta: B

- 5 Na chamada Idade Moderna, a Igreja sofria grandes críticas e um dos alvos era a prática da Simonia, ou seja:
- o comércio de coisas sagradas: venda de cargos eclesialísticos, de indulgências etc.
 - a distribuição de terras da Igreja entre os membros mais pobres do clero.
 - o uso indevido das rendas da Igreja pelo alto clero e o luxo das catedrais.
 - o descaso do clero pelas coisas espirituais e o apego aos bens materiais.
 - impor o domínio de Simão Pedro (papa) sob o mundo.

RESOLUÇÃO:

A expressão deriva do pecado cometido por Simão em Atos dos Apóstolos (Novo Testamento) que tentou negociar os favores espirituais (Atos 8:18-24).

Resposta: A

- 6 (UFSCar – MODELO ENEM) – "O Quarto Concílio de Latrão, em 1215, decretou medidas contra os senhores seculares caso protegessem heresias em seus territórios, ameaçando-os até com a perda dos domínios. Já antes do Concílio e como consequência dele, as autoridades laicas decretaram a pena de morte para evitar a disseminação de heresias em seus territórios, a começar por Aragão em 1197, Lombardia em 1224, França em 1229, Roma em 1230, Sicília em 1231 e Alemanha em 1232".

(Nachman Falbel. *Heresias medievais*, 1976.)

- A respeito das heresias medievais, é correto afirmar que
- o termo heresia designava uma doutrina contrária aos princípios da fé oficialmente declarada pela Igreja Católica.
 - os heréticos eram filósofos e teólogos que debatiam racionalmente a natureza divina e humana da Trindade no século XIII.
 - a Igreja tinha atitudes tolerantes com os hereges de origem popular, que propunham uma nova visão ética da instituição eclesialística.
 - os primeiros heréticos apareceram nos séculos XII e XIII e defendiam antigas doutrinas difundidas pelo império otomano.
 - a heresia era conciliável com o poder temporal do Papa, mas provocou a ruptura das relações entre a Igreja e o Estado.

RESOLUÇÃO:

A doutrina da Igreja Medieval era fundamentada no dogma (verdade incontestável de fé), meio pelo qual a instituição impunha o seu domínio. Portanto, não era tolerável qualquer objeção aos seus princípios.

Resposta: A

- 7 (ENEM) – Considere os textos a seguir.

"(...) de modo particular, quero encorajar os crentes empenhados no campo da filosofia para que iluminem os diversos âmbitos da atividade humana, graças ao exercício de uma razão que se torna mais segura e perspicaz com o apoio que recebe da fé."

(Papa João Paulo II. Carta Encíclica Fides et Ratio aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão, 1998)

"As verdades da razão natural não contradizem as verdades da fé cristã."

(São Tomás de Aquino – pensador medieval)

Refletindo sobre os textos, pode-se concluir que

- a encíclica papal está em contradição com o pensamento de São Tomás de Aquino, refletindo a diferença de épocas.
- a encíclica papal procura complementar São Tomás de Aquino, pois este colocava a razão natural acima da fé.
- a Igreja medieval valorizava a razão mais do que a encíclica de João Paulo II.
- o pensamento teológico teve sua importância na Idade Média, mas, em nossos dias, não tem relação com o pensamento filosófico.
- tanto a encíclica papal como a frase de São Tomás de Aquino procuram conciliar os pensamentos sobre fé e razão.

RESOLUÇÃO:

Mera interpretação dos textos apresentados, pois nos dois casos a razão é vista como um instrumento que facilita a compreensão da fé.

Resposta: E



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M204**

1. Introdução

Entre os séculos XI e XV, profundas transformações foram operadas na Europa Ocidental, período conhecido como Baixa Idade Média. Fruto da instabilidade gerada pela crise do feudalismo, a sociedade passou por uma fase de transição, que somente se encerrou no quadro das Revoluções Burguesas do século XVIII.

Nesse período, desenvolveu-se a ideia de lucro, a economia de mercado e o processo de acumulação de capitais, dentro da ótica e dos princípios de uma nova sociedade em formação — a capitalista.

2. A expansão da cristandade ocidental

A crise do feudalismo

A crise do feudalismo manifestou-se a partir do século XI com um crescimento populacional incompatível com a produção feudal, estruturada para uma economia de subsistência e uma situação demográfica estável. Esse desequilíbrio gerou a necessidade de eliminar parte dessa população e ao mesmo tempo dinamizar a produção pelo aprimoramento das técnicas agrícolas, já detectada no final da Alta Idade Média.

Se por um lado o crescimento populacional estimulava o aumento da produtividade, por outro gerava também um grande contingente de mão de obra ociosa. De imediato era necessário alargar as fronteiras da cristandade, promovendo sua expansão para regiões dominadas por infiéis e ocupá-las em nome de Deus.

3. Cruzadas para Jerusalém

A acomodação dos *vikings* na região setentrional do continente europeu e o poder ofensivo do Islão foram sensivelmente diminuídos devido à crise política do Império Árabe, que fez surgir diversos califados independentes e conflitantes. Esse fato interrompeu a expansão muçulmana e ensejou a contraofensiva cristã, representada pelas Cruzadas. Todavia, não se poderia explicar a reação europeia somente em função de fatores internos do Islão.

Essa estabilidade no Mediterrâneo voltou a estimular a navegação europeia, reativando o comércio cristão entre o Ocidente e o Oriente. Veneza e Gênova, que já mantinham tênues relações com o Oriente, tornaram-se verdadeiros centros comerciais. A Europa começou a receber vários produtos, até então esquecidos, modificando o comportamento da sociedade feudal.

A esses elementos, soma-se a falta de terras para serem divididas entre a numerosa família dos senhores feudais. Assim, boa parte dos filhos mais novos ingressou na cavalaria, vivendo da guerra, de torneios e de saques. Alguns esperavam melhores oportunidades nos dotes de casamento.

Antigos servos e vilões transformaram-se em vendedores ambulantes ou se estabeleceram nos núcleos urbanos como artesãos. Outros tornaram-se salteadores de estradas, andarilhos ou simples mendigos.

Esse grande contingente humano, socialmente desajustado, precisava de novas terras para sobreviver.

A intensa religiosidade da época também constituiu um motivo relevante para a realização das Cruzadas. Muitos daqueles que partiram para a conquista da **Terra Santa** (Palestina) e da **Cidade Santa** (Jerusalém), fizeram-no na expectativa de assegurar a salvação eterna.

Devem-se considerar ainda outros fatores ligados à política da Igreja. O **Cisma do Oriente** – separação entre a Igreja de Constantinopla e a de Roma, ocorrido em 1054 – ainda era recente, e o Papado buscava reunificar as duas Igrejas; dentro desse projeto, os cruzados (católicos romanos) poderiam obter a simpatia dos bizantinos (católicos ortodoxos) propiciando-lhes ajuda militar contra os **turcos seldjúcidas**, que sendo maometanos fanáticos, substituíram a tolerância dos árabes pela imposição de vexações e perigos aos romeiros cristãos que peregrinavam a Jerusalém.

Alex Comneno, imperador de Constantinopla, viajou a Roma para solicitar auxílio de seus irmãos ocidentais contra a ameaça dos infiéis à cristandade oriental.

A contraofensiva da Europa em relação ao Islão não se resumiu às expedições dirigidas para o Oriente Próximo, embora comumente se reserve a elas a denominação de **Cruzadas**. Na verdade, a reação começou dentro da própria Europa, por iniciativa dos cristãos ibéricos e das cidades italianas.

Na Península Ibérica, a **Guerra de Reconquista** foi iniciada pelo *Reino das Astúrias* (de origem visigótica, mais tarde chamado *Reino de Leão*). A luta só terminou em 1492, quando a cidade de *Granada* rendeu-se a Fernando de Aragão e Isabel de Castela, reconhecidos por isso como os *Reis Católicos*.

Na Itália, foram as cidades da costa do Mar Tirreno – justamente as mais prejudicadas pelas incursões árabes, como Gênova, Pisa e Nápoles – que tomaram para si a realização da ofensiva. Recuperaram as ilhas do Mediterrâneo Ocidental ocupadas pelos árabes e as transformaram em bases para ataques contra as cidades mouras do Norte da África. A ação das cidades italianas no Mediterrâneo Ocidental foi fundamental para que as Cruzadas pudessem lançar-se à conquista do Oriente Próximo.

Primeira Cruzada (1096-1099)

Foi convocada pelo papa Urbano II em 1095, na cidade francesa de Clermont. Em 1096, uma expedição organizada partiu em direção a Jerusalém. Grandes senhores participavam do exército cruzado, comandados por Godofredo de Bouillon, duque da Lorena. Depois de passar por Constantinopla, tomaram várias cidades no litoral da Ásia: Edessa, Antioquia, Trípoli, Acre e, enfim, a própria Jerusalém.



Urbano II convocando as Cruzadas, no Concílio de Clermont.

Os cruzados criaram, nas regiões conquistadas, unidades políticas dotadas de uma estrutura semifeudal: o Principado de Antioquia, o Condado de Trípoli e o Condado de Edessa, todos vassalos do Reino de Jerusalém.



Cavaleiros templários em Jerusalém.

Segunda Cruzada (1147-1149)

Como os cruzados se envolveram em disputas internas e estavam muito distantes de suas bases europeias, os turcos logo passaram ao contra-ataque e retomaram Edessa. São Bernardo de Claraval pregou então a Segunda Cruzada, a qual foi comandada por Conrado II, imperador germânico, e Luís VII, rei da França. Chegaram a Antioquia e Acre, mas desistiram, depois de tentar em vão conquistar Damasco.



- Reino de Jerusalém (1098-1187)
- Condado de Edessa (1098-1141)
- Principado de Antioquia (1098-1268)
- Condado de Trípoli (1102-1288)
- Domínio muçulmano

Nesse ínterim, os turcos seldjúcidas haviam perdido muito de sua capacidade ofensiva. Assim, a luta contra os cristãos foi reiniciada pelo sultão do Egito, Saladino, que ocupou Jerusalém em 1187.

Terceira Cruzada (1189-1192)

Participaram o imperador germânico Frederico Barbarroxa (ou Barbarruiva), Ricardo Coração de Leão da Inglaterra e Felipe Augusto da França. Frederico, que avançava por terra, morreu na Ásia Menor e seu exército retornou à Alemanha. Ricardo e Felipe chegaram à Palestina por mar, mas logo se desentenderam.

Felipe regressou à França, onde aproveitou a ausência de Ricardo para conquistar alguns dos feudos que o rei inglês possuía em território francês. Ricardo permaneceu na Palestina e chegou a ganhar uma batalha contra Saladino. Mas suas tropas estavam demasiado depauperadas para sitiar a Cidade Santa. Ricardo fez então um acordo com Saladino (Jerusalém ficaria aberta aos peregrinos cristãos durante dez anos) e regressou à Europa.

Quarta Cruzada (1202-1204)

O malogro da Terceira Cruzada causou grande impressão no Ocidente. Inocêncio III, que recém-assumira o trono pontifício, convocou a Quarta Cruzada, cujos comandantes foram o marquês de Montferrat e o conde Balduíno de Flandres. O papa entendeu-se com Enrico Dandolo, doge de Veneza (*doge* = chefe vitalício do governo nas Repúblicas de Veneza e Gênova), o qual providenciaria o transporte marítimo dos cavaleiros cristãos. A primeira ação dos cruzados foi tomar Zara, uma cidade cristã que concorria com Veneza no comércio do Adriático.

Em 1203, os cruzados cercaram e tomaram Constantinopla, mais uma vez atendendo aos interesses dos venezianos, que pretendiam impor seu monopólio comercial sobre a capital bizantina. Em princípios de 1204, depois de reprimir uma sublevação dos moradores, os cruzados saquearam a cidade durante uma semana.

O Império Romano do Oriente foi então substituído por um **Império Latino do Oriente**. Esse Estado, organizado nos moldes feudais, durou até 1261, quando os bizantinos conseguiram expulsar os descendentes dos cruzados e restabeleceram o Estado anterior.

Portanto, a Quarta Cruzada não combateu os muçulmanos, limitando-se a atacar e pilhar populações cristãs. Isto prova que a motivação religiosa nem sempre constituiu o móvel principal daquelas expedições. Aliás, os participantes da Quarta Cruzada chegaram a ser excomungados por Inocêncio III.

Quinta Cruzada (1217-1221)

João de Brienne, que se intitulava "rei de Jerusalém", e o duque Leopoldo VI da Áustria foram os chefes da Quinta Cruzada. A expedição tocou em Acre e depois avançou para o Egito, mas não conseguiu conquistá-lo.

Sexta Cruzada (1228-1229)

A Sexta Cruzada foi conduzida pelo imperador alemão Frederico II. Este, por meio de negociações com os maometanos, recebeu algumas concessões econômicas, o título de *rei de Jerusalém* e autorização para o livre acesso dos cristãos à Cidade Santa durante quinze anos. Em seguida, Frederico retornou à Europa, sem ter entrado em combate contra os islamitas.

Sétima e Oitava Cruzadas (1248-1250 e 1270)

A Sétima e a Oitava Cruzadas foram chefiadas por Luís IX da França (São Luís). Em 1248, o monarca desembarcou no Egito, onde foi feito prisioneiro. Libertado mediante resgate, retomou a ofensiva em 1270 e desembarcou em Túnis, no Norte da África, onde morreu vitimado pela peste.

Consequências

Embora tenha sido um retumbante fracasso militar, as Cruzadas tiveram alguns efeitos fundamentais para a evolução da história europeia.

Com efeito, o bloqueio imposto pelos árabes à navegação cristã desde os séculos VIII e IX foi quebrado, e os europeus puderam utilizar as vias marítimas para alcançar a Terra Santa. A reabertura do Mediterrâneo trouxe consigo o renascimento do comércio e o desenvolvimento de uma vida cada vez mais urbana.

A Europa estava vivendo uma verdadeira crise. Se por um lado o crescimento populacional estimulava o aumento da produtividade, por outro gerava também um grande contingente de mão de obra ociosa. Havia uma necessidade de expansão para caber tanta gente e com isso mais terras para plantar.

Exercícios Resolvidos

1 (UEL – MODELO ENEM) – "... o aumento demográfico, ocorrido do século XI ao XIV, permitiu uma multiplicação da nobreza cada vez mais parasitária. Seus hábitos de consumo tornaram-se mais exigentes e maiores, o que determinava uma necessidade de renda cada vez mais elevada. Segue-se, pois, uma superexploração do trabalho dos servos, exigindo-se destes um maior tempo de trabalho..."

O texto descreve uma das causas, na Europa, da

- formação do modo de produção asiático.
- consolidação do despotismo esclarecido.
- decadência do comércio que produziu a ruralização.
- crise que levou à desintegração do feudalismo.
- prosperidade que provocou o processo de industrialização.

Resolução

O texto descreve a crise do feudalismo evidenciada no crescimento populacional, em função do esgotamento das invasões bárbaras

e as consequentes alterações na estrutura interna do sistema feudal.

Resposta: D

2 (UEL – MODELO ENEM) – "Deixai (seguir viagem rumo ao Oriente) para lutar contra os infiéis, os que outrora combatiam impiedosamente os fríeis em guerras particulares... Deixai (partir) os que são ladrões, para tornarem-se soldados. Deixai (viajar) aqueles que outrora se bateram contra os seus irmãos e parentes, para lutarem contra os bárbaros... Deixai (participar do movimento) os que outrora foram mercenários, muito mal remunerados, para que recebam a recompensa eterna."

(Pregação do Papa Urbano II, no Concílio de Clermont-Perrand, 1095).

O texto comprova que o Papado via nas Cruzadas um movimento

- teocrático, desvinculado das demais intenções.
- político, mas dissociado da intenção de submeter reis e nobres à obediência da Igreja.

c) militar, indiferente ao desejo cristão de libertar Jerusalém do fiel muçulmano.

d) comercial, alheio ao propósito de resgatar a rota da seda, gravemente ameaçada.

e) religioso, mas relacionado com a busca de soluções para a superação de problemas sociais

Resolução

O sermão do papa Urbano II no Concílio de Clermont (França) desencadeou o movimento cruzadista, cujo objetivo primário era a libertação de Jerusalém do domínio dos turcos seldjúcidas, considerados infiéis profanadores do túmulo de Cristo. Contudo, o trecho citado pela questão, demonstra outros interesses envolvidos na realização das Cruzadas: canalizar a violência guerreira, demonstrada nos torneios, a fim de retomar a Terra Santa; e livrar-se de praticantes da marginalidade, prometendo-lhes o perdão de seus delitos, bem como a possibilidade de conquistar a benevolência divina.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Sobre as Cruzadas, responda:

a) Qual o seu significado histórico?

RESOLUÇÃO:

Significou, inicialmente, a tentativa de tirar a Europa da crise – gerada pelo descompasso entre produção e crescimento populacional – que estava vivendo naquele momento.

b) Que fatores promoveram o seu surgimento?

RESOLUÇÃO:

O interesse pela conquista de novas terras, pela prática do saque e pelo intuito de resgatar a Terra Santa do domínio dos muçulmanos.

2 Quais as principais consequências que as Cruzadas trouxeram para a evolução europeia?

RESOLUÇÃO:

Reabriu o Mediterrâneo à navegação cristã, possibilitando o reflorescimento do comércio e o surgimento de um grande número de cidades.

3 (ENEM) – “Os cruzados avançavam em silêncio, encontrando por todas as partes ossadas humanas, trapos e bandeiras. No meio desse quadro sinistro, não puderam ver, sem estremecer de dor, o acampamento onde Gauthier havia deixado as mulheres e crianças. Lá, os cristãos tinham sido surpreendidos pelos muçulmanos mesmo no momento em que os sacerdotes celebravam o sacrifício da Missa. As mulheres, as crianças, os velhos, todos os que a fraqueza ou a doença conservava sob as tendas, perseguidos até os altares, tinham sido levados para a escravidão ou imolados por um inimigo cruel. A multidão dos cristãos, massacrados naquele lugar, tinha ficado sem sepultura.”

(J.F. Michaud. *História das cruzadas*. São Paulo: Editora das Américas, 1956 – com adaptações.)

“Foi, de fato, na sexta-feira 22 do tempo de Chaaban, do ano de 492 da Hégira, que os franj* se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de 40 dias. Os exilados ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espelham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas.”

*franj = cruzados.

(Amin Maalouf. *As Cruzadas vistas pelos árabes*. 2.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. Com adaptações.)

Avalie as seguintes afirmações a respeito dos textos anteriores, que tratam das Cruzadas.

I – Os textos referem-se ao mesmo assunto – as Cruzadas, ocorridas no período medieval –, mas apresentam visões distintas sobre a realidade dos conflitos religiosos desse período histórico.

II – Ambos os textos narram partes de conflitos ocorridos entre cristãos e muçulmanos durante a Idade Média e revelam como a violência contra mulheres e crianças era prática comum entre adversários.

III – Ambos narram conflitos ocorridos durante as Cruzadas medievais e revelam como as disputas dessa época, apesar de ter havido alguns confrontos militares, foram resolvidas com base na ideia do respeito e da tolerância cultural e religiosa.

É correto apenas o que se afirma em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) II e III.

RESOLUÇÃO:

A afirmação III está incorreta, pois os textos mostram a violência nos embates entre cristãos e muçulmanos, revelando intolerância religiosa e cultural. Por outro lado, embora tenha havido contatos pacíficos entre cristãos e muçulmanos na Idade Média, nenhum dos textos transcritos faz referência a eles.

Resposta: D

4 A crise do sistema feudal pode ser explicada

a) a partir do desenvolvimento comercial, que gerou a economia monetária e desintegrou a economia natural.

b) a partir da contradição do próprio sistema feudal, cujas relações de trabalho eram incompatíveis com a ampliação do mercado consumidor.

c) pelo desenvolvimento do consumo feudal.

d) pelo surgimento da economia capitalista, que liquidou a economia das cidades e a conseqüente atração dos servos para os núcleos urbanos, despovoando o campo.

e) pela centralização do poder político, que liquidou o poder senhorial.

RESOLUÇÃO:

A produção feudal não foi capaz de acompanhar o aumento do consumo.

Resposta: B



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M205**

- 5 O movimento das Cruzadas resultou em importantes mudanças para a sociedade europeia. Dentre elas, destaca-se
- a) o fortalecimento do poder dos senhores feudais em razão de suas vitórias sobre os turcos.
 - b) a liberação do Mediterrâneo, dominado pelos árabes desde o século IX, dando assim um impulso às atividades comerciais.
 - c) o monopólio dos produtos orientais, que passou a ser controlado pelas nações ibéricas.
 - d) o predomínio do trabalho servil e o consequente declínio do trabalho assalariado.
 - e) o crescimento do poder político do papa e a reunificação dos dois ramos do cristianismo (oriental e ocidental).

RESOLUÇÃO:

A condução dos guerreiros cruzados pelo mar, rumo à Terra Santa, produziu pelo caminho, o enfrentamento dos navios árabes anulando o poderio naval que possuíam até então.

Resposta: B

- 6 (FGV – MODELO ENEM) – “(...) apesar de flutuações no tempo e desigualdades regionais, a população da Europa Ocidental passou de 18 milhões de pessoas por volta do ano 800, para 22 (em torno do ano 1000), quase 26 (ano 1100), mais de 34 (ano 1200) e mais de 50 (cerca do ano 1300). Apesar de paralelamente ter havido o desbravamento, a conquista e a ocupação de vastos territórios, a densidade populacional quase dobrou de fins do século VIII a fins do século XIII.”

(Hilário Franco Jr., *O feudalismo*)

Sobre o crescimento demográfico, apresentado no texto, é correto afirmar que

- a) foi consequência direta da manutenção de um clima sempre muito úmido e quente, além dos fortes fluxos migratórios oriundos do norte da África, desde o século VII, trazendo mão de obra abundante e qualificada.
- b) devido à passagem da servidão para a escravidão — por meio de um processo longo e progressivo —, melhoraram de maneira considerável as condições de vida dos trabalhadores rurais e urbanos a partir do século X.
- c) apesar da diminuição da produtividade e da quantidade das terras agriculturáveis, houve o aumento da resistência da população europeia a várias doenças contagiosas, além de um importante avanço nas práticas médicas.
- d) tem uma forte ligação com o incentivo para o aumento da natalidade patrocinado pela Igreja Católica, desde o século IX, como mecanismo de defesa contra o avanço da presença árabe no sul da Europa e norte da África.
- e) entre outros fatores, há a ausência de epidemias no Ocidente entre os séculos X e XIII, os limites da guerra medieval — recorrente, mas pouco destruidora — e as inovações técnicas que favoreceram o aumento da produção agrícola.

RESOLUÇÃO:

A alternativa e explica algumas das razões do crescimento populacional ao qual o texto faz referência. Em contrapartida, não houve aumento da produção de alimentos, desencadeando, assim a crise do sistema feudal, a partir do século XI.

Resposta: E

Módulo

26

Renascimento Comercial

Palavras-chave:

- Reabertura do Mediterrâneo
- Especiarias • Notas comerciais

1. O despertar do comércio

Desde o século IX, devido ao profundo clima de insegurança provocado pelas invasões, a Europa foi inundada pela construção de um grande número de castelos e fortificações, que surgiram com a finalidade de proteção. Esses *burgos* e as antigas cidades constituíram a base da formação de novos centros urbanos, a partir do desenvolvimento do comércio.

Os séculos XI e XII viram renascer um comércio mediterrâneo, além do florescimento das atividades mercantis, no até então desconhecido Mar do Norte, onde as atividades se tornaram pela primeira vez realmente intensas.

As Cruzadas contribuíram decisivamente para integrar as relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente, bem como a integração da Europa através das rotas comerciais, destacando-se a **Rota de Champagne**, que interligava o norte da Itália a Flandres. Veneza, ao sul, era o entreposto entre o Ocidente e o Oriente, e Burgos, ao norte, unificava a Europa com o mundo russo-escandinavo.

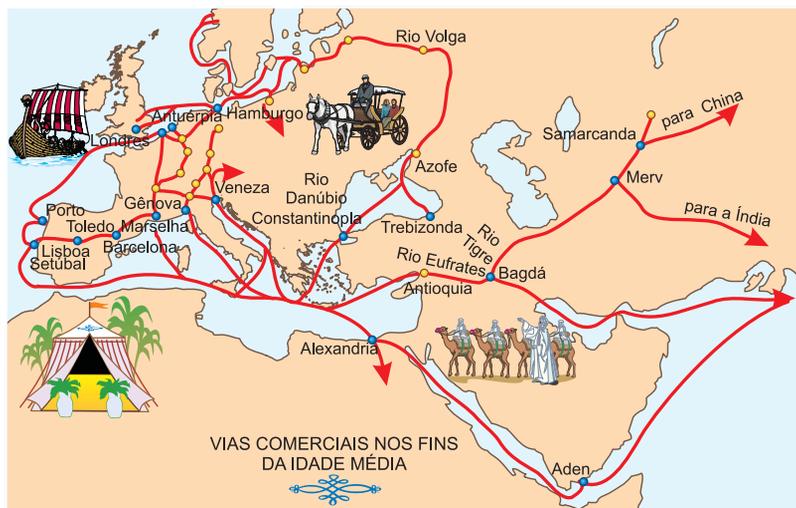
Neste contexto, observamos o surgimento da figura do mercador, que vagava de domínio para domínio, exibindo-se frente às fortificações. No dorso de seus animais, transportava os exóticos produtos do Oriente, artigos de luxo até então pouco vistos no Ocidente, que mesmo vendidos em pequenas quantidades davam-lhe um assombroso lucro.



Mercado de Bolonha, século XIV.

A vida desses indivíduos era tão aventureira como a dos cavaleiros medievais, e o saque era uma constante em suas jornadas de trabalho. Procurando evitar os perigos a que estavam sujeitos, recorreram às *feiras*, instituídas para atender às suas necessidades, pois lhes forneciam um salvo-conduto para ir e voltar.

O mercador deu início a um novo caráter da vida feudal, pois era o único que vivia dos produtos que não produzia, e sua existência era a única que não se concebia sem o manuseio do dinheiro e sem a ideia de lucro. Esta nova concepção rapidamente entrou em choque com os princípios básicos da Igreja Católica, que, ao ver o comércio como uma atividade marginal, repudiou-o como o gene destruidor da estrutura feudal.



As rotas comerciais incrementaram o comércio na Baixa Idade Média.

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “Rotas e cidades, cidades e rotas não passam de um único e mesmo equipamento humano do espaço (...) a cidade do Mediterrâneo é criadora de rotas, e ao mesmo tempo é criada por elas.” (Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II.*)

Relacionando o texto acima com o renascimento comercial e urbano, podemos afirmar que

- as rotas das invasões bárbaras desenvolveram locais fixos de comércio, responsáveis pela formação de cidades.
- as cidades costeiras da Itália tiveram seu crescimento ligado ao desenvolvimento das rotas comerciais marítimas.
- as cidades do Mediterrâneo produtoras de lã e especiarias desenvolveram o monopólio das rotas comerciais através da liga hanseática.
- as cidades da região dos Pirineus monopolizaram o comércio de produtos orientais, dominando a Rota da Champagne.

e) a Rota do Mediterrâneo impedia o crescimento da rede de comunicação entre as cidades.

Resolução

As Cruzadas promoveram a reabertura do Mediterrâneo à navegação cristã e intensificaram o contato cultural e comercial entre o Ocidente e o Oriente. Por ser o terminal de embarque para essa empreitada, a Itália tornou-se, com o passar do tempo, a porta de entrada dos produtos orientais, graças aos seus inúmeros portos. O crescente comércio acabou transformando estes locais em verdadeiras cidades comerciais. Assim, o comércio deu origem às novas cidades, e estas por sua vez estimularam, ainda mais o comércio.

Resposta: B

2 (PUC-PR – MODELO ENEM) – Facilitando o comércio e evitando os perigos do transporte do dinheiro amoeado, surgiram os títulos de

crédito, como cheques, letras de câmbio, conhecimentos de depósito, e outros, marcando inclusive o nascimento do direito comercial.

Esses progressos comerciais tiveram origem:

- no livro de autoria de Marco Polo, que revelava idênticas práticas dos chineses.
- durante a Primeira Cruzada, que conquistou Jerusalém.
- na iniciativa dos monarcas ingleses do final da Guerra dos Cem Anos.
- nas feiras medievais.
- na corte portuguesa dos monarcas da dinastia de Avis.

Resolução

As feiras medievais surgiram em locais de trânsito ou que ofereciam possibilidade para o encontro de mercadores que trocavam produtos trazidos de diferentes regiões. Com o crescimento desse comércio, paralelamente, foram se desenvolvendo as atividades bancárias.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Qual foi a importância das feiras medievais para o desenvolvimento do capitalismo?

RESOLUÇÃO:

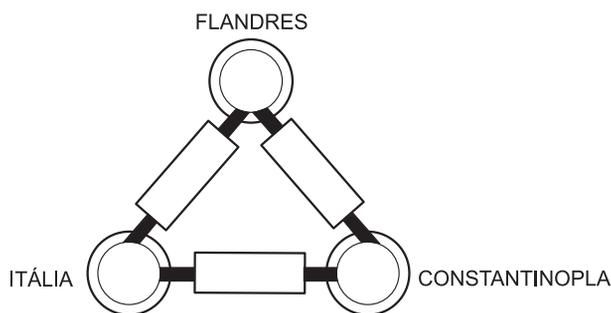
As feiras surgiram para atender às necessidades dos mercadores interessados na troca de seus produtos, valendo-se das trocas monetárias, e das atividades bancárias, além do desenvolvimento de um tipo de indivíduo que passaria a viver daquilo que não produzia; tais práticas caracterizariam o início do capitalismo.

2 Como as cidades italianas monopolizaram o comércio medieval?

RESOLUÇÃO:

Elas já mantinham relações com o Oriente, o que se intensificou com a realização das Cruzadas.

- 3 Preencha o quadro abaixo com as rotas comerciais que surgiram na Europa, a partir da crise do feudalismo.



RESOLUÇÃO:

Itália-Constantinopla: Rota do Mediterrâneo (marítima).

Itália-Flandres: Rota de Champagne(terrestre).

Flandres-Constantinopla: Rota do Mar do Norte(marítima, terrestre e fluvial).

- 4 "Os homens da Idade Média procuravam na Bíblia um modelo que lhes guiasse o comportamento em relação à usura. [...] As transformações da sociedade ocidental cristã nos séculos XII e XIII tornavam a realidade da prática usurária possível e muitas vezes socialmente útil. [...] Às vésperas do nascimento dos grandes movimentos econômicos que preparam o advento do capitalismo moderno, a teologia medieval salvará o usurário do inferno ao inventar o purgatório. O usurário terá assim atingido seu duplo objetivo: salvaguardar sua bolsa na terra sem perder a vida eterna".

(FRANCO Jr. Hilário. *A Bolsa e a vida: a usura na Idade Média*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. s.p.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

- I. Esse momento histórico caracteriza-se pelo início do processo de acumulação de riquezas monetárias.
- II. Na Idade Média, as práticas da vida material estavam separadas das práticas da vida religiosa.
- III. Nesse período da história, a sociedade medieval tornava a prática da usura socialmente aceitável.
- IV. O fenômeno da usura era tanto econômico, quanto moral, clerical ou religioso.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) I, III e IV.

RESOLUÇÃO:

Não havia na Idade Média separação entre vida secular e vida religiosa.

Resposta: E

- 5 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “Chegou o dia em que o comércio cresceu, e cresceu tanto que afetou profundamente toda a vida da Idade Média. O século XI viu o comércio andar a passos largos; o século XII viu a Europa ocidental transformar-se em consequência disso.”

(Leo Huberman)

Assinale a alternativa relacionada com o texto anterior.

- a) Os efeitos do renascimento urbano e comercial foram sentidos simultaneamente em todo o território europeu.
- b) O modo de produção servil foi imediatamente substituído pelo desenvolvimento de centros industriais e pelo trabalho assalariado.
- c) A ampliação de novos mercados e centros urbanos contribuiu para a redução do crescimento demográfico e da migração.
- d) A expansão marítima comercial europeia, através da aliança dos reis com a burguesia, consolidou as relações mercantis na Ásia, Europa e América.
- e) O renascimento comercial trouxe o crescimento das cidades, a expansão do mercado e a ascensão de um novo grupo social.

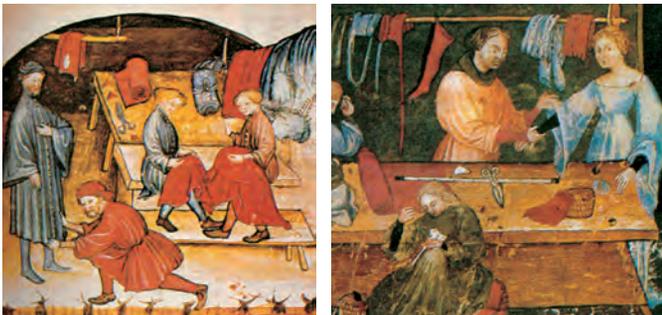
RESOLUÇÃO:

A alternativa apresenta um resumo das modificações que a Europa viveu após o século XI, quando o feudalismo entrou em crise e o capitalismo começou a se desenvolver.

Resposta: E

- Burgos • Corporações de ofício
- Guildas • Desenvolvimento capitalista

1. Introdução



A divisão do trabalho numa corporação de ofício.

As cidades medievais desenvolveram-se em função das fortalezas ou dos castelos. Dentro de suas muralhas, os mercadores gozavam de segurança, porém estavam submetidos à autoridade do senhor feudal, que, paradoxalmente, tentava associar as evoluções capitalistas aos princípios feudais. O choque era inevitável.

A partir do século XII, com o grande crescimento urbano que se manifestava a partir da mudança de mentalidade, a nova classe começou a buscar seu processo de independência, livre da tutela senhorial. Desta forma, surgiram as *cartas de franquia*, pelas quais as cidades conseguiram sua independência a partir de acordos monetários, passando a denominar-se *cidades francas*. Em alguns casos, porém, a separação ocorria pela luta armada, dando origem às comunas.

2. A organização das cidades

“A pessoa livre de ligações durante a Idade Média estava condenada ao exílio ou sentenciada à morte; se vivia, imediatamente buscava ligar-se, no pior dos casos, a um bando de salteadores. Para existir era necessário pertencer a uma associação: a uma família, a um mosteiro ou a uma corporação; só havia segurança na associação e não existia liberdade onde não se reconheciam obrigações da vida corporativa. Cada qual vivia e morria de acordo com o estilo que correspondia à sua classe e à sua associação.”

(Lewis Mumford. *The Culture of the Cities*.)

Com a emancipação das cidades e o desenvolvimento do mercado consumidor, surgiram as **oficinas**, locais em que se realizava a produção artesanal. Dela fazia parte o **mestre-artesão**, **oficiais**, **aprendiz** e **jornaleiro**. Os mestres eram os proprietários dos meios de produção, responsabilizando-se pela aprendizagem dos oficiais e do aprendiz e empregando os jornaleiros. O aprendiz geralmente trabalhava de dois a sete anos sob a tutela do mestre, recebendo apenas alimentação, habitação e vestuário, quando então poderia passar à condição de mestre, desde que tivesse capital para montar sua oficina e o reconhecimento de seu trabalho pelos antigos mestres da corporação. Os jornaleiros eram diaristas que realizavam serviços esporádicos e temporários na oficina quando o serviço acumulava.

O desenvolvimento de muitas oficinas de um mesmo ramo, numa mesma cidade, levou à formação das **corporações de ofício**, que se tornaram instituições básicas na vida econômica e social da Idade Média. Entre suas prerrogativas estava a de manter o monopólio da sua produção, como também do mercado local, assegurando desta forma um sistema econômico estável, sem concorrentes.

As corporações de ofício não se limitavam apenas à produção, desempenhavam também o papel de associações religiosas, clubes sociais e até mesmo sociedades beneficentes. Cada corporação escolhia um santo como seu padroeiro. Era resguardado um fundo comum para auxiliar e socorrer viúvas e órfãos de seus membros, bem como proteger o velho mestre na sua incapacidade produtiva.

O crescimento do comércio entre as cidades originou a formação de **Guildas** ou **Hansas**, cuja finalidade era assegurar vantagens comerciais, resguardando o mercado às cidades participantes. No século XIV surgiu a grande *Hansa Teutônica* (Germânica), liderada pelas cidades de Lubeck, Hamburgo e Bremen, com a participação de 80 cidades. As guildas eram verdadeiras corporações de mercadores, que controlavam e regulavam a economia urbana. Em seus primórdios, tinham por princípio básico uma ajuda mútua entre seus membros. Com o passar do tempo, tornaram-se as verdadeiras direcionadoras da economia das cidades, monopolizando em suas mãos todo o comércio da região.

Exercícios Resolvidos

1 (UFRN – MODELO ENEM) – O crescimento das cidades é um fenômeno da Europa Ocidental a partir do século XI. Tratando sobre a questão, Pierre Vilar afirma:

“As cidades dependiam dos senhores. Mas elas foram mais fortes que as aldeias para discutir com seus amos, rebelarem-se, obter

ou impor ‘cartas de franquias’. Coletivamente, continuavam vinculadas ao sistema feudal (...). Mas em seu território, e sobretudo no recinto dentro da muralha, os habitantes eram livres e participavam da organização coletiva.”

(VILAR, Pierre.

Do feudalismo ao capitalismo.
4. ed. São Paulo: Contexto, 1992. p. 39.)

Refletindo sobre essa afirmação, pode-se concluir que

- a) os moradores das cidades gozavam de significativa autonomia, mesmo submetidos à autoridade dos senhores, que lhes cobravam taxas.
- b) os camponeses das aldeias medievais impuseram aos senhores feudais um documento que garantia autonomia política à comunidade.

c) os habitantes das cidades libertaram-se de inúmeras obrigações, entre elas a de participar das corporações de ofício.

d) as populações urbanas eram isoladas por muralhas que as impediam de estabelecer relações socioeconômicas com o mundo feudal.

Resolução

As cidades surgiram dentro das terras do senhor feudal, mas sua prosperidade e crescimento levaram seus moradores a se organizarem para obter autonomia administrativa, surgindo assim, as cidades francas e as comunas.

Resposta: A

2 (UNESP – MODELO ENEM) – “Sobre as associações de importantes grupos sociais da Idade Média, um historiador escreveu:

“Eram cartéis que tinham por objetivo a eliminação da concorrência no interior da cidade e a manutenção do monopólio de uma minoria de mestres no mercado urbano.”

(Jacques Le Goff,

A Civilização do Ocidente Medieval.)

O texto caracteriza de maneira típica

- a) as universidades medievais.
- b) a atuação das ordens mendicantes.
- c) as corporações de ofício.
- d) o domínio dos senhores feudais.
- e) as seitas heréticas.

Resolução

As corporações de ofício reuniam pessoas ligadas a uma mesma profissão, cujo propósito era a defesa dos interesses daquele ramo produtivo.

Resposta: C



Exercícios Propostos

1 A partir do século XI, difundiram-se as corporações de ofício nas sociedades medievais. O que eram essas corporações e como estavam organizadas?

RESOLUÇÃO:

As corporações de ofício eram instituições básicas na vida econômica e social durante a Baixa Idade Média encarregadas de manter o controle da produção (técnicas, salários, qualidade e quantidade) e de impedir a concorrência (interna e externa). Da sua formação faziam parte os mestres, oficiais e aprendizes.

2 Na Idade Média, praticava-se a indústria artesanal por meio de associações profissionais denominadas “corporações de ofício”.

As corporações de ofício eram

- a) associações de profissionais que exerciam a mesma atividade dentro do burgo.
- b) o mesmo que as “ligas para livre-comércio”.
- c) associações de burgos para a proteção do mercado.
- d) associações de profissionais de vários ofícios dentro do burgo.
- e) associações internacionais de ligas profissionais.

RESOLUÇÃO:

Exemplos: corporações de sapateiros, tintureiros, ferreiros ou açougueiros.

Resposta: A

3 As *hansas*, surgidas na Alemanha, a partir do século XII, tinham por principal objetivo

- a) defender os interesses comerciais das cidades alemãs.
- b) impedir a expansão de doutrinas contrárias ao catolicismo.
- c) combater a influência política do capitalismo comercial.
- d) divulgar a cultura monástica nos países setentrionais.
- e) restaurar a economia alemã após a Guerra dos Trinta Anos.

RESOLUÇÃO:

As *hansas* ou ligas associavam comerciantes que monopolizavam certos produtos em uma determinada região.

Resposta: A

4 “O ar da cidade torna o homem livre”.

(PAIS, Marco Antonio de O. *O despertar da Europa*. 4.ª ed. São Paulo: Atual, 1992. p. 38.)

Relacione o provérbio alemão do século XI, anteriormente transcrito, com o renascimento comercial urbano.

RESOLUÇÃO:

Na Baixa Idade Média, os centros urbanos lutavam por seus direitos a fim de libertarem-se da tutela feudal, o que ficou conhecido como movimento comunal. As cidades autônomas serviam de polo de atração para servos que queriam fugir das obrigações devidas ao senhor feudal.

5 Entre as formas de organização econômica pré-fabris no continente europeu, estão as oficinas artesanais, em que

- a) um mestre trabalhava juntamente com aprendizes e vendia seus produtos para compradores locais.
- b) o produtor submetia-se a um comerciante que lhe fornecia a matéria-prima e adquiria o produto acabado.
- c) um proprietário possuía máquinas sofisticadas e explorava um grande número de trabalhadores.
- d) os mestres e os assalariados dividiam as tarefas produtivas e usufruíam com igualdade dos lucros obtidos.
- e) a unidade produtora supria as necessidades da família e não comercializava os produtos excedentes.

RESOLUÇÃO:

Identificam o funcionamento das primeiras formas de produção urbana na Baixa Idade Média.

Resposta: A

6 (UNESP – MODELO ENEM) – “A fim de satisfazer as necessidades do castelo, os comerciantes começaram a afluir à frente da sua porta, perto da ponte: mercadores, comerciantes de artigos caros e, depois, donos de cabaré e hoteleiros que alimentavam e hospedavam todos aqueles que negociavam com o príncipe (...) Foram construídas assim casas e instalaram-se albergues onde eram alojados os que não eram hóspedes do castelo (...) As habitações multiplicaram-se de tal sorte que foi logo criada uma grande cidade.”

(Jean Long, cronista do século XIV.)

De acordo com o texto, o nascimento de algumas cidades da Europa resultou da

- a) transformação do negociante sedentário em comerciante ambulante.
- b) oposição dos senhores feudais à instituição do mercado no seu castelo.
- c) atração exercida pelos pregadores religiosos sobre a população camponesa.

d) insegurança provocada pelas lutas entre nobres feudais sobre a atividade mercantil.

e) fixação crescente de uma população ligada às atividades mercantis.

RESOLUÇÃO:

Os mercadores procuravam locais onde havia concentração de pessoas que pudessem se interessar pelos produtos ofertados. As atividades comerciais foram então se desenvolvendo nos cruzamentos entre duas estradas, nas margens dos rios navegáveis ou ao lado de castelos e mosteiros. A fixação desses comerciantes acabou originando as cidades medievais.

Resposta: E

Módulo

28

Formação das Monarquias Nacionais

Palavras-chave:

- Localismo
- Universalismo • Centralismo

1. Introdução

O renascimento mercantil e urbano florescia por toda a Europa. Entretanto, a nova ordem burguesa sentia entraves em seu desenvolvimento, devido aos impostos cobrados pela nobreza senhorial, representada pelos condes, duques e até mesmo pelos feudos eclesiásticos. As barreiras alfandegárias, a diversidade de moedas, tributos, pesos, medidas e até mesmo de leis levavam a nova classe emergente a sonhar com uma nova ordem, uma unificação nacional livre das imposições feudais que restringiam as leis do mercado. Assim, surgiu o interesse pela centralização monárquica, a única solução possível para a expansão do mercado.

Durante a Alta Idade Média, o poder real foi teórico, pois de fato era exercido pelos senhores feudais. As lutas constantes entre si e a perda de grande parte de suas terras e servos agravaram o enfraquecimento do poder senhorial. Neste contexto, foi importante a participação dos príncipes e reis, fortes aliados da burguesia na emancipação das cidades. A ajuda financeira dada pela burguesia permitiu ao monarca a formação de um exército profissional. A utilização de novos equipamentos bélicos provocava pânico na obsoleta e frágil cavalaria medieval.

O “casamento” que se firmara entre o rei e a incipiente classe burguesa foi vantajoso para ambos. A burguesia conseguiu a unificação dos mercados e o monarca revestiu-se de seus antigos poderes, centralizando em suas mãos a justiça, o exército, as leis e as moedas. Nascia, assim, o Estado Nacional.

2. As centralização monárquica na França

No ano 987, após derrubar o último rei carolíngio, Hugo Capeto assumiu poderes políticos que foram preservados por mais de 300 anos. Embora não houvesse leis que concedessem à dinastia capetíngia poderes centralizadores, diversos Capetos governaram poderosamente.

Vários fatores auxiliaram essa excessiva centralização medieval: a divisão do reino nunca foi questionada pelos sucessores; nunca houve regências imperiais; e o florescimento comercial dava à dinastia condições de manter-se inabalável frente à pressão **nobiliárquica**.

A Monarquia nacional francesa teve seu início com Filipe Augusto (1180-1223). O rei nomeou funcionários de sua confiança para supervisionar a justiça nos tribunais feudais, o que diminuiu consideravelmente a autonomia dos senhores de terras. Apesar de continuar dependendo de seus vassalos em questões bélicas, preocupou-se em tomar providências para criar um exército nacional, submetido à sua autoridade. Por isso, tratou de assalarar e convocar soldados aos milhares, conseguindo, desta forma, o poder da força militar. A partir daí, muitas funções atribuídas aos senhores dos feudos caíram em mãos reais.

Nobiliárquico: relativo à nobreza.



Luíis IX, com sua vida monástica, ampliou seus poderes políticos.

A unificação da França avançou substancialmente com a figura de Luís IX (1226-1270). No decurso de sua vida monástica, soube utilizar-se de princípios religiosos em seu proveito político, instituindo o direito de apelo, a partir do qual todos os casos graves seriam julgados pelos juízes reais. Nas províncias, combateu duramente os abusos dos funcionários por meio de leis escritas e proibiu também as guerras privadas. No

âmbito externo, destacou-se pelo *Tratado de Paris*, que tentou abrandar as difíceis relações com a Inglaterra, cedendo Limousin e o Perigord aos ingleses, em troca da renúncia dos territórios franceses questionados pela Inglaterra.

Filipe III sucedeu ao rei cruzado São Luís e anexou o Condado de Toulouse.

Felipe IV (1285-1314), o Belo, cercou-se de um grupo de leigistas para legitimar o seu poder real de forma absolutista. Seu reinado foi marcado pelo litígio com o papa Bonifácio VIII. O Sumo Pontífice não aceitou a excessiva tributação cobrada pelo monarca e excomungou Filipe em 1303. Entretanto, o papa foi cercado pelas tropas reais em Anagni, onde morreu.



A Batalha de Crécy, uma das muitas travadas entre ingleses e franceses na Guerra dos Cem Anos.

A política de Filipe, o Belo, visava angariar fundos para o **erário** francês, pois partiu contra os judeus – banqueiros italianos – confiscando suas propriedades. A crise política agravava-se, obrigando o rei a convocar, em 1302, uma assembleia do clero, nobres e representantes das cidades, surgindo então os **Estados-Gerais**.

Os constantes litígios entre o Estado e o papado culminaram com uma cisão profunda no seio da Igreja Católica, uma vez que Filipe, o Belo, forçou o *Colégio dos Cardeais* a escolher Clemente V (francês) como o novo pontífice. Manipulado pelo monarca, o papa colaborou no processo que culminou na eliminação da **Ordem dos Templários** (1307-1312). Nesse ínterim, transferiu a sede do papado de Roma para **Avignon** no ano de 1309 e lá ficaram os papas até 1377. O papa passou a ser um instrumento nas mãos reais, uma vez que os dízimos cobrados aos fiéis acabavam passando aos cofres do Estado francês.

Com a extinção da dinastia capetíngia, no século XIV, assumiu o trono Filipe VI (1328-1350), iniciador da dinastia dos Valois, cujos representantes governaram até 1589.

A nova dinastia deu início a um conflito com a Inglaterra, conhecido como *Guerra dos Cem Anos*. A violenta guerra acabou provocando a destruição da nobreza feudal, contraindo para a formação de um forte sentimento nacional, que favoreceu sobremaneira o poder real.

3. A centralização monárquica na Inglaterra

Em 1066 a influência normanda ainda se fazia sentir na Inglaterra, uma vez que Guilherme, o Conquistador, acompanhado de um exército das mais diversas origens, venceu o herdeiro legal, Haroldo, na Batalha de Hastings, apoderando-se dessa forma do trono inglês. O rei submeteu a nobreza inglesa, obrigando-a a prestar um juramento de fidelidade. Para centralizar o seu poder, dividiu o reino em condados, colocando os *sheriffs*, pessoas de sua confiança, para administrar as províncias reais, possuindo desta forma um vasto controle sobre os seus domínios.

Com a morte do rei Guilherme, o poder foi ocupado por Henrique II (1154-1189), que iniciou a **dinastia dos Plantagenetas**, reforçando ainda mais o poder real. Seu filho **Ricardo Coração de Leão** (1189-1199), deu continuidade a essa obra e marcou o seu governo pelo envolvimento na Terceira Cruzada.

Enquanto Ricardo combatia os infiéis no Oriente, **João Sem-Terra** tentava manter-se no poder despoticamente. Desprezado pelos ingleses, que o viam como usurpador do trono, conduziu a política externa de forma desastrosa ao perder grande parte dos feudos que os ingleses possuíam na França, durante o choque com o rei francês Felipe Augusto. Em 1215 os barões ingleses, sentindo-se pressionados pela excessiva centralização do rei regente, impuseram-lhe a **Magna Carta**, que limitava seus poderes, abortando provisoriamente a centralização. Esse documento assegurava a todos os ingleses proteção contra o despotismo real, e foi considerada a precursora das liberdades individuais.

No século XIV, a Inglaterra foi governada pelo rei Eduardo III (1327-1377) e pelo seu neto, Ricardo II (1377-1399), um soberano incapaz. Com sua morte, o poder passou para Henrique de Lancaster, que foi proclamado rei com o nome de Henrique IV, iniciando uma nova dinastia. Os inimigos do rei e de seu sucessor, Henrique V, agruparam-se em torno dos duques de York, que reivindicavam o trono.

Em 1450 eclodiu um conflito envolvendo as duas famílias e que acabou se estendendo a toda a Inglaterra. Coincidentemente, ambas traziam em seus brâsões uma rosa: a branca simbolizava os York e a vermelha, os Lancaster. A guerra ficou conhecida como a **Guerra das Duas Rosas**. A violência não teve limites, varrendo a Inglaterra de ponta a ponta. Os campos foram queimados e as cidades, saqueadas.

A nobreza restante e a burguesia viram no Duque de Tudor uma esperança para o fim da contenda. Em 1485 Henrique Tudor assumiu o poder, proclamando-se rei da Inglaterra com o título de Henrique VII, que implantaria o absolutismo na Inglaterra.



Saiba mais

MAGNA CARTA

Este documento de caráter essencialmente feudal, continha as seguintes disposições: o rei ficava proibido de criar impostos e taxas, sem o consentimento do **Grande Conselho do Reino** – ou Parlamento – (órgão formado por bispos, condes e barões); nenhum homem livre poderia ser preso nem sofrer qualquer punição, sem o julgamento prévio pelos seus iguais perante a lei; para garantir a execução destas medidas, 25 barões seriam considerados guardiães da lei, com autoridade para se apoderar das terras e bens do rei, se ela fosse ameaçada.

Exercícios Resolvidos

1 (UFG – MODELO ENEM) – Observe a imagem a seguir:



Foto de Augusto Cabrita. In: "Os mais belos castelos e fortalezas de Portugal". Lisboa: Verbo, 1986. p. 190.

A imagem do castelo Almourol, situado em uma ilha no rio Tejo, em Portugal (século XII), relaciona-se com

- a) os ideais cavaleirescos da nobreza guerreira de origem germânica na Europa ocidental cristã.
- b) a insegurança diante das invasões germânicas na Hispania, no Império Romano do Ocidente.
- c) a defesa e proteção do reino na guerra de Reconquista do território ibérico outrora dominado pelos mouros.

- d) o auxílio para a libertação da cidade santa de Jerusalém do domínio muçulmano.
- e) os mecanismos de proteção nos conflitos frequentes entre os reinos cristãos da Península Ibérica.

Resolução

A localização e a data apresentados no comando da questão nos remetem obrigatoriamente à Guerra de Reconquista, quando os cristãos retomaram a Península Ibérica do domínio mourisco, o que mais tarde possibilitou a formação dos Estados de Portugal e Espanha.

Resposta: C

2 (UFG – MODELO ENEM)

- I. Só a Igreja romana foi fundada por Deus.
- II. Só o pontífice romano, portanto, tem o direito de ser chamado universal.
- III. Só ele pode nomear e depor bispos. [...]
- VIII. Só ele pode usar a insígnia imperial.
- IX. O papa é o único homem a quem todos os príncipes beijam os pés.
- XII. É-lhe lícito destituir os imperadores.

(GREGÓRIO VII, *Dictatus papae*. Apud SOUZA, José Antonio C. R. de; BARBOSA, João Moraes. *O reino de Deus e o reino dos homens*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. p. 47-48.)

O documento expressa a concepção do poder papal de Gregório VII (1073-1085) que se relaciona com

- a) o "Cisma do Oriente", que selou a separação entre as duas Igrejas, a católica romana e a ortodoxa grega.
- b) o "Cativo de Avignon", período de 70 anos em que os papas submeteram-se à autoridade do rei da França.
- c) a "Querela das Investiduras", conflito político que demarcou as esferas do poder papal e as do poder imperial.
- d) a "Doação de Constantino", que serviu como justificativa para o estabelecimento do Patrimônio de São Pedro.
- e) o "Cisma do Ocidente", que dividiu a autoridade suprema da Igreja entre dois papas, o de Roma e o de Avignon.

Resolução

A questão envolvendo o poder espiritual e o temporal foi um dos momentos marcantes ocorridos durante a Baixa Idade Média, quando o poder real buscava sua afirmação diante dos poderes locais (cidades autônomas e nobreza) do poder supranacional (papado).
Obs: A palavra "querela" transmite a ideia de um conflito por motivos fúteis, o que não condiz com a gravidade do fato envolvendo os dois poderes.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Na questão a seguir, escreva no espaço V ou F.

1. No período medieval, algumas situações contribuíram para a progressiva centralização do poder e futura instalação dos Estados nacionais modernos. Sobre isso é correto afirmar:

- () Através da "Reconquista", os cristãos empreenderam a tomada da Península Ibérica aos muçulmanos, favorecendo a formação dos Reinos Ibéricos.
- () Insegurança, diversidade de leis e de moedas e acúmulo de pedágios eram situações feudais que levaram a crescente burguesia a apoiar a realeza contra os senhores feudais.
- () Na França medieval, o processo centralizador teve a contribuição decisiva de Filipe Augusto, que enfrentou os ingleses plantagenetas, impôs sua autoridade sobre os senhores feudais, promoveu progressos da burocracia real, exemplificada pela criação dos baillios, funcionários do rei encarregados da aplicação de leis e editos reais.
- () É no período medieval a consolidação e apogeu das práticas mercantilistas, que dominavam a vida econômica e social.
- () Na Inglaterra medieval, a monarquia instalada era forte até o século XIII, quando sofre limitações com a imposição da Magna Carta e a instituição do Parlamento.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo é característico da Idade Moderna.

Resposta: V; V; V; F; V.

2 Na Europa Ocidental dos nossos dias, em consequência do processo de integração, verifica-se um problema parecido com o que existiu durante a Baixa Idade Média. Trata-se da articulação das três esferas do poder político: o poder local, o poder do Estado-Nação e o poder supranacional. Hoje, se a integração se concretizar, ela será feita, ao contrário do que ocorreu no fim da Idade Média, em prejuízo do poder do Estado-Nação. Neste contexto, responda ao que se pede:

a) Quem exercia cada uma das três esferas do poder durante a Baixa Idade Média?

RESOLUÇÃO:

O poder local era exercido pela nobreza e cidades autônomas; o poder do Estado-Nação, pelo rei; e o poder supranacional, pelo papa.

b) Qual delas, no fim deste período histórico, se sobrepôs às demais, por quê?

RESOLUÇÃO:

O poder do Estado-Nação, com o apoio da burguesia, sobrepôs-se aos demais, o que provocou o enfraquecimento da nobreza, as guerras e a nova realidade econômica.

3 Sobre a Magna Carta inglesa de 1215, é correto afirmar que a) foi assinada pelo rei João Sem-Terra, consolidando a separação entre a Inglaterra e o papa ao torná-lo chefe da Igreja. b) determinou que os bens da Igreja passariam às mãos da nobreza inglesa que apoiava o rei João Sem-Terra, instituindo a Monarquia constitucional.

c) proclamou o rei João Sem-Terra “Lorde Protetor da Inglaterra, Escócia e Irlanda”, desencadeando uma onda de nacionalismo extremado.

d) foi imposta pela nobreza inglesa ao rei João Sem-Terra, limitando o poder real e obrigando-o a respeitar os direitos tradicionais de seus vassallos.

e) criou o Parlamento inglês bicameral, constituído pelas câmaras dos Lordes e dos Comuns, impondo ao rei João Sem-Terra a declaração de direitos “Bill of Rights”.

RESOLUÇÃO:

A Magna Carta impediu as pretensões absolutistas de João Sem-Terra.

Resposta: D

4 No século XIII, os barões ingleses, contando com o apoio de alguns mercadores e religiosos, sublevaram-se contra as pesadas taxas e outros abusos. O rei João Sem-Terra acabou aceitando as exigências dos vassallos sublevados e assinou a Magna Carta. Pode-se afirmar que o documento apresenta importante legado do Mundo Medieval porque

a) reafirmava o princípio do poder ilimitado dos monarcas para fixar novos tributos.

b) freou as lutas entre os cavaleiros e instituiu o Parlamento, subdividido em duas Câmaras.

c) assegurava antigas garantias a uma minoria privilegiada, mas veiculava princípios de liberdade política.

d) limitou as ambições políticas dos papas, mesmo tratando-se de um contrato feudal.

e) proclamava os direitos e as liberdades do homem do povo, por meio de 63 artigos.

RESOLUÇÃO:

O rei deveria respeitar os direitos dos nobres e impedia o governo autocrático do rei.

Resposta: C

5 (UFRN – MODELO ENEM) – “Em 1215, os grandes senhores feudais da Inglaterra impuseram ao rei João a assinatura da Magna Carta, na qual o obrigavam a reconhecer os antigos direitos da nobreza. Em um dos seus trechos, o rei João admitia que para melhor pacificação da Nossa disputa com os barões, [...] lhes concedemos a garantia seguinte: os Barões que elejam, entre seus pares no Reino, vinte e cinco, segundo a sua vontade, e estes vinte e cinco devem cumprir a paz e as liberdades que Nós lhes concedemos e confirmamos pelo documento presente...”

(FRISCHAUER, Paul. *Está escrito: documentos que assinalaram épocas*. São Paulo: Melhoramentos, 1972. p. 199.)

A Magna Carta, apesar de ser um estatuto jurídico tipicamente feudal, posteriormente veio a se tornar importante documento para garantir liberdades a todas as categorias sociais, na medida em que

a) a alta nobreza teve seus poderes políticos e econômicos limitados, devido às medidas tomadas pelo rei João em favor dos camponeses.

b) o rei João concedia aos nobres rebeldes o direito de confiscarem seus castelos, terras e outras possessões, caso ele violasse a Magna Carta.

c) a Assembleia dos Barões, prevista na Magna Carta, levou à formação do Parlamento, com duas câmaras, que exerciam funções legislativas e limitavam os poderes reais.

d) a Câmara dos Lordes, que reunia os nobres leigos e eclesiásticos escolhidos pelo rei, tornou-se o órgão legislativo do Parlamento, cabendo-lhe o controle da cobrança dos tributos do Estado.

RESOLUÇÃO:

A Magna Carta foi o primeiro capítulo de um longo processo histórico que levaria ao surgimento da Monarquia Constitucional na Inglaterra, no século XVII. Neste documento procurava-se estabelecer as prerrogativas do soberano, impedindo que esse pudesse exercer o poder de maneira absoluta.

Resposta: C



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M206**

1. Introdução

Os séculos XIV e XV foram marcados pelo aprofundamento da crise feudal e pelas primeiras crises do capitalismo embrionário. Após um período de desenvolvimento, marcado pelo renascimento do comércio e da vida urbana, a Europa foi sacudida pela crise de retração (século XIV) e pela crise de crescimento (século XV).

2. Crise de Retração

A crise de retração ficou conhecida por este nome pela paralisia nas atividades capitalistas devido a ocorrência simultânea da Guerra dos Cem Anos, da Peste Negra e da fome.

A Guerra dos Cem Anos

Em 1337 estourou a *Guerra dos Cem Anos*, que durou até 1453. Quando o rei da Inglaterra, Eduardo III, da dinastia Plantageneta, neto do rei Filipe, o Belo, da França, viu derrotadas suas pretensões em ocupar o trono francês, em virtude da **Lei Sálica**, invadiu o norte da França. Outro motivo relaciona-se às ambições territoriais e econômicas sobre Flandres, grande produtora de lã – matéria-prima indispensável para o desenvolvimento da manufatura naquelas regiões.

Nesse momento, emergiu plenamente a crise do feudalismo: os camponeses se rebelaram, eclodindo as **Jacqueries**; cavaleiros em busca de vantagens pessoais vieram à luta; e exércitos mercenários se formaram. Em meio à guerra e ao fervor religioso, surgiu Joana d'Arc, que conduziu os camponeses franceses à luta. A jovem foi aprisionada e condenada à fogueira pela Igreja como herege.

A guerra terminou com a vitória da França. Nesse momento, em razão da devastação dos campos e da fuga dos servos, a nobreza feudal estava completamente arruinada.

A Peste Negra

Durante a guerra, a peste chegou à Europa trazida da Ásia pelos comerciantes italianos e alastrou-se rapidamente por várias regiões, por causa da atividade comercial e das péssimas condições de higiene existentes nas cidades, ceifando grande parte da população. Inicialmente, atribuíram a culpa aos judeus e o misticismo, típico daquela época, a considerou como um castigo divino, o

que deu origem a uma forte demonstração de fanatismo religioso. Os cidadãos, acreditando ser mais seguro, fugiram para os campos para se livrar da doença.

A fome se generaliza

A crise agrícola provocada pela guerra e pela peste foi associada também às péssimas condições atmosféricas da Europa no século XIV. Com isso, criou-se um ciclo que parecia interminável: guerra, peste e fome.

Com a crise, muitos servos acabaram conseguindo sua liberdade e os senhores feudais, incapazes de manter a estrutura feudal, começaram a substituir as obrigações servis por pagamento em moedas e arrendar as terras para não perdê-las.

O processo de transformação do feudalismo para o capitalismo acelerou-se na Europa Ocidental. Com a expansão ultramarina, a partir do início do século XV, as crises foram superadas, contribuindo para o crescimento da burguesia e para a consolidação do Estado Moderno.

3. Crise de Desenvolvimento

Superadas as dificuldades do século anterior, o capitalismo enfrentará, agora, um novo problema – o crescimento.

A população europeia que fora reduzida quase à sua metade, voltava a crescer vertiginosamente, ampliando o mercado consumidor que estivera retraído. Contudo, havia uma dificuldade para abastecê-lo, pois Constantinopla caíra nas mãos dos turcos otomanos (1453) que e agora controlavam o mais importante entreposto das tão desejadas mercadorias orientais.

Outro empecilho ao crescimento do comércio era o esgotamento de metais preciosos, ou por causa do seu afluxo para o oriente, como pagamento de mercadorias ou pelo esgotamento de jazidas desses minérios na Europa.



A jovem camponesa Joana d'Arc tornou-se o símbolo da luta da França contra a Inglaterra.

Lei Sálica: lei dos francos sálhos que impedia as mulheres e os descendentes por linhagem feminina de ocuparem o trono.

Jacquerie: revolta camponesa liderada por Jacques, o Simples, contra a nobreza.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – “A fame, bello et peste, libera nos, Domine.”

Esta frase latina pode ter uma tradução simples: “Da fome, da guerra e da peste, livra-nos Deus”. Esta prece tornou-se comum nos fins da Idade Média, indicando três problemas mais angustiantes por que passou a Europa durante o século XIV, no momento em que se inicia a desagregação do feudalismo. São acontecimentos marcantes daquele período, relacionados aos problemas mencionados,

- a) a fome às vésperas da Revolução Francesa até o fim do Império Napoleônico.
- b) a Guerra dos 30 anos.
- c) as Revoluções Puritana e Gloriosa ocorridas na Inglaterra.
- d) a Guerra dos Cem Anos, a Peste Negra e a Grande Fome
- e) a Guerra das Duas Rosas.

Resolução

O século XIV é marcado pela retração nas atividades capitalistas. Os episódios mencionados na alternativa correta provocaram a morte de significativa parte da população, diminuindo o número de pessoas que podiam produzir e consumir. Obs.: Alternativa escolhida por eliminação. Todos os outros episódios mencionados nas possibilidades de resposta não se encaixam no século XIV.

Resposta: D

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – A guerra foi igualmente provocada pelas ambições da França e da Inglaterra sobre Flandres, região economicamente rica pelo seu comércio e por sua produção de tecidos. Extremamente devastadora, agravou a situação de miséria e exploração das classes camponesas, mas também contribuiu para revelar o sentimento nacional.

A afirmação acima refere-se à

- a) Guerra do Bouvines.
- b) Guerra dos Cem Anos.
- c) Guerra das Duas Rosas.
- d) Guerra dos Três Henriques.
- e) Guerra dos Trinta Anos.

Resolução

Além do claro interesse econômico mencionado no texto, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) também foi motivada pela questão sucessória. A morte do último rei francês da dinastia Capetíngia levou seus compatriotas a escolherem um novo monarca, Felipe de Valois; contudo, o rei inglês Eduardo II, da dinastia Plantageneta, reivindicava por direito de parentesco (neto de Felipe, o Belo) a coroa do outro país.

Resposta: B

Exercícios Propostos

- 1** Sobre a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), indique
- a) as principais monarquias envolvidas e o palco do conflito;
 - b) sua importância histórica.

RESOLUÇÃO:

a) França e Inglaterra.

Norte da França.

b) Assinala o aprofundamento da crise feudal por meio do fortalecimento do poder real (florescimento do sentimento de nacionalidade) e do abandono da cavalaria medieval como arma de guerra.

- 2** Na questão a seguir, escreva nos parênteses V (verdadeiro) ou F (falso).

A peste é, sem nenhuma dúvida, entre todas as calamidades desta vida, a mais cruel e verdadeiramente a mais atroz. É com grande razão que é chamada por antonomásia de o Mal. Pois, não há sobre a Terra nenhum mal que seja comparável e semelhante à peste. Desde que se acende num reino ou numa república esse fogo violento e impetuoso, veem-se os magistrados atordoados, as populações apavoradas, o governo político desarticulado. A justiça não é mais obedecida; os ofícios param; as famílias perdem sua coerência e as ruas, sua animação. Tudo fica reduzido a uma extrema confusão. Tudo é ruína. Pois tudo é atingido e revirado pelo peso e pela grandeza de uma calamidade tão horrível. As pessoas, sem distinção de estado ou de fortuna, afogam-se numa tristeza mortal. Sofrendo, umas da doença, as outras do medo, são confrontadas a cada passo ou com a morte, ou com o perigo. Aqueles que ontem enterravam, hoje são enterrados e por vezes, por cima dos mortos que na véspera haviam posto na terra.

(Apud Delumeau, 1989, p. 121.)

A análise do texto anterior e os conhecimentos sobre Idade Média e outros períodos da História permitem afirmar:

() O texto dá uma visão dos efeitos advindos da Peste Negra, ocorrida na Europa, no século XIV, responsável pelo desequilíbrio demográfico de várias áreas do continente e pela desorganização da produção de alimentos.

() A frequente ocorrência de epidemias, em centros urbanos medievais, decorreu da aglomeração urbana, das precárias condições de higiene, da inexistência de conhecimentos de medicina preventiva e da subnutrição.

() O texto indica que as epidemias incidiram apenas sobre as camadas menos favorecidas das cidades medievais, em decorrência de sua extrema pobreza e das desigualdades sociais.

() Embora a peste seja considerada fator de desagregação das estruturas políticas, jurídicas e sociais, podem ser computadas a fome e a guerra como também responsáveis pela desarticulação dessas estruturas, na Baixa Idade Média.

() As revoltas camponesas ocorridas em Flandres e em outras regiões da França e da Inglaterra, durante a Baixa Idade Média, resultaram da incapacidade dos governos de cidades e feudos em conter a propagação de epidemias.

() A ocorrência de pestes e epidemias, nos dias atuais, tem sido interpretada, pela maioria das pessoas, como resultado do castigo do céu e da ira divina, anunciando o fim dos tempos.

RESOLUÇÃO:

V; V; F – As doenças não escolhiam a categoria social atingindo indistintamente os moradores das cidades; V; F – As revoltas camponesas estão ligadas ao contexto de exploração do trabalho servil e à fome; F – Algumas pessoas até as consideram castigo divino, porém a ciência têm outras explicações.

3 A chamada Crise de Retração do século XIV é marcada pela trilogia

- a) Guerra dos Cem Anos, Peste Negra e Fome.
- b) Guerra das Duas Rosas, Fome e Peste Negra.
- c) Guerra dos Ducados, Peste Negra e Fome.
- d) Cisma do Oriente, Cruzadas e Querela das Investiduras.
- e) Cruzadas, Peste Negra e Guerra dos Cem Anos.

RESOLUÇÃO:

As atividades produtivas e comerciais foram profundamente abaladas neste período por causa do grande número de mortos.

Resposta: A

4 *A fim de que meus escritos não pereçam juntamente com o autor, e este trabalho não seja destruído (...) deixo meu pergaminho para ser continuado, caso algum dos membros da raça de Adão possa sobreviver à morte e queira continuar o trabalho por mim iniciado.*

O texto foi escrito por um monge irlandês do século XIV e desperta dúvidas num homem culto da época sobre a possibilidade de alguém sobreviver, certamente devido

- a) à gripe espanhola.
- b) à Peste Negra.
- c) aos Descobrimentos Marítimos.
- d) à guerra luso-espanhola.
- e) ao conflito euro-asiático.

RESOLUÇÃO:

A doença chegou a matar 1/3 da população europeia.

Resposta: B

5 A Peste Negra, que dizimou cerca de um terço da população europeia, as revoltas camponesas ocasionadas pelo precário equilíbrio da produção agrícola, e a Guerra dos Cem Anos, entre França e Inglaterra, foram responsáveis

- a) pela formação da sociedade feudo-clerical.
- b) pela crise do mercantilismo econômico.
- c) pelo fortalecimento da nobreza em detrimento do poder real.
- d) pela aceleração da crise do absolutismo.
- e) pelo aprofundamento da crise feudal e a paralisia do capitalismo.

RESOLUÇÃO:

Esses elementos compõem a chamada crise de retração do século XIV.

Resposta: E

6 (PUCCamp – MODELO ENEM) – Observe uma gravura de 1349.



(Alceu Luiz Pazzinato, Maria Helena Valente Senise. "História Moderna e Contemporânea". São Paulo: Ática, 1993. p.12.)

Na Europa Ocidental, as crises do século XIV abalaram intensamente a sociedade feudal. Dentro desse contexto, a gravura retrata

- a) as irmandades flagelantes que percorriam à pé regiões da Europa cantando salmos e hinos religiosos, como forma de penitência para escapar dos castigos divinos, que acreditavam estar relacionados com a peste, que dizimava grande parte da população.
- b) as Cruzadas realizadas durante o período em que o papa Urbano II conclamava os cristãos para que expulsassem os muçulmanos que tinham invadido o Estado do Vaticano.
- c) a luta dos camponeses contra a exploração dos senhores feudais, que aumentaram substancialmente as obrigações servis após a grande fome que ocorreu e que dizimou grande parcela da população servil.
- d) as manifestações dos camponeses contra a Guerra dos Cem Anos, já que esta trazia prejuízos incalculáveis para a produção e obrigava os homens a servirem na defesa de suas nacionalidades.
- e) o início do movimento protestante, quando Lutero incitava a cristandade a percorrer as estradas para divulgar os valores de humildade e de confraternização do seu sistema de crenças.

RESOLUÇÃO:

A Peste Negra (1348-52) provocou um grande número de mortos (aproximadamente, um terço da população) e levou os europeus à busca de explicações e soluções que pudessem conter a epidemia. Na época, desprovidos de uma análise científica e objetiva, creditavam a disseminação do mal à punição divina dos pecados cometidos pelo homem. Dessa maneira, supunham que através de autoflagelação e da repetição exaustiva dos serviços religiosos, conseguiriam aplacar a ira divina.

Resposta: A

- Humanismo • Valores greco-romanos
- Mecenas • Genialidade

1. Introdução

O desenvolvimento que se processou na Europa, com a crise do sistema feudal, deu origem a uma nova mentalidade, associada às transformações socioeconômicas que se faziam sentir a partir dos séculos XII e XIII. Essa nova forma de pensar, sentir e agir contrapunha-se à velha ordem feudal, exercida pela nobreza e pelo clero, criando novas tendências que se assentavam no espírito do nascente capitalismo burguês.

Enquanto na Idade Média o valor da aristocracia era justificado pela religião, a burguesia buscava na riqueza meios para conquistar o prestígio e a fama, criando o individualismo e a livre iniciativa. Nessa fase de transição do feudalismo para o capitalismo, a expansão do comércio e da vida urbana provocaram mudanças culturais no homem europeu, que passou a ter um gosto apaixonado pela Antiguidade, despertando a sua alma pagã que, desordenadamente, procurou vencer a noção cristã de vida. O engenho humano, guiado pelos princípios clássicos, despertou para novas concepções intelectuais, artísticas e científicas, a partir de um movimento conhecido como Renascimento Cultural.

2. As origens do Renascimento

O **humanismo** abriu caminho para o Renascimento, na medida em que valorizou o homem, renovando a cultura clássica e fornecendo ao renascentista seu espírito crítico e sua admiração pela Antiguidade.

A origem do movimento renascentista ocorreu na Itália, que mantinha vivas as tradições da civilização romana, em virtude de seus monumentos e pela persistência de seus costumes e instituições. Além disso, o desenvolvimento do comércio e das cidades transformou a Itália em uma região de poderosos mercadores, proprietários de enormes fortunas, que controlavam as cidades-Estado e buscavam na arte a legitimação de seu poder. O comércio tinha-se internacionalizado e uma grande rede bancária surgiu na Península Italiana, nos moldes de Bizâncio.

Com a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos, em 1453, acelerou-se a fuga de sábios bizantinos em direção às cidades italianas, onde buscavam proteção dos grandes comerciantes. Trouxeram consigo uma enorme quantidade de manuscritos greco-romanos.

Com o exílio dos papas em Avignon, entre os anos de 1377 e 1417, diminuiu muito o poder legítimo, pois o papa e o Império envolveram-se em uma multiplicidade de querelas e rivalidades. A ausência de um forte governo centralizador, que impusesse sua vontade e seu costume sobre o povo, também favoreceu o movimento renascentista.

O exercício político acabou dando ao homem a consciência pessoal de sua força e de sua energia, muitas

vezes utilizando-se da astúcia para manter-se no poder. Esses tiranos (*condottieri*), tentando esquecer sua origem humilde, rodeavam-se de uma corte luxuosa, protegendo artistas e homens de letras, procurando desta forma espalhar a fama em obras imortais. Surgiram, assim, os mecenas, que exerceram profunda importância para o desenvolvimento do movimento renascentista.

3. Características do Renascimento

O Renascimento cultural surgiu em oposição à cultura teocêntrica medieval, caracterizando-se pelo **antropocentrismo**, que colocava o homem como centro de todas as coisas; além disso, criou os ideais do individualismo burguês, em oposição ao coletivismo da Idade Média.

O estudo da cultura greco-romana permitiu o surgimento de um espírito **racionalista**, por meio do qual se demonstrava que todo o conhecimento poderia ser explicado pela razão e pela ciência, negando-se a aceitar o misticismo ou fatos que não pudessem ser comprovados. Incentivou-se, assim, o método experimental, que passou a ser utilizado em todas as áreas: política, economia, sociedade etc.

Desenvolveu-se, também, o **naturalismo**, a partir do qual o homem passou a observar as forças naturais, negando qualquer idealização da realidade que não estivesse associada à natureza ou às suas leis, e o **hedonismo**, que buscava os prazeres mundanos.

4. O Humanismo

O Humanismo é um dos aspectos mais importantes do Renascimento, traduzindo-se pelo estudo e imitação das formas greco-romanas, refletindo-se na “consciência do Renascimento”.

Os humanistas opuseram-se à concepção teocêntrica, dando um novo impulso aos rumos do pensamento europeu, orientando a cultura em duas direções: o *humanismo cristão*, que aproveitava os grandes autores clássicos; e o *pagão*, que, apesar de não ser destituído de ligação com o cristianismo, colocava que o homem era a medida de todas as coisas, só devendo se preocupar com problemas que pudessem ser resolvidos pelo próprio homem.

Os humanistas estudavam os documentos deixados pelos antigos, cultivando as línguas clássicas, sem esquecer o hebreu e o árabe, até atingir a erudição. Sua preocupação era recolher das antigas bibliotecas dos conventos o maior número possível de manuscritos literários, científicos e filosóficos, efetuando as traduções e comentários.

O maior centro humanista da Europa foi a Itália, encontrando-se os primeiros estudos em Dante Alighieri, que escreveu *A Divina Comédia*, satirizando os costumes da época e a Igreja Católica; Francesco Petrarca; e Giovanni Boccaccio. Fora da Itália, o maior repre-



sentante foi o holandês Erasmo de Rotterdam, que, em sua célebre obra *Elogio da Loucura*, defendeu uma maior pureza dos costumes, criticou o luxo da Europa e as superstições que se introduziram no cristianismo, atacando a ignorância do clero.

A Divina Comédia, uma das obras pré-renascentistas, e Dante Alighieri, o seu autor.

A última grande época foi o **Cinquecento**, que corresponde ao século XVI. Nessa fase, devido à ação fanática de **Savonarola**, Florença deixou de ser capital da cultura renascentista, assumindo Roma, graças à ação do papa Leão X, que transformou a cúria papal em uma verdadeira corte à altura do maior monarca europeu. Encontramos aí o apogeu da pintura, graças à atuação de Michelângelo, Rafael e o gênio de Leonardo da Vinci.



A invenção dos tipos móveis por Gutenberg revolucionou a imprensa.

A ciência política teve em Nicolau Maquiavel o seu esplendor. Em sua obra máxima, *O Príncipe*, lançou as bases do absolutismo monárquico, ao propor a necessidade de um príncipe forte, hegemônico, capaz de manter a segurança do Estado, independentemente de quais forem os meios utilizados para conseguir seus objetivos, sendo a maior virtude do príncipe a total ausência de escrúpulos.

Savonarola, Girolamo: pregador italiano que tomou medidas extremas para a moralização de Florença, reprimindo o jogo, a bebida e as manifestações de erotismo; ordenou que se queimassem valiosas obras de arte, consideradas obscenas.

5. As fases do Renascimento

A morte de Boccaccio colocou fim ao primeiro período renascentista, denominado pelos italianos como **Trecento**, para designar o século XIV. Durante essa fase, a renovação cultural restringiu-se à literatura, limitando-se à Península Itálica.

O período conhecido como **Quattrocento** – século XV – foi o ápice dos estudos gregos, pois praticamente todos os representantes do período dominavam com destreza a língua grega para melhor compreender os tesouros helênicos. Foi durante esse período que chegaram de Constantinopla estudiosos bizantinos, trazendo consigo muitos clássicos gregos, obras de dramaturgos, historiadores e os principais filósofos foram colocados em contato com o Ocidente.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M207**

Exercícios Resolvidos

1 (UNIRIO – MODELO ENEM) – “Criada pelos humanistas italianos e retomada por Vasari, a noção de uma ressurreição das letras e das artes graças ao reencontro com a Antiguidade foi, seguramente, fecunda (...). Essa noção significa juventude, dinamismo, vontade de renovação (...). Teve em si a inevitável injustiça das abruptas declarações de adolescentes, que rompem ou creem romper com os gostos e as categorias mentais dos seus antecessores. Mas o termo ‘Renascimento’, mesmo na acepção estrita dos humanistas, que o aplicavam, essencialmente, à literatura e às artes plásticas, parece-nos atualmente insuficiente.”

(DELUMEAU, Jean.
A Civilização do Renascimento.
Lisboa, Editorial Estampa, 1983, vol.1, p.19)

A revisão que o autor nos apresenta com relação ao termo Renascimento aponta para o fato de que o(a)

a) Idade Média não deve mais ser vista como um período de obscurantismo onde a cultura estava totalmente morta.

b) cultura medieval já realizava um questionamento ao teocentrismo, fato que foi apenas aprofundado pelo Humanismo e pelo Renascimento.

c) ruptura que os humanistas pretendiam com a Idade Média era apenas aparente, pois a suposta inspiração na Antiguidade esteve sempre subordinada aos padrões medievais.

d) obscurantismo medieval não impediu a existência de uma produção artística, embora esta fosse esteticamente inferior à da Renascença.

e) Humanismo ainda imprime ao Renascimento uma visão conformista com relação ao mundo, o que muito se assemelhava ao pensamento medieval.

Resolução

A expressão “renascimento” transmite a ideia de que algo que estava morto tornou a viver. Esse conceito fundamenta-se na visão humanista que procuravam afirmar seus valores racionais e antropocêntricos diante de uma sociedade ainda marcada por valores místicos e teocêntricos.

Resposta: A

2 (UNESP – MODELO ENEM) – “Hoje não vemos em Petrarca senão o grande poeta italiano. Entre os seus contemporâneos, pelo contrário, o seu principal título de glória estava em que de algum modo ele representava pessoalmente a Antiguidade (...) Acontece o mesmo com Boccaccio (...) Antes do seu *Decameron* ser conhecido (...) admiravam-no pelas suas compilações mitográficas, geográficas e biográficas em língua latina.”

(Jacob Burckardt, *A Civilização da Renascença Italiana*.)

Petrarca e Boccaccio estão intimamente relacionados com o

- a) nascimento do humanismo.
- b) declínio da literatura barroca.
- c) triunfo do protestantismo.
- d) apogeu da escolástica.
- e) racionalismo clássico.

Resolução

O humanismo foi o movimento literário responsável por lançar as bases que fundamentaram o Renascimento Cultural.

Resposta: A

1 Por que o Renascimento cultural começou na Itália?

RESOLUÇÃO:

Porque a Itália era o mais importante centro comercial e urbano do período, não havia passado pelo processo de centralização monárquica e possuía um grande respeito pelo seu passado clássico.

2 Quem eram os “mecenas” e qual a sua importância para o desenvolvimento do movimento renascentista?

RESOLUÇÃO:

Eram os protetores das artes e dos artistas. Foram importantes por patrocinarem a realização de obras em todos os campos do conhecimento.

3 Estabeleça um paralelo entre os valores do Renascimento cultural e o pensamento do homem medieval.

RESOLUÇÃO:

Os valores renascentistas diferiam dos valores propagados durante a Idade Média.

– Renascimento cultural: antropocentrismo, individualismo, racionalismo, naturalismo e hedonismo.

– Homem medieval: teocentrismo, coletivismo, misticismo, espiritualismo e ascetismo.

4 O Renascimento, no início dos chamados Tempos Modernos, resultou, entre outros fatores significativos

a) da ação desenvolvida pela nobreza tradicional na formação dos Estados nacionais.

b) da rebelião religiosa provocada por dissidentes germânicos.

c) da crise geral do feudalismo e subseqüentes transformações sociais e políticas.

d) da ação de fatores conjunturais, como as Cruzadas e as Investiduras.

e) da criação, na época, de grandes universidades, como Oxford e Bolonha.

RESOLUÇÃO:

O Renascimento faz parte da transição feudo-capitalista relacionado com as artes e com a ciência.

Resposta: C

5 (MACKENZIE-SP) – No início da Idade Moderna, pretendendo construir um novo tipo de sociedade mediante a difusão de novos padrões de comportamento, surgiram na Península Itálica ricos patrocinadores das artes e das ciências, os quais objetivavam não só a promoção pessoal, mas também proveitos culturais e políticos.

Assinale a alternativa que designa os patrocinadores citados acima.

a) Neoplatônicos. b) Condottieri. c) Mecenas.

d) Humanistas. e) Hedonistas.

RESOLUÇÃO:

Os mecenas (termo derivado do nome de um rico romano, patrocinador dos poetas na época de Augusto) deram ao Renascimento um impulso extraordinário, protegendo e estimulando a produção cultural do período. Compreendiam tanto governantes da época (papas, reis e príncipes que buscavam aumentar seu poder e glória) como burgueses interessados em elevar seu *status* ou em obter —por meio do incentivo à arte sacra— absolvição espiritual para suas práticas mercantis e financeiras.

Resposta: C

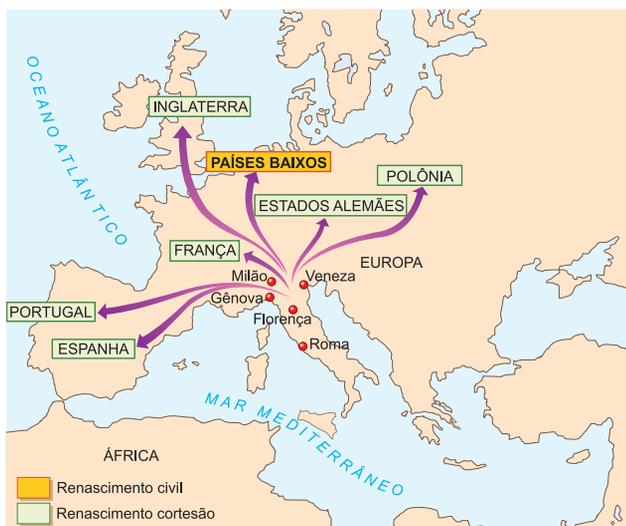
- Imprensa • Instabilidade política
- Fanatismo religioso

1. A crise do Renascimento italiano

A partir de 1550, o Renascimento Cultural começou a sofrer uma mudança em seu eixo, devido à decadência econômica das cidades italianas que perderam a hegemonia econômica no comércio das tão cobiçadas especiarias. A expansão marítima transferiu para os Oceanos Atlântico e Índico a supremacia comercial. Além disso, a ação da **Contrarreforma**, mais atuante na Itália, acabou confundindo renascentista com reformista.

A instabilidade política, fruto das constantes guerras para o controle das repúblicas italianas, levou a Itália a uma quase destruição, gerando insegurança e facilitando as invasões estrangeiras.

Como a Itália era o centro cultural da Europa, estudantes das mais remotas regiões iam para lá aprender os princípios humanistas. Os estudantes, ao retornarem aos seus países, passavam a ser os divulgadores das obras renascentistas. O Renascimento, assim, entrava em crise na Itália, propagando-se para outros países.



O Renascimento Cultural teve seu "berço" na Itália, difundindo-se por várias regiões da Europa.

2. O Renascimento nos Países Baixos

Na medida em que o Renascimento estava associado ao desenvolvimento capitalista, os Países Baixos, formados pela Holanda e Bélgica, proporcionaram o de-

Contrarreforma: reação da Igreja Católica que tinha por finalidade evitar a propagação dos movimentos protestantes, através de uma reforma interna e de medidas repressoras.



Erasmus de Rotterdã, o grande humanista holandês.

envolvimento das artes, sobretudo na pintura e literatura.

A pintura flamenga foi caracterizada por uma brilhante arte, representada por grandes nomes como Rembrandt, Rubens, Bosh e Van Eyck. O pensamento humanista teve na figura de Erasmus de Rotterdã (1466-1536) seu grande representante, recebendo o cognome de "o príncipe dos humanistas".

3. O Renascimento em Portugal e Espanha

Os países ibéricos assumiram a liderança no processo das Grandes Navegações, o que resultou em um grande afluxo de metais preciosos para Portugal e Espanha. Os monarcas ibéricos atraíram para suas cortes grandes mestres do Humanismo e da pintura italiana.

Em Portugal, o Renascimento chegou ao seu ápice no reinado de D. João III, que chamou professores estrangeiros para sua corte. A literatura foi amplamente desenvolvida, relatando a odisséia portuguesa nos mares. Luís Vaz de Camões, o cantor maravilhoso das glórias portuguesas, narrou a epopeia de Vasco da Gama no caminho das Índias, a partir dos versos de *Os Lusíadas*. Gil Vicente fundou o teatro nacional, tecendo críticas à sociedade e à religião com obras como *A Farsa de Inês Pereira* e *Trilogia das Barcas*.

Na Espanha, destacou-se na literatura o gênio de Miguel de Cervantes, que ridicularizou a sociedade feudal em sua obra *Dom Quixote de la Mancha*; a pintura tem em El Greco sua mais ilustre personagem.

4. O Renascimento na França

Na França, o movimento renascentista começou a ganhar corpo quando se iniciaram as guerras da Itália. O rei Francisco I foi de extrema importância para o movimento, pois cercou-se de humanistas famosos e escolheu seus embaixadores entre os mais famosos humanistas do reino, encarregando-os de comprar manuscritos raros na Itália e no Oriente.

Dentre os grandes expoentes da literatura destaca-se François Rabelais (1494-1553), que, ao escrever *Gargântua e Pantagruel*, elaborava uma violenta crí-

tica ao direcionismo dos teólogos da Sorbonne, defendendo a razão e a natureza, procurando o ideal humano por meio de uma total liberdade de vida, de fé e de pensamento. Em Montaigne, os famosos *Ensaio*s fazem a defesa da natureza humana.

5. O Renascimento na Inglaterra

Apesar de o Renascimento ter tido seus primórdios a partir da Guerra das Duas Rosas, foi no reinado de Isabel I que alcançou seu apogeu, ao transformar sua corte em uma sábia universidade, criando a Idade de Ouro da literatura inglesa. O Renascimento inglês teve um traço *sui generis*, pois ao mesmo tempo que imitava os modelos gregos e romanos, conservou a originalidade saxônica.

No campo literário destacou-se Thomas Morus, com sua obra *Utopia*, em que descreve um país imaginário onde não existe propriedade privada nem pobres e ricos. William Shakespeare, o maior dramaturgo de todos os tempos, criou obras imortais, revelando o temor à anarquia e o constante apelo à ordem. Entre

suas obras destacam-se *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, *Rei Lear* e muitas outras.

Na ciência, o grande representante foi Francis Bacon, que desenvolveu o método da experimentação.

6. O Renascimento na Europa Central

Apesar de os Estados alemães encontrarem-se em franco progresso econômico, seu fracionamento impediu um profundo desenvolvimento da cultura renascentista, que também foi bastante atacada pela Reforma religiosa.

Seu maior desenvolvimento deu-se na pintura, tendo a arquitetura e a escultura um desempenho medíocre. Na ciência, o estudo nas universidades permitiu o desenvolvimento de teorias astronômicas, como as do alemão Johannes Kepler e do polonês Nicolau Copérnico, ambos defensores da teoria heliocêntrica – isto é, o Sol era o centro do Universo –, que se chocou com a teoria geocêntrica, defendida pela Igreja Católica.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M208**



Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – “(...) Depois de longas investigações, convenci-me por fim de que o Sol é uma estrela fixa rodeada de planetas que giram em volta dela e de que ela é o centro e a chama. Que, além dos planetas principais, há outros de segunda ordem que circulam primeiro como satélites em redor dos planetas principais e com estes em redor do Sol. (...) Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião, se quiserem dar-se ao trabalho de tomar conhecimento, não superficialmente mas duma maneira aprofundada, das demonstrações que darei nesta obra. Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques: as verdades matemáticas não devem ser julgadas senão por matemáticos.”

(Nicolau Copérnico,
De Revolutionibus orbium caelestium.)

“Aqueles que se entregam à prática sem ciência são como o navegador que embarca em um navio sem leme nem bússola. Sempre a prática deve fundamentar-se em boa teoria. Antes de fazer de um caso uma regra geral, experimente-o duas ou três vezes e verifique se as experiências produzem os mesmos efeitos. Nenhuma investigação humana pode se considerar verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas.”

(Leonardo da Vinci. Carnets.)

O aspecto a ser ressaltado em ambos os textos para exemplificar o racionalismo moderno é

- a) a fé como guia das descobertas.
- b) o senso crítico para se chegar a Deus.
- c) a limitação da ciência pelos princípios bíblicos.
- d) a importância da experiência e da observação.
- e) o princípio da autoridade e da tradição.

Resolução

Os dois autores citados viveram no período do Renascimento e refletem a mudança de mentalidade e visão de mundo naquele momento de transição. No período, o desenvolvimento do capitalismo e da vida urbana estimulou a produção científica, baseada no racionalismo, na observação dos fenômenos naturais e no experimentalismo. Dessa forma, ficaram superados o teocentrismo e o dogmatismo que predominaram no período anterior (Idade Média). Ressalte-se, porém, que, de acordo com a questão, ambos os textos enfatizam “a importância da experiência e da observação”. Ora, o texto de Copérnico não faz nenhuma referência à “experiência”; por outro lado, os dois textos enfatizam a importância das “verdades matemáticas” (Copérnico) ou das “demonstrações matemáticas” (Da Vinci).

Resposta: D

2 (UEL – MODELO ENEM) – “Uma importante atividade intelectual, desenvolvida por Galileu, no século XVII, foi objeto de controvérsias, sobretudo nos meios da Igreja Católica.”

O texto refere-se

- a) à ideia de que o conhecimento se reduzia à constatação da existência: “Penso, logo existo”.
- b) à análise do mundo animal, como um espaço intermediário entre a Física e a Psicologia.
- c) à utilização de experimentos na investigação da verdade científica.
- d) à ideia de que a origem do conhecimento estava na dúvida metódica.
- e) ao princípio de que a matéria atrai a matéria, na razão inversa de suas massas.

Resolução

O físico e astrônomo Galileu Galilei (1564-1642) desenvolveu vários instrumentos que o auxiliaram em várias de suas descobertas. Dentre eles destacamos: o aperfeiçoamento telescópio; a balança hidrostática; um tipo de compasso geométrico que permitia medir ângulos e áreas; uma espécie de termômetro; e o precursor do relógio de pêndulo.

Resposta: C

1 Por que o Renascimento atingiu outros países da Europa, no século XVI?

RESOLUÇÃO:

Após entrar em crise na Itália, o Renascimento Cultural propagou-se para outros países, em função dos estudantes que lá iam aprender os princípios humanistas, ou por meio de soldados mercenários que participavam das guerras na Itália e levavam a seus países de origem obras de arte que haviam sido saqueadas.

2 Qual foi a importância da imprensa na difusão da Renascença?

RESOLUÇÃO:

A ampliação do acesso ao conhecimento foi possível graças à publicação de obras literárias (com vários exemplares e edições), estimulando a propagação e o florescimento de diversas ideias.

3 (ENEM) – O texto abaixo foi extraído da peça *Troilo e Créssida* de William Shakespeare, escrita, provavelmente, em 1601.

“Os próprios céus, os planetas, e este centro reconhecem graus, prioridade, classe, constância, marcha, distância, estação, forma, função e regularidade, sempre iguais; eis porque o glorioso astro Sol está em nobre eminência entronizado e centralizado no meio dos outros, e o seu olhar benfazejo corrige os maus aspectos dos planetas malfazejos, e, qual rei que comanda, ordena sem entraves aos bons e aos maus.”
(personagem Ulysses, Ato I, cena III).

(SHAKESPEARE, W. *Troilo e Créssida*: Porto: Lello & Irmão, 1948.)

A descrição feita pelo dramaturgo renascentista inglês se aproxima da teoria

- geocêntrica do grego Claudius Ptolomeu.
- da reflexão da luz do árabe Alhazen.
- heliocêntrica do polonês Nicolau Copérnico.
- da rotação terrestre do italiano Galileu Galilei.
- da gravitação universal do inglês Isaac Newton.

RESOLUÇÃO:

Como autor renascentista afinado com o pensamento de seu tempo, Shakespeare coloca o Sol como centro do sistema planetário – em consonância com a teoria heliocêntrica de Copérnico. A teoria astronômica aceita anteriormente – inclusive endossada pela Igreja – era o geocentrismo, que posicionava a Terra como centro de todo o Universo.

Resposta: C

4 (MODELO ENEM)

“A isto respondeu Sancho:

– Viva Deus, Senhor Cavaleiro da Triste Figura! Coisas diz Vossa Mercê que eu não posso levar à paciência; e por elas chego a imaginar que tudo o que me tem dito de cavalarias, de alcançar reinos e impérios, de dar ilhas e fazer outras mercês e grandezas, como é de uso de cavaleiros andantes, deve ser tudo coisas de vento e mentira, e tudo pastrana, ou patranha, ou como melhor se chama.”

O texto acima permite identificar a obra de

- Miguel de Cervantes.
- Dante Alighieri.
- Torquato Tasso.
- François Rabelais.
- Gil Vicente.

RESOLUÇÃO: Sancho Pança era o escudeiro de D. Quixote, a quem Cervantes chama de “cavaleiro de triste figura” demonstra assim uma crítica aos valores da cavalaria medieval.

Resposta: A

Texto para a questão 5.

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o feito ilustre Lusitano
A quem Netuno e Marte obedeceram
Cesse tudo que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”

(Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*.)

5 Nos versos acima, o grande poeta do Renascimento, em Portugal, revela algumas das principais características do movimento renascentista em geral, ou seja:

- A preocupação de todos os europeus com o rápido avanço dos turcos-otomanos em direção à Europa Central.
- A exaltação das Grandes Navegações e descobrimentos e a consequente revelação de “mundos novos”.
- A fidelidade aos princípios filosóficos e às realizações culturais da Idade Média.
- A recuperação da cultura da Antiguidade Clássica, aliada porém à certeza de ultrapassá-la.
- A rejeição dos valores tradicionais da sociedade portuguesa em conflito com aqueles oriundos da Antiguidade.

Assinale

- se as afirmativas I e V estiverem certas.
- se as afirmativas I e III estiverem certas.
- se as afirmativas III e IV estiverem certas.
- se as afirmativas II e IV estiverem certas.
- se as afirmativas II e V estiverem certas.

RESOLUÇÃO:

I – O avanço otomano não fazia parte das preocupações portuguesas (Europa Ocidental).

III – O pensamento Renascentista critica o medievalismo e exalta o passado clássico.

V – Exaltação do povo português e seu espírito desbravador.

Resposta: D

1. O revolucionário século XVI

O novo século que despertou foi marcado por mudanças que provocaram o nascimento de uma nova era na história do pensamento europeu. O século XVI foi rico em acontecimentos suntuosos e heroicos, caracterizando-se por profundas conturbações, que acabaram por abalar quase definitivamente a velha ordem feudal.

Os progressos realizados nesse novo tempo alargaram as fronteiras do mundo conhecido até então. Os efeitos da **circum-navegação** e o processo de colonização da América permitiram oferecer à burguesia um outro campo de ação. Os mercados saíram do horizonte mediterrâneo, assumindo proporções intercontinentais. Nesta conjuntura, a entrada de um grande volume de metais preciosos da América permitiu a formação de fortunas colossais, ao mesmo tempo em que surgiram crises financeiras que preconizavam a necessidade de mudanças nas relações de produção.

Nesse século, o homem tentava ultrapassar o limite das tradições, com base em um pensamento livre e moderno. As Monarquias nacionais ganhavam força em quase toda a Europa, substituindo a esfera do poder senhorial por novas relações políticas assentadas na figura do rei, que colocava a burguesia a seu favor. Dessa forma, o poder central assumiu a liderança dos grandes negócios, mascarando-se de um espírito burguês, tornando-se o próprio Estado um comerciante. A nobreza continuava ociosa, inútil, vivendo de um passado que não se via presente.

No contexto das grandes mudanças, o pensamento humano firmou-se nos princípios humanistas, que concebiam o homem como a medida de todas as coisas, dilatando as fronteiras do saber e do pensar. A mentalidade urbana, cercada ainda da remanescente ruralização feudal, absorveu com intensidade os ideais do pensamento renascentista. Com base na razão, todas as instituições sobreviventes da organização feudal foram questionadas. Assim, no momento em que se questionava o feudalismo colocava-se em "xeque" também a sua mentora: a Igreja Católica.

2. A ruptura da unidade religiosa

Durante a Idade Média, o poder temporal confundia-se com o espiritual, surgindo por diversas vezes choques entre essas duas forças. A expansão do comércio, favorecendo a vida urbana, acelerou o descontentamento social em relação à grande fortuna acumulada pela Igreja, que se contrapunha ao crescimento da pobreza.

O desenvolvimento das atividades comerciais tornou premente a necessidade de se criarem escolas leigas, organizadas pela burguesia, culminando com o apa-

recimento das universidades. Os intelectuais revoltavam-se contra as pesadas leis eclesiásticas, questionando também as complicadas práticas do culto católico. Tudo isso contribuiu para favorecer as críticas contra os dogmas e os rituais da Igreja Católica, desencadeando uma série de movimentos rotulados como heresias.

Os precursores da Reforma

O século XIV deu o corpo e o sentido da reforma que iria se processar mais tarde. John Wycliff, professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra, lançou de sua **cátedra** uma série de ataques contra a Igreja, denunciando a imoralidade e o poder temporal do clero. Ao mesmo tempo, negava o culto aos santos, criticava a venda de indulgências e combatia as propriedades eclesiásticas, alimentando as revoltas camponesas.

Vários seguidores de Wycliff propagaram suas ideias pela Europa, destacando-se Johan Huss, professor da Universidade de Praga, que tentou associar as ideias da Reforma com a autonomia política da Boêmia em relação ao Sacro Império Romano-Germânico. Cometeu, dessa forma, dois pecados, tendo sido por isso condenado à morte na fogueira em 1415.

Outra fagulha contra a poderosa estrutura da Igreja Católica foi a influência do pensamento humanista, principalmente com a obra de Erasmo de Rotterdam, *Elogio da Loucura*, publicada em 1509. Nessa obra, o **cônego** holandês criticou duramente a vida luxuosa e faustuosa do clero, combateu a cultura escolástica, propondo uma verdadeira reforma no seio da Igreja Católica.

Todas as tentativas feitas para adequar a Igreja às transformações que se processavam com o advento do capitalismo esbarravam-se no conservadorismo da cúpula do clero romano, deixando, porém, à mostra as necessidades de uma profunda reforma religiosa.

A Alemanha prepara-se para a Reforma

No início do século XVI, a Alemanha ainda não havia passado pelo processo de centralização política, como ocorria em outras regiões da Europa, e era formada por vários principados. A Igreja exercia o controle de grande parte das propriedades e cobrava pesados tributos, o que provocava o descontentamento das populações. Inexistia um poder central forte que as libertasse dos abusos de Roma.

O desenvolvimento do capitalismo na Alemanha permitiu a formação de uma classe de banqueiros muito poderosa, que convivía com a insatisfação da pequena nobreza, ameaçada pela concentração fundiária. Por outro lado, os camponeses revoltavam-se contra as altas

Circum-navegação: viagem feita por Fernão de Magalhães, piloto português a serviço da Espanha, de 1519 a 1522, comprovando definitivamente a esfericidade da Terra. **Cátedra:** cargo ou função de professor de disciplina de nível universitário ocupado por professor titular. **Cônego:** padre secular pertencente a uma determinada ordem e sujeito à regra monástica.

de preços, os excessivos impostos e a perda de alguns privilégios feudais.

Nesse sentido, formou-se na Alemanha um profundo sentimento nacionalista contra o poder exercido pela Igreja Católica: os príncipes procuravam uma maneira de aumentar seus domínios e fortalecer-se politicamente; os banqueiros e grandes comerciantes aspiravam à independência das cidades dos laços eclesiásticos; e os camponeses desejavam livrar-se dos pesados tributos, sacudindo a sua miséria.

As propostas reformistas de Lutero

Martinho Lutero nasceu na Saxônia, em 1483, começando sua carreira estudando Direito. Aos 22 anos entrou para a ordem dos agostinianos, ordenando-se sacerdote em 1507, quando então transferiu-se para Wittenberg. No ano seguinte, passou a ensinar Teologia na Universidade, onde começou a esboçar a sua doutrina.

O papa Leão X, sentindo necessidade de angariar fundos para o término da Basílica de S. Pedro, iniciada na época de Júlio II, autorizou a venda de indulgências na Alemanha, confiada aos dominicanos.

Revoltado com o comércio das indulgências, em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou na porta da catedral as **95 Teses**, protestando contra os abusos do clero e rebelando-se contra a autoridade eclesiástica.

Entre suas propostas, afirmava que a salvação da alma dependia exclusivamente da fé, independentemente das obras de caridade. Somente mais tarde percebeu a profundidade de suas teorias, pois atingiam os principais dogmas da Igreja Católica.

Apesar da oposição feita pela ordem dos agostinianos, Lutero lançou novos escritos, conseguindo vários adeptos de suas ideias. O papa Leão X, envolvido

em questões sucessórias do Sacro Império Germânico, manteve-se alheio à profundidade da crise.

Em 1520, devido às repercussões de suas críticas, e como Lutero continuava inabalável em suas afirmações, recusando retratar-se, o papa excomungou-o. O imperador Carlos V, tentando pôr fim ao caos que se abatera sobre seus Estados com a crise religiosa, convocou Lutero a comparecer à **Dieta de Worms**, onde mais uma vez recusou retratar-se. Condenado pelos partidários do imperador, refugiou-se no castelo de Frederico da Saxônia. Durante esse período, o reformador produziu uma série de novos escritos e fez a tradução da *Bíblia* para o alemão, para que os alemães tivessem acesso a sua leitura.

A nobreza alemã encontrou nas ideias de Lutero meios para aumentar seus bens, tomando posse das propriedades do clero. Quando, porém, os camponeses revoltaram-se, liderados por Thomas Munzer, exigindo mudanças nas suas condições sociais, Lutero opôs-se à revolta, chegando mesmo a reclamar auxílio militar dos nobres para sufocar o movimento camponês.

Os fundamentos da doutrina luterana foram expostos na **Confissão de Augsburg**, em 1530, por seu discípulo Melancton, que estabeleceu as bases do luteranismo: salvação pela fé; simplicidade no culto religioso; a existência de apenas dois sacramentos, o batismo e a eucaristia; e o reconhecimento na eucaristia da **consubstanciação**, rejeitando-se a **transubstanciação**.

Com a finalidade de acabar com os conflitos religiosos que perturbavam a estabilidade do Império, o imperador Carlos V assinou, em 1555, a **Paz de Augsburg**. Estabelecia-se assim que o catolicismo continuaria a ser a principal religião, porém dava aos príncipes liberdade para escolher a religião de seus súditos, entre o catolicismo e o protestantismo, com base no princípio **cujus regio, ejus religio**.

Consubstanciação: presença de Cristo na eucaristia. **Transubstanciação:** transformação do pão e do vinho em carne e sangue de Cristo, na hora da eucaristia.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M209**

Exercícios Resolvidos

1 (UFG – MODELO ENEM) – A Reforma Protestante, iniciada por Lutero, foi um movimento de mudanças sociais de caráter fundamentalmente religioso, com importantes desdobramentos políticos e econômicos. No que se refere aos princípios políticos e religiosos, o luteranismo defendia a

- a) submissão da Igreja ao Estado e a valorização da fé individual.
- b) implementação de políticas econômicas na Europa e a quebra da autoridade religiosa.
- c) jurisdição real sobre terras da Igreja e a cobrança de impostos sobre esse patrimônio.
- d) extinção das rendas feudais e a oposição às pregações morais do clero.
- e) cessação do poder político-administrativo da Igreja sobre os reinos e o fim da condenação da usura.

Resolução

Lutero afirmava que Cristo não dotara a Igreja de autoridade civil, e que à semelhança dos primeiros cristãos, a instituição deveria se submeter ao poder dos príncipes.

Resposta: A

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – "É preciso ensinar aos cristãos que aquele que dá aos pobres, ou empresta a quem está necessitado, faz melhor do que se comprasse indulgências". (Martinho Lutero - 43 Tese)

As Indulgências eram

- a) documentos de compra e venda de cargos e títulos eclesiásticos a qualquer pessoa que os desejasse.

b) cartas que permitiam a negociação de relíquias sagradas, usadas por Cristo, Maria ou santos.

c) dispensas, isenções de algumas regras da Igreja Católica ou de votos feitos anteriormente pelos fiéis.

d) proibições de receber o dízimo oferecido pelos fiéis e incentivo à prática da usura pelo alto clero.

e) absolvições dos pecados de vivos e mortos, concedidas através de cartas vendidas aos fiéis.

Resolução

Lutero condenou a venda de indulgências afirmando que a salvação do homem se dá exclusivamente pela fé. Elas foram o motivo desencadeador das propostas que fazia para que a Igreja Católica se reformasse.

Resposta: E

1 Por que a Reforma Religiosa começou na Alemanha, no século XVI?

RESOLUÇÃO:

Porque a Alemanha ainda não havia passado pelo processo de centralização política. Os príncipes (senhores de origem feudal que administravam algumas regiões com grande autonomia) desejam ampliar os seus domínios por meio da conquista das terras eclesiásticas. O desenvolvimento do capitalismo, no Norte da Alemanha, permitiu a formação de uma classe poderosa de banqueiros e comerciantes, insatisfeitos com os excessivos impostos; dessa maneira, formou-se na Alemanha um profundo sentimento nacionalista, contrário ao poder exercido pela Igreja Católica.

2 Qual foi a posição de Lutero frente às revoltas camponesas na Alemanha?

RESOLUÇÃO:

Lutero opôs-se à revolta, chegando mesmo a reclamar auxílio militar dos nobres para sufocar o movimento camponês.

3 Quais são os princípios básicos da doutrina luterana?

RESOLUÇÃO:

A salvação pela fé, a simplicidade do culto religioso, a existência de apenas dois sacramentos (batismo e eucaristia), o reconhecimento da consubstanciação na eucaristia, a livre interpretação da Bíblia e o sacerdócio universal.

4 (PUC) – Entre vários aspectos, a quebra da unidade religiosa, no início dos tempos modernos, pode ser vista como resultado

- das críticas ao poder temporal dos pontífices.
- das divergências entre os monarcas europeus sobre os poderes do clero secular.
- dos conflitos entre a hierarquia da Igreja e o Papado.
- das discussões sobre a venda das propriedades eclesiásticas.
- das teorias humanistas sobre a infalibilidade do papa.

RESOLUÇÃO:

Muitos reis estavam interessados numa Igreja nacionalizada e submissa aos seus interesses.

Resposta: B

5 O cisma de Lutero, no século XVI, defendia, entre outras, a ideia de que

- a tradição e o Novo Testamento são as únicas fontes da doutrina cristã.

- o homem se salva ao praticar os sete sacramentos estabelecidos pela Igreja.

- a leitura da Bíblia deve ser restrita, pois nem todos possuem condições intelectuais para interpretá-la.

- o papa, por ser eleito sob inspiração do Divino Espírito Santo, é infalível.

- a Igreja deve submeter-se ao Estado e somente possui poder espiritual.

RESOLUÇÃO:

Lutero defende a supremacia do poder temporal sobre o espiritual.

Resposta: E

6 A Dieta de Augsburgo (1555), ao admitir o princípio – *cujus regio, ejus religio* –, no Sacro Império Romano-Germânico, estabeleceu que

- as doutrinas reformadas não seriam aceitas pelos governantes.
- os governantes adotariam a fé religiosa da maioria de seus súditos.
- os súditos adotariam a religião de seus governantes.
- os súditos católicos seriam convertidos ao luteranismo.
- os assuntos religiosos não poderiam sofrer a influência dos Estados.

RESOLUÇÃO: Os príncipes queriam evitar revoltas internas em razão da posição que adotariam frente à Reforma.

Resposta: C

7 (UFRRJ – MODELO ENEM) – "III – Tem sido hábito, até agora, de certos homens segurar-nos como propriedade sua, visto que o Cristo nos libertou (...). Por isso, julgamos estar garantido que seremos libertados da servidão."

(Manifesto dos Camponeses Alemães Revoltados – 1525.)

"Deus prefere que existam governos, por piores que sejam, do que permitir à ralé que se amotine, por mais razão que tenha."

(Martinho Lutero – Primeira metade do século XVI.)

Por mais que Lutero e os camponeses alemães tivessem críticas comuns à Igreja Católica da época, existiam sérios pontos de conflito entre eles. A raiz deste choque está

- na ideia de que somente aqueles que possuíssem instrução ou títulos podiam manifestar-se contra a Igreja Católica e suas práticas.
- no apoio mútuo existente entre Lutero e os setores da nobreza alemã que mantinham os camponeses sob servidão.
- no fato de os camponeses alemães defenderem o respeito absoluto ao dogma da infalibilidade papal, com o que Lutero não concordava.
- na excomunhão de Lutero pelo papa Leão X, já que os camponeses temiam aproximação com alguém acusado de heresia.
- no fato de a doutrina luterana defender a salvação do corpo e da alma, enquanto os camponeses só estavam preocupados com a salvação terrena.

RESOLUÇÃO:

Os nobres exergavam nas ideias de Lutero motivos para libertar-se da influência papal e para manter sua autoridade sobre os camponeses. Ao mesmo tempo, Lutero precisava da proteção dos nobres para livrar-se da perseguição e ameaça de morte a que fora sujeito pela Igreja Católica.

Resposta: B

ARTES



A perfeição em
forma de escultura

Educação Artística - Módulos

- 9 – A Arte Islâmica
- 10 – A Literatura Islâmica
- 11 – A Arte Românica
- 12 – A Arte Gótica
- 13 – Renascimento – I
- 14 – Renascimento – II
- 15 – Maneirismo
- 16 – Barroco

Módulo

9

A Arte Islâmica

Palavras-chave:

- Minarete • Mesquita • Mihrab

1. Origem e influências

A civilização árabe foi marcada por um notável expansionismo e pela sua grande capacidade de assimilação de outros povos. Como Meca transformou-se em um importante centro comercial e religioso, a constante peregrinação à cidade e a grande quantidade de caravanas que por ali passavam facilitaram o intercâmbio de culturas. Formou-se, assim, uma civilização em que diferentes povos foram unidos principalmente pela língua e pela religião.

A cultura islâmica recolheu influências da civilização helenística, especialmente de Alexandria e da Pérsia, conservadas durante o Império Bizantino. Em certo sentido, apesar de terem sido conquistados pelos muçulmanos, os persas tomaram a incipiente arte árabe islâmica, renovaram-na e produziram, assim, artistas e artífices para a glória do Islão.

Do ponto de vista absoluto, Maomé e seus seguidores não tiveram arte. Quando as fanáticas hordas muçulmanas invadiram o território da Pérsia, a população abraçou rapidamente a nova religião. Dotados de um espírito artístico, os persas possuíam a faculdade criadora que complementava a fé dos árabes. A Pérsia

assumia, assim, o papel de foco original da cultura e o Islão tornava-se o seu instrumento.

2. Características da arte islâmica

Assim como a arte bizantina, a arte islâmica é essencialmente decorativa, condicionada pela religião, representando sobretudo uma atividade espiritual. A proibição sagrada de representar Alá sob formas antropomórfica, zoomórfica ou antropozoomórfica – pois Alá possui apenas natureza divina – e a proibição, que durou muito tempo, de representar formas humanas prejudicaram o desenvolvimento da pintura e da escultura, levando os artistas islâmicos a se especializarem em motivos geométricos e figuras abstratas. As próprias linhas floreadas da escritura árabe adquiriram um alto valor decorativo. No entanto, a arquitetura foi a contribuição mais significativa.

3. A arquitetura

A arquitetura é a arte-mãe típica do Islão, apesar da influência que recebeu das construções bizantinas, representada pela utilização das cúpulas. Os exteriores

são singelamente acabados, ritmicamente agradáveis, com **zimbórios** e **minaretes** contrastando com os pátios e interiores profusamente ornamentados. Daí a arquitetura ser desnuda e monótona no exterior e extremamente luxuosa no interior.

A originalidade da arte árabe está no detalhe, representada por monumentos religiosos, como as mesquitas e túmulos, palácios e torres.

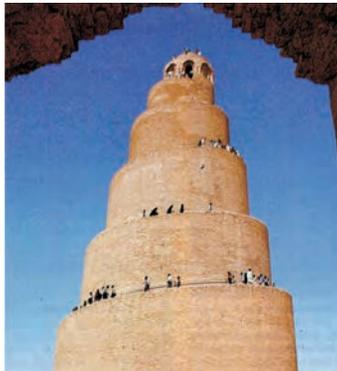
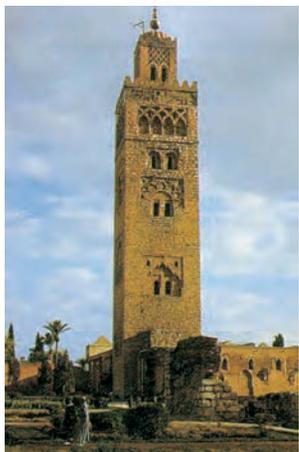
A mesquita

Ao contrário da igreja cristã, a mesquita não é a moradia de Deus, mas apenas o lugar de encontro dos fiéis onde se pode orar em paz. Sem dúvida, é o edifício mais característico, mais importante e mais difundido da arquitetura **sarracena**.



Mesquita de Omar, Jerusalém.

Mesquita em árabe é “lugar de prostração”. O coração da mesquita é o santuário, onde os muçulmanos desenrolam seus tapetes de oração e se prostram diante de Deus. Uma parede do santuário, a parede *Quibla*, assinala a direção de Meca e, num certo sentido, é sagrada, embora se destine apenas a ser funcional, sem nenhum simbolismo místico em particular.



Minarete da Mesquita de Samarra.

O minarete, exemplo típico da arquitetura islâmica, de onde se conclamam os fiéis para as preces diárias.

Como o resto da mesquita, o santuário foi inicialmente decorado por tradição, em estilo simples e austero, pois ao profeta repugnavam sinais de idolatria. Um nicho, *Mihrab*, é a única característica marcante da parede Quibla.

No início do século VIII, quando pela primeira vez introduziu-se a *Mihrab*, certos seguidores puritanos de

Zimbório: parte superior, em geral convexa, que exteriormente remata a cúpula de um grande edifício, sobretudo de igrejas.

Minarete: pequena torre de mesquita, de três ou quatro andares e balcões salientes, de onde se anuncia aos muçulmanos a hora das orações.

Sarracena: designação comum, na Idade Média, às populações muçulmanas do Oriente, África e Espanha.

Maomé se opuseram. Alegavam que era muito parecido com os nichos onde se põem os santos nas igrejas cristãs. Mas o nicho presta-se de tal forma como um ponto de foco para a oração, que aos poucos se incorporou nas mesquitas por todo o Islão.

Os túmulos



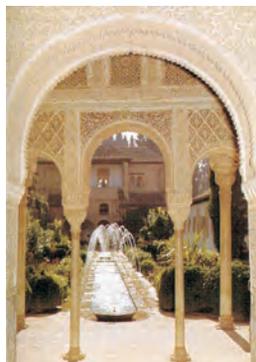
O Taj Mahal, um dos túmulos mais belos, em Agra, Índia.

O *Taj Mahal*, construído no ano 1630, em Agra, na Índia, é um dos mais famosos monumentos da história da humanidade. É um túmulo real construído em mármore branco, erigido sobre uma plataforma de 6 metros de altura. Possui quatro minaretes de 44 metros, situados nos vértices de sua base. Uma cúpula hemisférica central rege toda a simetria, medindo 26 metros de altura por 20 metros de diâmetro. Sobre esta apoia-se uma outra, de aspecto bulbar, que mede 60 metros de seu ápice até o nível da plataforma.

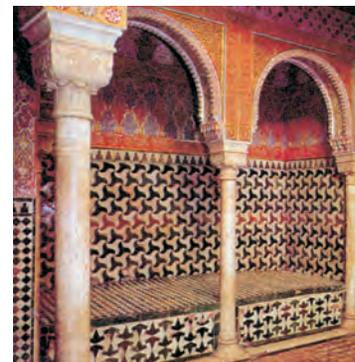
Os palácios

Os palácios são edifícios de áreas enormes, com pórticos imensos, pátios, salas de música, banheiros e jardins anexos com apartamentos para hóspede.

O *palácio de Alhambra*, em Granada, na Espanha, é o maior dos palácios muçulmanos. É um complexo de pátios abertos, vestíbulos e salão desorientado pela extensão e variedade. Há uma série sem paralelo de salões suntuosamente adornados. O todo assume um ar de fantasia, como um país de fadas em que as realidades da vida são desconhecidas, embora o exterior se revista de um aspecto feio, como de uma fortaleza ou de um castelo medieval.



Interior do Palácio de Alhambra.



Sala do Palácio de Alhambra, decorada com motivos geométricos.



A arquitetura árabe

Sem nunca ter rompido seus estreitos vínculos com a religião de Maomé, a arte islâmica atingiu sua forma de expressão máxima na arquitetura, com obras de grande porte e extraordinária beleza. Entre elas destacam-se as mesquitas, o tipo de construção mais característico da arquitetura islâmica.

Embora as mesquitas apresentem uma grande diversidade de formas e estilos, de acordo com a época e a região onde foram construídas, existem nelas alguns elementos básicos: desde o minarete – torre geralmente separada do edifício

principal, de onde se anuncia a hora das preces – e as fontes destinadas às abluções rituais dos muçulmanos, até o quibla, muro que indica a direção de Meca e diante do qual os fiéis se prostram para orar.

A mais antiga mesquita é a de El Acsa, erguida em Jerusalém no fim do século VII. Como todos os primeiros templos islâmicos, assemelha-se muito a uma igreja cristã. Na realidade, quando a dinastia dos Omíadas transferiu a capital de Medina para Damasco, as principais igrejas cristãs da cidade foram transformadas em mesquitas.

À medida que aumentava o poderio político e econômico do Islão, as mesquitas passaram a ser construídas em um estilo arquitetônico bastante aprimorado e com uma rica ornamentação, embora conservando suas características básicas. Os minaretes, por exemplo, tornaram-se mais numerosos, ao mesmo tempo que sofriam alterações em sua forma. Foi somente a partir do século XI que surgiu, na Pérsia, o seu tipo definitivo: uma torre muito fina e delicada, com um pequeno balcão no topo.

(Abril Cultural. *História das Civilizações*. Vol. II. p. 77.)

Exercícios Resolvidos



1 (MODELO ENEM) – Esse tipo de torre faz parte da arquitetura religiosa de qual cultura:

- a) Chinesa. b) Espanhola. c) Indiana.
d) Árabe. e) Bizantina.

Resolução

Construídas ao lado de mesquitas, os minaretes são torres altas e finas, com três ou quatro andares e balcões salientes, de onde o muezím conchama os muçulmanos às orações.

Resposta: D

2 (UNESP – MODELO ENEM) – “Num momento em que o Império Romano do Ocidente havia desmoronado e os Impérios Bizantino e Persa se esfacelavam, os árabes expandiram consideravelmente seus domínios. Em menos de 100 anos o Islã era a religião de toda a costa sul e leste do Mediterrâneo, além de ter se espalhado para a Pérsia, até o vale do Indo, e para a Península Ibérica.”

(Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, *História para o Ensino Médio*.)

No contexto de tantas conquistas, a civilização árabe

- a) sintetizou criativamente as tradições culturais árabe, bizantina, persa, indiana e grega.
b) rejeitou as contribuições culturais originadas de povos que professassem outras crenças.

c) submeteu pelas armas os povos conquistados e impôs o deslocamento forçado das populações escravizadas.

d) perseguiu implacavelmente os judeus, levando à sua dispersão pelos territórios da Europa do leste.

e) desprezou os ofícios ligados às artes, às ciências e à filosofia relegados aos povos conquistados.

Resolução

Os árabes, ao longo da expansão que se seguiu à morte de Maomé, criaram um império militar, político e religioso, além de desenvolverem uma brilhante civilização. Esta contou com avanços no conhecimento proporcionados pelos próprios árabes; mas também assimilou contribuições de outras culturas com as quais os conquistadores estabeleceram contato — a persa (influência na literatura e em outras artes), a indiana (algarismos “arábicos” e produtos agrícolas como a cana-de-açúcar), a greco-bizantina (conhecimento de textos clássicos) e também a chinesa (inovações técnicas como a pólvora, a bússola e o papel).

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Comente sobre a arte árabe antes de Maomé.

RESOLUÇÃO:

Resume-se em raros objetos (vasos, tapetes e joias), destinados apenas a serem comercializados.

2 Relacione a arte islâmica com a arte bizantina.

RESOLUÇÃO:

Ambas foram essencialmente decorativas.

3 A arte islâmica não é original, assimilando a influência de outros povos. Que civilização exerceu profunda influência na formação da cultura islâmica?

RESOLUÇÃO:

A arte islâmica recebeu influências da cultura helenística (sobrevivente entre os persas) e bizantina.

4 Por que não houve desenvolvimento da escultura e da pintura entre os muçulmanos?

RESOLUÇÃO:

Acreditava-se que Maomé tivesse proibido a escultura e a pintura por considerá-las formas de idolatria.

5 Qual é a manifestação artística mais forte entre os árabes?

RESOLUÇÃO:

A arquitetura, representada pelas mesquitas, palácios, monumentos funerários (túmulos) e os minaretes ou torres, utilizados com finalidade comemorativa.

6 Sobre a arquitetura árabe, é falsa a alternativa:

- a) Construíram a mesquita de Córdoba (hoje catedral), com 119 metros de largura e 167 metros de comprimento.
- b) Construíram o palácio de Alhambra, em Granada, como a um forte, com 8 leões de granito preto rodeados por 128 colunas de mármore branco.
- c) Influenciaram a arte gótica (com arcos ogivais, profundos e pontudos).
- d) Influenciaram os castelos medievais, sendo esses cópias de fortalezas da Síria.
- e) Construíram a basílica de Santa Sofia e quatro minaretes de quase 50 metros de altura.

RESOLUÇÃO:

A basílica de Santa Sofia foi construída no governo de Justiniano I, no Império Bizantino, como uma igreja cristã.

Resposta: E

7 (MODELO ENEM) – “Ornamento de origem árabe que se caracteriza pelo entrecruzamento de linhas, ramagens, flores etc., podendo ser entalhado em uma superfície, pintado, desenhado ou impresso.”

(Dicionário Houaiss em CD-ROM, versão 1.0.5a – novembro de 2002. Editora Objetiva.)



RESOLUÇÃO:

O arabesco é a forma mais empregada na decoração árabe.

Resposta: A

1. A decoração

A graça e a originalidade dos monumentos árabes estão na decoração, que consiste em azulejos de cores vivas, com mil figuras geométricas entrelaçadas com inscrições, conjunto que chamamos de arabescos. Apesar de ser considerada como arte árabe, o centro de produção dessas obras-primas não residia na terra natal, embora tenham dado o nome a essa realização decorativa essencial da arte muçulmana.

Os arabescos são desenhos sem começo nem fim e o olhar não encontra neles um ponto onde se possa deter. Adaptável a qualquer superfície, o arabesco ornamentou tudo, desde pequenos objetos, como caixas de metal, frisos, arcaduras ou mesmo paredes inteiras.



Exemplo de decoração islâmica.

Os árabes trouxeram um novo elemento às artes decorativas, a *caligrafia* ornamental. Menos conhecida no Ocidente do que o arabesco, mas bem mais apreciada pelos muçulmanos, foi a arte de escrever com elegância. Respeitava-se o calígrafo acima dos outros artistas, uma vez que nada podia ser mais digno do que escrever a Palavra de Deus. E desde que o árabe era a língua sagrada – aquela em que Deus revelara sua mensagem a Maomé –, escrever a palavra em árabe era considerada a mais sublime forma de decoração. Assim, versos do Corão, apresentados numa escrita magnífica, adornaram as paredes das mesquitas.

2. A literatura e a filosofia



A caligrafia muçulmana como elemento de arte.

Sem dúvida alguma, a obra em prosa mais significativa é o Corão, porém, a época mais próspera da civilização árabe foi, certamente, a dos séculos XI e XII. A Espanha contou com grandes focos culturais, como Toledo, Córdoba, Granada e Sevilha.

Os muçulmanos destacaram-se na literatura como hábeis contistas, sendo o trabalho literário de mais ampla e duradoura influência fora do próprio Islão *As Mil e uma Noites*, evocando melhor que qualquer outro registro a vida levada em cidades como Bagdá e Cairo, entre o séculos IX e XVI. Nenhum autor em particular escreveu esse livro. O grande destaque também foi *Rubayat*, a obra imortal de Omar Khayyan.

A partir de meados do século IX, foi iniciada a tradução sistemática das obras gregas, destacando-se naturalmente Averróis (1126-1198), médico e filósofo de Córdoba, que traduziu as obras de Aristóteles, introduzindo-as no Ocidente.

3. A ciência e a história

Os árabes foram notáveis matemáticos, físicos, astrônomos, químicos e médicos. Realizaram progressos na álgebra e, apesar de não terem inventado o sistema numérico “árabico”, adaptaram-no do sistema indiano, tornando-o aplicável no Ocidente.

Na Medicina, Avicena (980-1037) descobriu a natureza contagiosa da tuberculose. Sua principal obra médica, *Cânion*, brevemente tornou-se o compêndio padrão para a educação médica em toda a Europa até o século XVII.

Na História, Ibn Kaldun foi o primeiro a examinar a sociedade de modo científico.



Averróis, filósofo e médico que traduziu as obras de Aristóteles.



A arte decorativa do Islão

Proibidos de representar imagens, os artistas muçulmanos especializaram-se em motivos geométricos e figurações abstratas, fazendo com que as próprias linhas floreadas da escrita árabe passassem a ter um importante valor decorativo. Mas, além dos temas religiosos, esses artistas procuravam inspiração nos prazeres da vida, o que resultou em uma arte que não se afasta da realidade e nem procura transcendê-la, com soluções estéticas de extremo bom gosto.

No período da dinastia Abássida, desenvolveu-se a técnica dos ornatos planos, em que os desenhos e motivos decorativos se repetem a curtos intervalos. Figuras geométricas – sobretudo o polígono estrelado – passaram a conter desenhos estilizados de folhagens, frutos e animais. Trabalhados em mármore, estuque, gesso ou madeira, esses ornamentos revestiam inteiramente as paredes dos palácios e mesquitas, como se fossem peças de tecido de belas padronagens e tramas delicadas.

Também os ceramistas muçulmanos esmeraram-se na confecção de diferen-

tes tipos de adorno – lavrados, rendilhados e em relevo – para enfeitar as peças que produziam. Além disso, criaram a técnica de lustro metálico – revestimento fino e brilhante, à base de prata e óxido de cobre, que espalhavam sobre a superfície já decorada de seus trabalhos. Aplicada em azulejos, essa técnica difundiu-se a partir de Bagdá por toda a Pérsia, alcançando o Egito e a Espanha.

O artesanato em metal, por sua vez, explorou os mesmos temas utilizados na cerâmica, estendendo-se até a Síria e o Egito. As belíssimas peças de bronze com forma de animais, em que era usado como matéria-prima o cobre da Mesopotâmia, constituem praticamente os únicos exemplos da escultura muçulmana.

Os artistas muçulmanos destacaram-se, ainda, como hábeis tecelões, produzindo peças de linho e seda ricamente bordadas e, sobretudo, magníficos tapetes. No século XV, a produção de tapetes atingiu seu ponto máximo em quantidade e qualidade, fazendo dessa mercadoria um verdadeiro símbolo da riqueza do Oriente muçulmano entre os europeus.

Em relação à pintura, existem magníficos exemplares – afrescos, pintura em porcelana, iluminuras – que atestam o alto nível alcançado pelos muçulmanos nesta arte e, também, o desenvolvimento da cultura árabe sob a dinastia dos Abássidas. Sob os Omíadas, o estilo pictórico dos artistas muçulmanos apresenta elementos persas, hindus e mesopotâmicos. Nesse período, são particularmente notáveis os mosaicos de influência bizantina, de primoroso acabamento.

Entre os séculos XII e XIII, a pintura islâmica repete os mesmos temas abordados em épocas anteriores – caçadas, nus e desenhos decorativos –, mas já com um maior realismo na representação de cenas da vida cotidiana ou nas ilustrações para livros científicos e literários. A partir do século XIII, os artistas da escola persa adotam uma grande variedade de estilos em seus trabalhos, sobretudo em pinturas, murais e vasos. Nas iluminuras, percebe-se claramente a evolução de um lirismo místico, quase irreal, para uma redescoberta do detalhe anatômico e realista.

(Abril Cultural. *História das Civilizações*. Vol. II. p. 77.)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Os árabes, entre os séculos VII e XI, ampliaram suas conquistas e forjaram importante civilização. Sob a ação catalisadora do Islã, foi mantida a unidade política, enquanto o comércio destacou-se como elo do relacionamento tolerante com muitos povos. Além disso, argumenta-se que os valores culturais da Antiguidade Clássica chegaram ao conhecimento do Mundo Moderno Ocidental porque os árabes

- a) traduziram e difundiram entre os europeus importantes obras sobre o saber grego.
- b) propagaram a obra “Mil e uma Noites”, mostrando que ela se baseia em lendas chinesas.
- c) introduziram na Europa novas técnicas de cultivo e a habilidade na representação de figuras humanas.

- d) profetizavam o destino do homem através das estrelas.
- e) desenvolveram uma ciência não submetida aos ensinamentos religiosos.

Resolução

Boa parte do saber grego chegou ao conhecimento dos cristãos europeus através das obras dos sábios árabes Avicena e Averróis, além de contribuírem para a tradução de livros importantes de filósofos gregos.

Resposta: A

2 (ESPM – MODELO ENEM) – “A obra pode ser considerada autêntica tradição muçulmana formada pelo conjunto das tradições ou narrativas orais fragmentadas chamadas ‘hadiths’. Apresenta os comportamentos do

profeta, as maneiras que tinha de comer, de beber, de se vestir, de cumprir os seus deveres religiosos, de lidar com os crentes e os infiéis.”
(Anne-Marie Delcambre.
Maomé: a palavra de Alá.)

O texto deve ser relacionado com o (a)

- a) Alcorão.
- b) Rubbayat.
- c) Suna.
- d) Zend Avesta.
- e) Torá.

Resolução

Para muitos muçulmanos, a Suna é o segundo livro mais importante do islamismo.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Comente a respeito da decoração árabe.

RESOLUÇÃO:

A decoração consistia em pinturas de azulejos, com figuras geométricas ou simples riscos paralelos (arte dos arabescos).

2 O que são arabescos?

RESOLUÇÃO:

Arabescos são desenhos sem começo ou fim, utilizados no interior das mesquitas, em tapetes e vasos, possuindo um objetivo meramente decorativo; são motivos geométricos, vegetais e inscrições em caracteres árabes.

3 Com exceção do *Corão e do Suna*, qual foi a obra literária de maior expressão no mundo árabe?

RESOLUÇÃO:

As mil e uma noites.

Obs: São uma série de histórias narradas por Xerazade, esposa do rei Xariar. Este rei, furioso por haver sido traído por sua primeira esposa, desposa uma noiva diferente todas as noites, mandando-as matar na manhã seguinte. Xerazade consegue escapar desse destino contando histórias fascinantes sobre diversos temas que estimulavam a curiosidade do rei. Ao amanhecer, Xerazade interrompia cada conto para continuá-lo na noite seguinte, o que a mantém viva ao longo de mil e uma noites, ao fim das quais o rei se apaixonou, se arrependeu e desistiu de executá-la.

4 Não foi filósofo árabe

- a) Avicena.
- b) Al-Quíndj.
- c) Averróis.
- d) Al-Farabi.
- e) Harum-Al-Raschid.

Resposta: E

5 Sobre a cultura árabe, não podemos dizer que

- a) influenciou a formação cultural da população ibérica.
- b) divulgou o uso da pólvora, da bússola e dos algarismos.
- c) foi um elemento de ligação entre o Oriente e o Ocidente.
- d) é uma cultura totalmente original.
- e) sofreu influência persa depois do califado Omiada.

RESOLUÇÃO:

A cultura árabe recebeu influências persas e helenísticas.

Resposta: D

6 (FUVEST) – Durante muito tempo desconhecidos na Europa medieval, os textos de Aristóteles se difundiram a partir do século XII. Suas obras chegaram ao Ocidente europeu por intermédio

- a) de manuscritos gregos, preservados na Biblioteca do Vaticano e, durante longo tempo, mantidos em segredo pela Igreja.
- b) dos monges beneditinos da Europa continental, que preservaram a cultura clássica em seus mosteiros.
- c) de sacerdotes bizantinos, que frequentavam as cortes reais da Europa e as grandes cidades do Ocidente.
- d) dos centros de cultura muçulmanos, sobretudo da península Ibérica, cujos manuscritos, em árabe, foram traduzidos para o latim.
- e) dos venezianos e cavaleiros de França, que atacaram Constantinopla em 1204 e de lá trouxeram os manuscritos originais.

RESOLUÇÃO:

Os sábios sarracenos que viveram na Península Ibérica eram fortemente influenciados pela filosofia platônica e aristotélica. Vivendo nas cortes em Toledo, Alhambra e Córdoba travaram relações com os cristãos que foram muito além do mero conflito militar, eles retransmitiram boa parte da cultura grega preservada pelo mundo árabe.

Resposta: D

Módulo

11

A Arte Românica

Palavras-chave:

- Arco em berço
- Cruciforme • Iluminura

1. Conceito e origens românicas

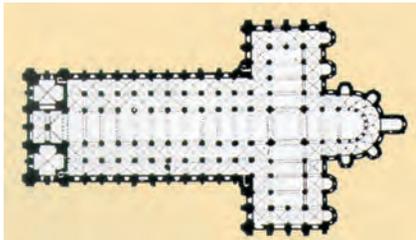
A palavra *românico* foi criada por um crítico francês do século XIX para tentar exprimir a universalidade dessa arte, profundamente europeia, que teve como principal ponto de partida a cultura romana.

No domínio da arte, o termo designa vários estilos espalhados pela Europa Ocidental, nos séculos XI e XII, que possuíam certos traços comuns, apresentando, contudo, grandes diferenças. Essas variações refletem a quebra da unidade política europeia que prevalecia no tempo do Império Romano. Nesse período, o viajante que saísse da Itália e se dirigisse para a Espanha ou França encontraria, em todas as cidades, termas, aquedutos e templos relativamente idênticos. A língua oficial falada era apenas uma, o *latim*, e por toda parte, entre gente civilizada, encontravam-se os mesmos costumes, as mesmas ideias e o mesmo modo de vida.



Catedral de Saint Sernin, em Toulouse, França.

A chegada dos bárbaros à Europa Ocidental fez desaparecer a unidade romana. Entre os anos 500 e 1000, cada região e cada povo começaram a evoluir em sentidos diferentes e a procurar meios de expressão pessoal, como prova o aparecimento das línguas italiana, francesa e espanhola, que pouco a pouco diferenciavam-se do latim, origem comum de todas elas. A arte românica da Alemanha, por exemplo, distingue-se da França ou da Itália, e encontramos, além disso, em cada país, vários estilos regionais. Em suma, podemos dizer que a cultura românica é, sem dúvida, a menos homogênea e a que apresenta as variantes mais consideráveis.



Planta da Catedral de Saint Sernin, em Toulouse, França.

Assim, parece errado definir o românico como “a arte da Europa romanizada”. Para metade da Europa, a língua latina constitui a base de novos dialetos. Esta é a única razão válida para a utilização do termo. Sem dúvida, o nome permanecerá, não obstante inadequado. Seja qual for o nome que se venha a dar à arte europeia cristã dos séculos medievais, ela permanecerá com suas características ancestrais híbridas, aspecto mutável e confusão de estilos.

Um único ponto comum, no entanto – mas capital –, permite-nos falar da arte românica como uma entidade: a presença em todas essas comunidades de um mesmo sentimento religioso, porque a arte românica foi essencialmente uma arte sacra.

2. A arquitetura românica

Os monumentos anteriores ao século XI são escassos, em razão das invasões e pilhagens dos normandos, das guerras feudais e também dos incêndios. A ideia de utilizar a abóbada nos edifícios rapidamente se difundiu, marcando um começo de grande realização.



A arquitetura nesse período foi caracterizada pelo aspecto regional, traduzido na utilização de métodos engenhosos, visando resolver o equilíbrio arquitetônico na adaptação das plantas das igrejas, dos mosteiros e dos castelos.

Interior da Catedral de Santiago de Compostela.

Claustro: galeria que circunda o pórtico principal de uma igreja ou convento; recinto fechado.

No entanto, as grandes correntes de circulação que se formavam ao longo das estradas ultrapassaram os limites das províncias em que os homens viviam, levando de uma região para outra novas formas e novos estilos. Nessa época, muitos peregrinos dirigiam-se a Santiago de Compostela, na Espanha – onde acredita-se esteja enterrado o apóstolo Tiago; a Roma, sede do Papado; e a Jerusalém, onde morrera Jesus Cristo.

Os mosteiros

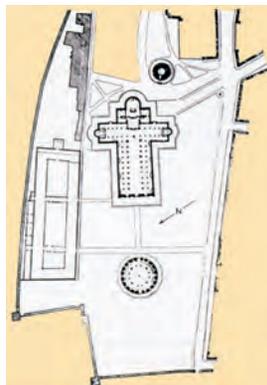
Após o reinado de Carlos Magno, a corte deixou de ser o centro cultural e intelectual do Império. As ciências e o ensino, a arte e a literatura estavam agora centralizados nos mosteiros. Os mais importantes trabalhos intelectuais eram realizados nas bibliotecas, nos gabinetes dos copistas e nas suas oficinas.

Os manuscritos ilustrados foram um dos primeiros títulos de glória. Excluindo a ilustração do livro, considerada a arte monástica por excelência, os monges também se interessavam pela arquitetura, pela escultura e pela pintura. Eram exímios como ourives e esmaltadores, conhecendo também a arte de tecer a tapeçaria e sedas, iniciando o trabalho de encadernação, fundição de sinos e fábricas de vidro e cerâmica.

Os mosteiros, como as grandes casas senhoriais, aspiravam tornar-se economicamente tão independentes quanto possível e produzir em suas próprias terras tudo quanto lhes era necessário à vida. Em geral, um mosteiro possuía igreja, cemitério, **claustro**, jardim, dormitório, refeitório, galinheiro, adega, enfermaria, casa do abade, prisão, tanque de peixes, moinho, casa dos hóspedes, estábulos, celeiros, depósitos, escola pública, capelas, casa do médico, pomar e biblioteca.

A contribuição monástica para o progresso da arquitetura das igrejas é muito importante até o crescimento das cidades e o advento das catedrais medievais. A arquitetura das igrejas concentrava-se quase inteiramente nas mãos do clero, se bem que dos artistas e operários empregados na construção de igrejas, somente uma parte deles era representada pelos monges. Mas os dirigentes da maioria das empresas de construção eram religiosos. No entanto, parecem ter sido mais supervisores do que arquitetos.

A Igreja A Escola Toscana



Planta do conjunto arquitetônico de Pisa.



Interior da Catedral de Pisa.

O complexo arquitetônico construído em Pisa compreende a catedral, a torre inclinada ou campanário e o cemitério ou campo santo. A Catedral de Pisa (1063 a 1092) lembra uma basílica romana com a forma de uma cruz latina. O campanário, construído um século mais tarde, é famoso por sua inclinação para um dos lados, fenômeno aparente na maior parte das torres italianas da Idade Média, porém não tão pronunciado.



Conjunto arquitetônico de Pisa.

A Abadia de Cluny



Abadia de Cluny, na Borgonha, França

Quase completamente destruída, a Abadia de Cluny, na Borgonha, construída no início do século X, exerceu profunda influência na cristandade dos séculos posteriores, inclusive além de suas fronteiras.

As igrejas deviam possuir relíquias santas. A popularidade das relíquias dependia, em parte, do poder milagroso que possuíam. Portanto, uma igreja que tivesse um certo número de relíquias estava favorecida, não só porque atraía um grande número de fiéis, mas também devido à quantidade de ofertas.

3. A escultura

Os artistas românicos redescobriram a escultura, cuja prática os primeiros cristãos haviam perdido por completo, temerosos dos excessos do culto pagão ao corpo humano. Trata-se, porém, de uma escultura inteiramente subordinada aos propósitos arquitetônicos. Não são encontradas estátuas soltas, formando seu próprio ambiente, mas estátuas-colunas esgueirando-se pelas pilastras: cenas inteiras esculpidas nos capitéis.

Nos relevos que ornamentam os capitéis românicos são utilizados os motivos mais diversos: figuras de demônios, animais fantasiosos, formas vegetais e geomé-

tricas que se mesclam às representações de personagens do Antigo e do Novo Testamento. Não somente os animais e a folhagem, mas também as figuras humanas têm função ornamental no conjunto total da igreja. De acordo com o espaço a preencher, essas figuras são curvadas e torcidas, esticadas ou reduzidas no seu tamanho.

A decoração escultural da igreja românica não se limitava ao interior, mas estendia-se também à fachada.



Vemos acima esculturas presas à arquitetura, marca do românico.

4. A pintura



Com exceção de algumas tentativas, a arte românica desenvolveu muito mais a **iluminura** do que a pintura, preferindo explorar as possibilidades expressivas da cor e do desenho quando estas acompanhavam um texto que visava completar a informação.

Iluminura.

5. A música

No século VI, o papa Gregório Magno deu novo impulso ao uso da música na igreja. O canto litúrgico sempre fizera parte dos ofícios cristãos. A música proveniente de fontes gregas, romanas e hebraicas era de qualidade simples, para vozes de alcance modesto. Entretanto, cantada em uníssono, num ritmo livre e fluente, tinha comovente poder melódico e expressão.

Ao começar o reinado de Gregório Magno, foi essa música plana ou **cantochão**, reorganizada e codificada, conhecida atualmente como *canto gregoriano*, que se tornou a música litúrgica oficial da Igreja. É uma música estritamente vocal.

Iluminura: arte que, nos antigos manuscritos e em certo número de incunábulo (diz-se do livro impresso até o ano 1500), alia a ilustração e a ornamentação, por meio de pintura em cores vivas, ouro e prata, de letras iniciais, flores, folhagens, figuras e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço comumente reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras, molduras e ramagens.

Cantochão: canto litúrgico da Igreja Católica do Ocidente, essencialmente monódico, cujo ritmo ou ausência de ritmo se baseia apenas na acentuação e nas divisões do fraseado; canto gregoriano.

6. Conclusão

O estilo românico foi durante muito tempo considerado como um simples preâmbulo do estilo gótico. De fato, foi a primeira fase de um processo da arquitetura medieval, que culminou no gótico.

A arte românica foi uma arte monástica, mas ao mesmo tempo uma arte da aristocracia. A combinação dessas características mostra bem como era a solidariedade entre o clero e a nobreza. Os postos mais importantes da Igreja Medieval eram reservados, como na velha Roma, para os membros da aristocracia. Os abades e os bispos estavam relacionados com o sistema

feudal não só pela sua estirpe nobre, mas também pelos interesses econômicos e políticos.

Erguidos no meio de vastas propriedades, dominando as encostas das montanhas com uma paisagem que abrangia os vales da região, com as suas muralhas **alcantiladas** e maciças como se fossem **baluartes**, os mosteiros eram domínios tão senhoriais e inatingíveis como as fortalezas e os castelos dos príncipes e barões. Nada mais natural, portanto, de que a arte criada nesses mosteiros apresentasse o caráter e a concepção próprios da aristocracia.

Alcantilado: rocha escarpada, talhada a pique.

Baluarde: fortaleza inexpugnável; lugar seguro.

Exercícios Resolvidos

1 (PUCAMP – MODELO ENEM) – “Preparando seu livro sobre o imperador Adriano, Marguerite Yourcenar encontrou numa carta de Flaubert esta frase: ‘Quando os deuses tinham deixado de existir e o Cristo ainda não viera, houve um momento único na história, entre Cícero e Marco Aurélio, em que o homem ficou sozinho’. Os deuses pagãos nunca deixaram de existir, mesmo com o triunfo cristão, e Roma não era o mundo, mas no breve momento de solidão flagrado por Flaubert o homem ocidental se viu livre da metafísica – e não gostou, claro. Quem quer ficar sozinho num mundo que não domina e mal compreende, sem o apoio e o consolo de uma teologia, qualquer teologia?’.”

(Luiz Fernando Veríssimo. Banquete com os deuses)

A compreensão do mundo por meio da religião é uma disposição que traduz o pensamento medieval, cujo pressuposto é

- a) o antropocentrismo: a valorização do homem como centro do Universo e a crença no caráter divino da natureza humana.
- b) a escolástica: a busca da salvação através do conhecimento da filosofia clássica e da assimilação do paganismo.
- c) o panteísmo: a defesa da convivência harmônica de fé e razão, uma vez que o Universo, infinito, é parte da substância divina.
- d) o positivismo: submissão do homem aos dogmas instituídos pela Igreja e não questionamento das leis divinas.

e) o teocentrismo: concepção predominante na produção intelectual e artística medieval, que considera Deus o centro do Universo.

Resolução

A Idade Média só pode ser entendida se for levada em consideração a religião como elemento estruturador da sociedade.

Resposta: E

2 (PUC-RS – MODELO ENEM) – “Há de se notar, em especial, que a dupla necessidade que os autores [...] sentiram de, por um lado, utilizar a insubstituível utensilagem intelectual do mundo greco-romano e de, por outro lado, vazá-la em moldes cristãos, facilitou ou criou, mesmo, hábitos intelectuais muito perniciosos: a sistemática deformação do pensamento dos autores, o perpétuo anacronismo, o raciocínio por citações isoladas do contexto. O pensamento antigo só humilhado, deformado e atomizado pelo pensamento cristão pôde sobreviver [...].”

(Adaptado de Jacques Le Goff, 1964, p. 151).

O fragmento do texto acima se refere

- a) ao tratamento dado às antigas fontes pagãs pela maioria dos pensadores medievais da Alta Idade Média, em que o essencial era o que os autores haviam dito, e que podia ser utilizado conforme conviesse pela elite intelectual da Igreja Católica para servir aos propósitos do cristianismo.

b) à cultura renascentista, que deturpou o sentido das fontes originais, atitude justificada pela busca extremada do uso da razão, eliminando qualquer possibilidade de expressão dos indivíduos pelo sentimento, tônica da tradição antiga, presente nos textos.

c) ao período bizantino, em que as fontes greco-latinas precisavam sofrer um processo de releitura para se ajustar às concepções políticas e religiosas que combatiam as influências orientais presentes no pensamento ocidental.

d) à educação desenvolvida durante o Império Romano, em que a história escrita, antes da dominação de vastos territórios pelos exércitos romanos, precisava sofrer alterações em sua análise e interpretação, bem de acordo com a política externa romana: um império, um pensamento.

e) ao período de transição do feudalismo para o capitalismo, no qual a cultura precisava se adequar às novas transformações econômicas, políticas e sociais, sendo adotada como primeira medida a substituição do pensamento antigo pelo científico.

Resolução

Mera interpretação de texto, tendo em vista que o cristianismo medieval precisava adequar todo o conhecimento da Antiguidade aos seus propósitos de dominação.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 O que é o estilo românico?

RESOLUÇÃO:

O termo designa vários estilos de arte espalhados pela Europa Ocidental, evidenciado principalmente nas catedrais.

2 Sabendo que o estilo românico foi um estilo sacro, cite sua finalidade.

RESOLUÇÃO:

Nas catedrais românicas, costumava-se concentrar as esculturas no portal central que dava acesso ao edifício, com finalidade didática, isto é, evangelizar por meio de imagens.

3 A arte românica aparece em que período histórico?

RESOLUÇÃO:

A arte românica apareceu durante o Período Carolíngio na França, estendendo-se, posteriormente, para a Inglaterra, Espanha e norte da Itália.

4 Cite dois exemplos arquitetônicos da Escola Toscana.

RESOLUÇÃO:

A Torre inclinada com seu campanário (onde ficam os sinos) e a Catedral (Assunção de Santa Maria), ambos na cidade de Pisa.

5 Sobre o estilo românico, é **incorreto** dizer que

- a) na pintura, desenvolveu principalmente a iluminura.
- b) foi uma arte sacra.
- c) suas igrejas são notáveis por seus arcos ogivais e grandes espaços internos.
- d) as igrejas deviam possuir relíquias santas.
- e) as abóbadas substituíram os telhados das basílicas.

RESOLUÇÃO:

O arco era em berço (180 graus).

Resposta: C

6 O estilo românico sofreu influência dos

- a) gregos e persas.
- b) romanos e bizantinos.
- c) helênicos.
- d) árabes.
- e) romanos e persas.

RESOLUÇÃO:

O estilo utiliza técnicas romanas na construção de mosteiros, castelos e igrejas.

Resposta: B



7 (MODELO ENEM) – Os estilos arquitetônicos românico e gótico destacaram-se na arte medieval. O estilo românico, por exemplo, presente em numerosas edificações do século XI, expandiu-se pela Europa católica e

- a) era muito usado na construção de igrejas, destacando-se suas linhas curvas e sua forte ligação com mudanças urbanas que aconteciam no sul da Europa do século XI.
- b) estava relacionado com mudanças no estilo arquitetônico francês rural, que revelava o enfraquecimento das tendências próprias das construções do sistema feudal do século XI.
- c) era usado nas construções religiosas católicas, numa época em que ainda se destacava a simplicidade da vida rural medieval.
- d) simbolizou o crescimento do comércio medieval no sul da França, com destaque para seus arcos e suas janelas pequenas, de vitrais bem desenhados.
- e) marcou a arquitetura católica medieval, mas foi usado apenas na construção de mosteiros próximos aos castelos dos senhores feudais mais ricos.

Resposta: C

RESOLUÇÃO:

A arquitetura românica recebe esse nome pelas semelhanças existentes entre as construções típicas do final do séc. XI e XII na Europa e as estruturas abobadadas e de grossas paredes de alvenaria das antigas construções romanas. A grandiosidade das suas igrejas e mosteiros contrasta com a simplicidade das habitações servis.

Resposta: C

Módulo

12

A Arte Gótica

Palavras-chave:

- Catedral • Vitral • Luz

1. Conceito

“... as novas condições de vida do fim do século XII desempenharam um papel determinante. Na França, a autoridade real centralizadora tornou-se pouco a pouco mais poderosa. O sistema feudal não tinha desaparecido, mas os grandes vassallos já não eram tão independentes como no século XI. A criação de cidades importantes, favorecidas pelos reis, modificou a estrutura da sociedade. No princípio do século XIII, a França de Filipe Augusto atingiu uma unidade desconhe-

cida até então, e esse esforço de centralização foi continuado apesar das guerras e das crises políticas. Por outro lado os meios de comunicação melhoraram lentamente, permitindo por toda a parte um maior conhecimento das províncias vizinhas e das suas atividades. Essas transformações favoreceram mais a elaboração de um estilo gótico francês do que de um estilo normando ou de um estilo provençal individualizados.”

(História Mundial da Arte. Portugal, Livraria Bertrand, 1977. p. 195.)

Para muitos, falar em arte medieval é falar em arte gótica. Esta concepção, que ignora as artes bizantina e românica, é em parte justificável pelo fato de a arte gótica ser a mais espetacular da Idade Média. Do ponto de vista arquitetônico, representa a solução do problema das abóbadas em todas as **naves** e o aumento da luminosidade no interior do templo com a introdução de janelas.

A arte gótica foi apreciada de maneiras diferentes, consoante as épocas. Durante os séculos em que foi “moderna”, era conhecida pelo nome de “obra francesa”, termo que evoca sua principal origem. Todavia, assim que os italianos dos séculos XV e XVI se entusiasmaram pela Antiguidade, consideraram a Idade Média como uma época bárbara, cuja principal criação era um estilo caracterizado pelo arco **ogiva**. Como os godos eram os bárbaros mais conhecidos, o estilo foi chamado *gótico*, isto é, bárbaro por excelência. A intenção era pejorativa.

2. Características da arte gótica

Em geral, o gótico é mais homogêneo do que o românico. Apesar de ser diferente na França, Inglaterra, Espanha e Itália e apresentar certas diversidades regionais dentro de cada país, essas variações são menores se comparadas com as que existem na arquitetura e escultura românicas. Portanto, o gótico mostra uma substancial unidade.



Residência papal em Avignon, França.

A cathedral gótica tanto representava a obra da cidade e das operosas artes que a vida urbana suscitava, quanto fora a igreja românica e a criação das comunidades rurais com as tranquilas artes dos monges e de seus auxiliares camponeses. Assim, enquanto a igreja tomara a seu cargo a arte românica, a arte gótica nasceu com as cidades.

3. Centro de irradiação

Em 1137, o abade Suger, conselheiro real, concebeu e dirigiu as obras de reconstrução da catedral de Saint-Denis, na periferia de Paris, em formas góticas.

A velha abadia que Suger governava tinha sido o local de consagração de Carlos Magno e de seu pai, Pepino, o Breve, e nela estavam os túmulos de Pepino e do pai, Carlos Martel. Levando em conta essas associações com os primeiros grandes reis franceses, Suger chegou à conclusão de que, fazendo da igreja um impressionante edifício, serviria a propósitos que iriam além do espiritual e poderia despertar fortemente o sentimento nacional dos seus patrícios. Daí, não poupou esforços.

Nave: espaço na igreja, desde a entrada até o santuário, ou o que fica entre fileiras de colunas que sustentam a abóbada.

Ogiva: figura formada pelo cruzamento de dois arcos iguais que se cortam superiormente, formando um ângulo agudo.

4. A arquitetura

A arte gótica desenvolveu-se a partir da românica, mas é ousada e tem como característica o arco em ogiva. Mas a verdade é que, se este elemento é fundamental no estilo gótico, aparece também em outros estilos. Durante o período românico, o arco de ogiva apareceu nos lugares onde existia influência islâmica.

Embora sua manifestação mais pura e típica seja a catedral, a arquitetura gótica não é sinônimo de edifício religioso e tem, mais que a românica, um vasto raio de realizações: capelas, conjuntos abaciais, mercados, sedes de corporações, casas e palácios particulares, fortalezas, muralhas de defesa, palácios públicos, batistérios, hospitais e castelos.

A catedral

A catedral tornou-se o centro da cidade e todos contribuíam para a sua construção, uma cidade rivalizando-se com a outra.

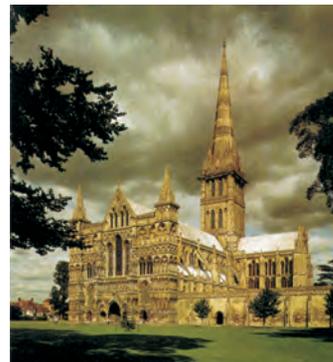


Depois de Saint-Denis, os bispos e as cidades disputavam entre si a glória de construir os templos mais importantes, mais altos. Dispunham-se abertamente a exceder tudo o que já fora feito.

Interior da Capela de Henrique VII, Abadia de Westminster, Londres.

Uma grande variedade de métodos financiava a construção das catedrais. Um deles era a venda de indulgências, por parte da Igreja. A torre sul da catedral de Rouen é chamada a “torre da manteiga” porque foi erguida com o dinheiro das dispensas para comer manteiga durante a Quaresma. Faziam-se procissões com relíquias através da região e o povo pagava pelo privilégio de venerá-las, indo o dinheiro para o fundo da construção da catedral local. Os reis concediam subsídios, os fidalgos davam as suas joias e os padres pediam contribuições aos paroquianos.

A construção de uma catedral podia demorar, às vezes, apenas a vida de uma geração, mas usualmente demorava a de várias. Notre-Dame, de Paris, levou quase 90 anos e muitas catedrais jamais foram terminadas.



Catedral de Salisbury, Inglaterra.



Catedral de Reims, segundo os planos do arquiteto Jean d'Orbais, França.

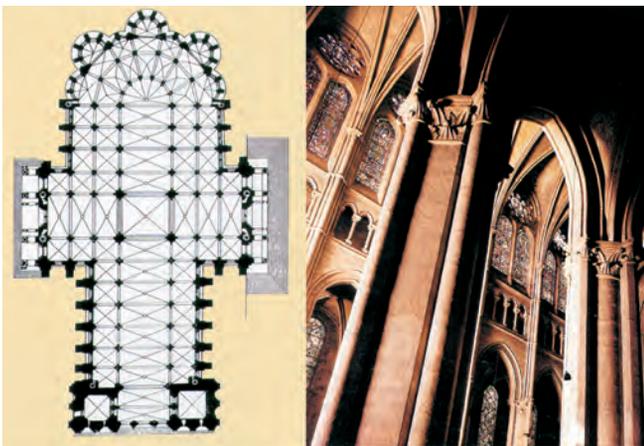
A superfície ocupada na construção das catedrais góticas era gigantesca, chegando às vezes até 8 mil m², com três ou cinco naves. A fachada, em geral, possui três portais, tendo acima uma grande janela e, mais ao alto, uma grande **rosácea**, o que oferece grande luminosidade.

O arquiteto

O título de arquiteto surge raramente nos registros medievais. O homem que desempenhava essa função era designado com o nome de mestre de obras ou mestre-pedreiro. Acumulava funções de arquiteto, empreiteiro e contramestre. Conhecemos o nome da maior parte desses mestres de obras, mas o que não possuímos é a sua biografia.

A assimetria das construções

Muitas vezes se tem chamado a atenção para a assimetria das construções góticas, mas na maior parte das catedrais, os elementos assimétricos devem-se às construções efetuadas em épocas diferentes. Nem os construtores góticos nem os românicos eram hostis à simetria, mas também não a tomavam como princípio absoluto e abandonavam-na de bom grado, quando as circunstâncias o exigiam.



Planta da Catedral de Chartres, França.

Interior da Catedral de Chartres.

A fachada de Notre-Dame, de Paris, por exemplo, é simétrica nas suas linhas gerais, mas notam-se mais de 20 elementos assimétricos no conjunto, como a fachada do umbral do vão da porta esquerda com o da porta direita. Assim também, na Catedral de Chartres, as flechas que arrematam as torres são diferentes: a mag-

nífica flecha sul é mais ou menos contemporânea da fachada, que data do século XII, mas a flecha norte só foi construída no início do século XVI, o que explica seu estilo diferente.



Catedral de Chartres, França.

5. A escultura

No gótico, a escultura vai assumindo uma autonomia própria, relativamente à arquitetura e a esta se subordina muito menos que a escultura românica. Sobretudo, mudam-se os conteúdos. A escultura se faz vivaz e serena, livre da preocupação do monstruoso e do terrífico. É mais sincera e humana.

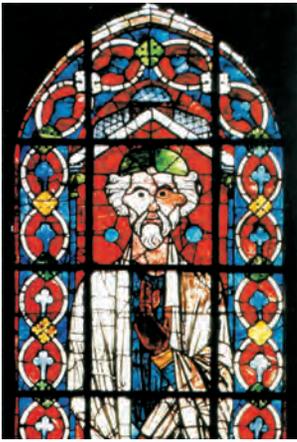


As esculturas das catedrais góticas são demasiadamente numerosas para terem sido executadas por um só homem, daí o resultado diferente nas suas realizações. Por outro lado, se as esculturas românicas parecem ter sido realizadas quando as pedras já estavam postas, as estátuas góticas foram, na maior parte das vezes, esculpidas antes de serem colocadas.

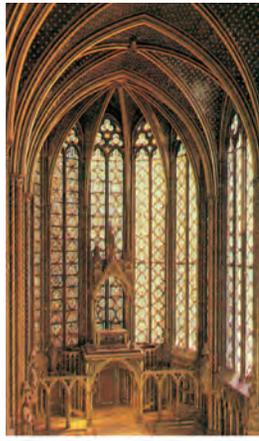
A cidade, para o artista românico, era uma excelente oportunidade para representar um episódio da história sagrada, povoado de figuras fantásticas, que mostra ao fiel as delícias do paraíso e os horrores do inferno. Nenhuma menção era feita às alegrias do cotidiano. No gótico acontece o contrário: as folhas do morangueiro, da noqueira e da vinha se entrelaçam para modular o capitel, como se a própria natureza invadisse toda a igreja.

A Virgem e o Menino, tema comum na escultura. Nossa Senhora Branca, Catedral de Leão.

Rosácea: grande vitral de igreja, semelhante ao formato de uma rosa.



Os vitrais, além da decoração, forneciam a luminosidade para as igrejas.



O efeito da iluminação através dos vitrais. A Santa Capela, Paris.

Como acontece na arte românica, a escultura gótica é sobretudo sacra. É regida por um código muito rígido para qualquer figura. Por exemplo: Deus, os anjos e os apóstolos estão sempre descalços, enquanto as outras personagens estão calçadas. Teria sido não só incorreto mas herético representá-los de outro modo. Uma haste com folhas representa uma árvore e significa que a cena desenrola-se na terra. Uma torre com uma porta indica uma cidade, mas se existe um anjo sobre a torre, trata-se de Jerusalém. Uma auréola indica santidade.

Estas convenções iconográficas permitem identificar as personagens e as cenas. O lugar ocupado por cada personagem também tem um significado: Cristo encontra-se ao centro. A respeito das outras personagens, quanto mais elevada é

a sua situação no conjunto, maior é a sua categoria: estar à direita de Cristo representa uma honra maior do que estar à esquerda e, nos Juízos Finais, os eleitos estão sempre à direita de Cristo e os condenados à esquerda.

6. A decoração dos vitrais

Na igreja gótica, a verdadeira pintura é a dos vitrais. A pintura ornamental subsiste, no entanto, nos capitéis, pilares e abóbadas.

Os vitrais possuem uma função arquitetônica, preenchendo os espaços vazios deixados pela estrutura de pedra. São responsáveis pela iluminação do edifício, filtrando a luz em milhares de manchas coloridas, e têm um significado espiritual, pois transformam o ambiente da igreja em um espaço místico, próprio à prece e ao recolhimento.

Sem dúvida, o maior centro produtor e difusor dos vitrais era Chartres (França). Dali partiam os artesãos e, às vezes, as obras já prontas.

7. Conclusão

À medida que o arquiteto gótico tornava-se mais requintadamente exato no cálculo de tensão e resistência, pressão e distensão, os pilares maciços do interior românico eram substituídos por grupos de colunetas; as paredes espessas abriam-se em imensas janelas e as abóbadas e torres subiam cada vez mais. Onde o românico se mostrava sólido, fechado e triste, o gótico se mostrava gracioso, ininterruptamente espaçoso, maravilhosamente pleno de luz.

Somente com os grandes arranha-céus do século XX pôde a arquitetura realizar façanha que se pudesse comparar à dos extraordinários arquitetos góticos.

Exercícios Resolvidos

1 (UFSM – MODELO ENEM) – Os estilos arquitetônicos românico e gótico caracterizaram as construções na Baixa Idade Média. O estilo românico, que precede o gótico, caracterizou-se pela grandeza e solidez das construções de templos identificados como "fortalezas de Deus". O gótico propiciou a ornamentação das Igrejas com esculturas e vitrais e valorizou a altura e a verticalidade das construções, dando a impressão de "contato com os céus".

Levando em conta que esses templos podem ser considerados testemunhos históricos, podemos afirmar que:

I – O templo românico identifica uma sociedade rural na qual a Igreja foi o centro do poder, e o estilo gótico reflete o desenvolvimento urbano e do comércio.

II – Esses estilos arquitetônicos testemunham uma sociedade hierarquizada, fundamentada na doutrina cristã, onde o "templo" também representa o lugar e o poder que a instituição "Igreja" exerceu.

III – A expressão "fortalezas de Deus" justifica-se por serem grandiosas construções que serviram, em primeiro lugar, como espaço reservado aos exércitos nacionais dos Estados absolutistas modernos.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) I e II apenas.
- d) I e III apenas.
- e) II e III apenas.

Resolução

A afirmação III está incorreta, pois esse tipo de construção apresentado nas imagens eram essencialmente religiosas, e não militares.

Resposta: C

2 (UNIFESP – MODELO ENEM) – Houve, nos últimos séculos da Idade Média Ocidental, um grande florescimento da literatura e da arquitetura.

Contudo, se na primeira predominou a diversidade, na segunda predominou a unidade.

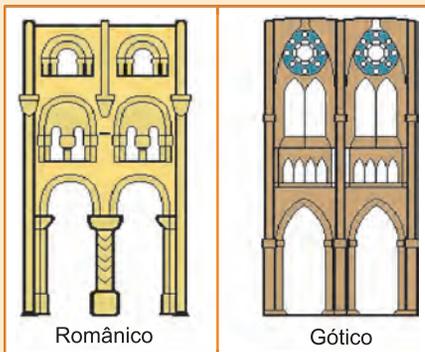
O estilo que marcou a unidade arquitetônica da Baixa Idade Média foi o

- a) renascentista.
- b) românico.
- c) clássico.
- d) barroco.
- e) gótico.

Resolução

O estilo gótico, dominante nas catedrais da Baixa Idade Média, apresentou algumas variações nos países onde floresceu. Essa diversificação, porém, não afetou suas características essenciais: a construção em pedra, a verticalidade (notadamente na grande altura das torres), a profusão de esculturas, a ampla utilização de vitrais e, mais que tudo, a presença dos arcos ogivais.

Resposta: E



Exercícios Propostos

1 Qual é a origem do termo gótico?

RESOLUÇÃO:

Os italianos empregavam o vocábulo “godos” para designar todos os povos bárbaros, originando a palavra gótico (coisa de godo). O artista italiano Rafael, que abominava o estilo, deu à expressão um sentido pejorativo.

2 Como é conhecido também o estilo gótico e quando surgiu?

RESOLUÇÃO:

O estilo gótico é também conhecido como “ogival” ou “francês”. Surgiu em meados do século XII e teve seu apogeu no século XIII.

3 Relacione o estilo gótico com o românico.

RESOLUÇÃO:

O estilo românico pode ser considerado precursor do gótico.

4 Qual foi o centro de irradiação do estilo gótico?

RESOLUÇÃO:

A Catedral de Saint’Denis, em Paris.

5 Quais são os elementos fundamentais na arquitetura gótica?

RESOLUÇÃO:

O arco em ogiva, abóbada angular com nervuras, espirais elevadas, múltiplas colunas e monstros como elementos decorativos, além do uso de vitrais coloridos.

6 Não é considerada catedral gótica:

- a) Chartres.
- b) Notre-Dame, de Paris.
- c) Catedral de Milão.
- d) Abadia de Westminster.
- e) Saint-Gilles, em Gard.

RESOLUÇÃO:

Essa catedral pertence ao estilo românico.

Resposta: E

7 Qual a função dos vitrais na arte gótica.

RESOLUÇÃO:

Eles possuem função arquitetônica, preenchendo espaços vazios na estrutura de pedra e facilitando a entrada de luz multicolorida que proporciona um ambiente favorável à contrição e devoção.

8 (PUC-RS – MODELO ENEM) – Responder à questão relacionando as figuras a seguir ao quadro comparativo do contexto medieval



	Figura	Estilo arquitetônico	Características da arquitetura	Contexto socioeconômico
I	2	Gótico	Paredes altas e finas	Florescimento econômico
II	2	Românico	Paredes grossas	Surgimento dos bancos
III	1	Românico	Interior iluminado	Desenvolvimento comercial
IV	2	Gótico	Decoração refinada	Desenvolvimento urbano
V	1	Românico	Janelas pequenas	Insegurança e ruralização
VI	1	Gótico	Arcos ogivais	Invasões bárbaras

A alternativa que apresenta as relações corretas entre as figuras e respectivos estilos, características e contextos é

- a) I e II
- b) I, II, III
- c) I, III e VI
- d) I, IV e V
- e) IV e VI

RESOLUÇÃO:

Enquanto o estilo românico era característico da Alta Idade Média, o estilo gótico desenvolveu-se no contexto do renascimento comercial e urbano da Baixa Idade Média.

Resposta: D

- Individualismo
- Perspectiva

1. Surge o individualismo

Após a grande vaga artística que atingiu a Europa com o florescer do espírito gótico, a partir do século XIV e durante os dois séculos seguintes, a arte retomou fôlego em um movimento que passou a ser denominado **Renascimento Cultural**.

O Renascimento é caracterizado por um novo espírito que modificou a mentalidade do pensamento, em uma época marcada por grandes descobertas e novas formas de expressão. Os ideais humanistas conduziram ao **individualismo**, estimulando a busca de fama e o desejo de ser conhecido por outros homens, em vida e depois da morte. Ao mesmo tempo, o homem começou a olhar o mundo de uma forma científica, buscando explicações que até ali tinham sido admitidas sem provas.

Entre a burguesia e os humanistas havia reciprocidade de interesses. Os humanistas faziam parte do **séquito** da burguesia e dela recebiam apoio material e consideração social. Embora os humanistas fossem os “apóstolos” da Antiguidade, eram homens de seu tempo que pretendiam viver uma vida diferente, e o estudo da cultura clássica possuía alguns traços dessa vida. O entusiasmo pela Antiguidade era tão grande que os príncipes e os papas consideravam os humanistas como secretários indispensáveis.

2. A arquitetura renascentista

Filipo Brunelleschi (1377-1446) foi um artista completo do Renascimento. Iniciou sua carreira como escultor, porém foi como arquiteto que se notabilizou, ao estudar a arquitetura clássica e descobrir que o segredo dos edifícios estava na teoria das proporções. Assim, forneceu as bases da arquitetura renascentista ao estudar as construções romanas, particularmente o Panteão, construindo a cúpula da **Catedral de Florença**, com 110 metros de altura. A monumentalidade testemunhava a nova preocupação, porém, apesar da identidade com a cúpula do templo romano, a base é de inspiração gótica.

Na construção da **Capela dos Pazzi**, também em Florença, o estilo de Brunelleschi atingiu notável elegância, desvinculando-se de qualquer influência gótica. O interior tem um aspecto de sobriedade, pois o arquiteto não valorizou a estrutura, buscando a beleza do edifício na harmonia das proporções, da escala e da composição.

“As experiências do século anterior, em matéria de perspectiva, de anatomia e de representação da natureza, deram igualmente os seus frutos. Os artistas do princípio do século XVI tinham-se familiarizado completamente com estas aquisições que já não eram descobertas para eles. Dirigiram então a sua energia



Vista do sudoeste da cúpula da Catedral de Florença, construída por volta de 1420-1436.

para outros fins. A perspectiva, por exemplo, não era senão um meio, que na ocasião devida utilizavam com mestria, mas subordinado a fins rigorosamente individuais. A virtuosidade técnica era por assim dizer óbvia.”

(*História Mundial da Arte*. Portugal, Bertrand, 1976. pp. 102-104.)

Bramante destacou-se como a principal figura da arquitetura romana no século XVI. Natural de Urbino, estabeleceu-se em Roma, onde desenvolveu um estilo que podia parecer demasiadamente acadêmico. A construção da **Igreja de São Pedro** foi a maior obra arquitetônica da época renascentista. Construída com a forma de cruz grega, com uma cúpula central, a obra foi iniciada em 1506 e concluída em 1626, distanciando-se dos planos originais.



Cúpula da Basílica de São Pedro, Vaticano.

Séquito: conjunto de pessoas que acompanham outra(s) por obrigação ou cortesia; comitiva, acompanhamento, cortejo.



Erasmus de Rotterdam hoje

A paz

O pacifismo é uma das características mais permanentes do pensamento de Erasmo. Segundo ele, a natureza criou o homem para a bondade e para a benevolência, e ele se transforma em animal feroz quando prega e pratica a guerra. Nada mais indigno do homem, pois considerou o despotismo uma forma de governo humano, para não dizer do cristão, cuja religião recomenda o amor e a concórdia. “O que é a guerra senão o assassinato múltiplo e recíproco, um infante banditismo [...]. Onde reina o diabo, senão na guerra?” De todos os deuses, Marte é o mais abominável e o mais estúpido, *Mars, omnium poeticorum deorum stupidissimus*. Os soldados são criminosos, semelhantes a tigres e lobos — as mesmas metáforas usadas para caracterizar os tiranos. São devassos, ladrões, a escória da sociedade. As guerras são provocadas pelas paixões humanas e principalmente pelas paixões dos Príncipes, do mesmo modo que os povos são suas vítimas inocentes. Não há guerras justas, pois essa ideia deriva da ideia dos direitos dos Príncipes, sempre imaginários, na medida em que não há direitos dos governantes contra os direitos dos povos. A guerra é ilógica, porque a paz pode ser mantida por uma fração do custo de uma guerra, e as conquistas com ela obtidas acabam sendo mais onerosas, porque implicam a perda de vidas e a destruição de cidades do próprio principado que ambicionava engrandecer-se com a guerra. Em qualquer hipótese, ela não pode de modo algum ser decidida por livre iniciativa dos governantes: o consentimento do povo é indispensável. Em caso de conflito, a solução racional seria a arbitragem, jamais o confronto armado.

O lamento da paz

Na *Querela Pacis*, ou *Lamento da Paz*, um dos mais veementes apelos contra a guerra jamais escritos, Erasmo põe em cena uma alegoria da Paz, que termina seu *plaidoyer* convocando Príncipes, sacerdotes, bispos, teólogos, magistrados, para uma grande cruzada em favor da concórdia entre os povos. “Apelo a todos que se glorificam com o título de cristãos, para que

conspirem, de comum acordo e com todas as forças, contra a guerra, para que mostrem o quanto pesa num Estado a união de todos contra a tirania dos poderosos.”

O outro lado do pacifismo de Erasmo era seu cosmopolitismo. A guerra é o subproduto das rivalidades nacionais. Não há como abolir-la, enquanto persistirem essas rivalidades. No *Elogio da Loucura*, Erasmo satiriza as vaidades nacionais de cada país, todas igualmente risíveis — os ingleses se julgam com o monopólio da beleza, os franceses, da urbanidade, os italianos, da eloquência e das belas artes. Na *Querela Pacis*, diz que “o inglês odeia o francês unicamente por ser francês [...] o alemão não se entende com o francês; o espanhol discorda do alemão e do francês. Ó cruel perversidade humana! [...] Por que uma coisa tão pouco importante age com mais força sobre eles que os laços da natureza e do Cristo? A distância que separa um país do outro separa os corpos, e não as almas. Outrora o Reno separava o francês do alemão, mas o Reno não pode separar o cristão”. Mais uma vez, o Cristianismo funciona como arma da crítica, mas Erasmo tem o cuidado de dizer que a guerra é odiosa também contra os pagãos, inclusive porque “aqueles que chamamos turcos [...] estão provavelmente mais próximos do verdadeiro Cristianismo que a maioria dos cristãos”.

Paz perpétua

Se há tema em que há distância mínima entre Erasmo e os enciclopedistas, é certamente o da paz. Para o Abade Prévost, a guerra degrada a razão e a humanidade. Para Diderot, os soldados são meros carneiros, *maîtres-bouchers*. Para Samuel Johnson, generais como César, Xerxes e Alexandre deveriam ser relegados à obscuridade e ao ódio dos homens. Fielding diz que os chamados grandes homens são meros “saqueadores de cidades e províncias”. Tudo na melhor tradição erasmiana. O século XVIII foi fértil em projetos para evitar as guerras, sendo nisso mais específico que Erasmo, que se limitou a sugerir que os conflitos fossem submetidos à arbitragem dos “bispos sérios e sábios”, dos homens “idosos e ex-

perientes”, das “assembleias e conselhos criados por nossos antepassados para que servissem para alguma coisa”. Assim, Rousseau editou e publicou postumamente o *Projet de Paix Perpétuelle*, do Abade de Saint-Pierre, e Kant escreveu um ensaio com o mesmo nome, *Zum Ewigeti Frieden*. O título é de uma ironia ao gosto de Erasmo, pois alude à insígnia de um albergue holandês, chamado de *Paz Perpétua*, com a imagem de um cemitério. O projeto de Kant prevê cláusulas preliminares para criar a confiança entre os povos, como abster-se de adquirir territórios pela força e dissolver os exércitos permanentes, e cláusulas definitivas, como o estabelecimento de regimes republicanos, a federação dos Estados e a hospitalidade concedida a todos os estrangeiros. Em apêndice, há uma cláusula “secreta”: os filósofos deveriam ser autorizados a manifestar-se livremente. Além disso, nenhum século levou mais a sério os ideais cosmopolitas de Erasmo. Em carta a Hume, Diderot disse vangloriar-se de ser, como ele, “cidadão da grande cidade do mundo”. Para Wieland, o *Weltburgertum*, o cosmopolitismo era o mais nobre dos ideais, pois só o cosmopolita pode “realizar a grande obra para a qual fomos chamados: cultivar, ilustrar e enobrecer a raça humana”. Gibbon disse que o filósofo deveria “considerar a Europa uma grande república, cujos vários habitantes atingiram quase o mesmo nível de polidez e cultura”.

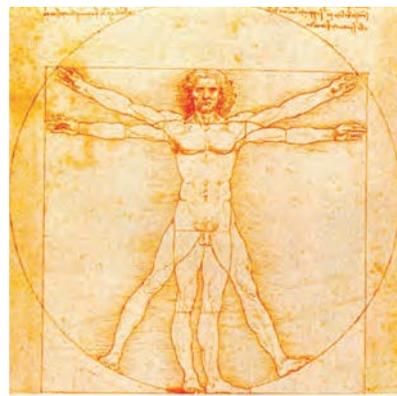
Não obstante, é necessário não exagerar as convergências. O pacifismo de Erasmo era mais intransigente que o de todos os seus contemporâneos, inclusive More, que admitia em sua *Utopia* a guerra justa, e certamente era mais radical que os filósofos, suficientemente cínicos, apesar de toda sua retórica humanitária, para admitirem que o projeto do Abade Saint-Pierre era uma fantasia irrealizável. A condenação da guerra não era unânime: Ferguson achava que ela robustecia a fibra das nações, e Adam Smith louvava o caráter másculo das virtudes marciais. Nem todos os filósofos eram cosmopolitas: a exceção mais notória foi Rousseau, *citoyen de Genève*, que



A Lamentação, de Giotto.

sempre fez questão de ressaltar seu patriotismo helvético. No fundo, a diferença básica vem do fato de que Erasmo ainda estava próximo do ideal do império cristão universal e viveu numa época em que os estados nacionais estavam apenas começando a consolidar-se, enquanto os filósofos viam a *communitas Christianorum* como um arcaísmo e viviam num momento em que os estados nacionais faziam parte, há muito, da realidade cotidiana.

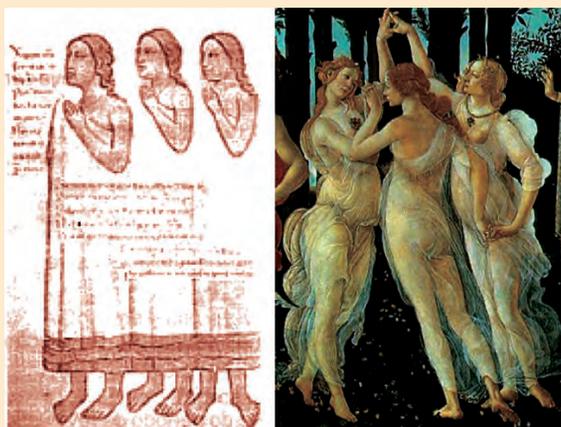
(ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. Companhia das Letras.)



Fragmento do Tratado de Pintura, de Leonardo da Vinci.

Exercícios Resolvidos

1 (PUC-PR – MODELO ENEM) – Observe as representações:



I – Na pintura Medieval predominavam temas religiosos, nas representações da figura humana procurava-se esconder as formas dos corpos. Eram representações planas.

II – Na pintura Renascentista a figura humana passou a ser valorizada. O estudo da Anatomia foi utilizado na arte para garantir a fidelidade às formas representadas, além do equilíbrio, proporção e simetria.

- a) Somente a afirmação I está correta.
b) Somente a afirmação II está correta.

- c) As afirmações estão corretas e descrevem as duas representações.
d) As afirmações descrevem as figuras, mas são incorretas na análise da arte medieval.
e) As afirmações estão certas, mas não correspondem às representações.

Resolução

As duas imagens contrastam os diferentes estilos artísticos.

Obs.: O primeiro quadro não apresenta um tema claramente religioso, contudo, não compromete a escolha da alternativa correta.

Resposta: C

2 (UFG-MG – MODELO ENEM) – “Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio, tão vário na capacidade; em forma o movimento, tão preciso e admirável; na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo, o exemplo dos animais.”

(SHAKESPEARE, William. *Hamlet*.)

O valor renascentista expresso nesse texto é

- a) o antropomorfismo. b) o hedonismo.
c) o humanismo. d) o individualismo.
e) o racionalismo.

Resolução

A exaltação do homem e de suas habilidades criadoras é uma das principais características do Renascimento Cultural.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Qual é o ideal que marca o espírito dos humanistas?

RESOLUÇÃO:

O individualismo, que estimulava a busca da projeção social a partir da arte.

2 Faça uma relação entre a burguesia e os humanistas.

RESOLUÇÃO:

A burguesia, sempre em busca de interesses econômicos e sociais, apoiava os ideais humanistas e a arte a fim de tornar-se conhecida e respeitada.

3 Há alguma relação entre a Idade Média e o Renascimento? Explique.

RESOLUÇÃO:

Sim, pois durante a Baixa Idade Média muitos autores, como Dante e Petrarca, prepararam as bases do Humanismo que fundamentou o Renascimento.

- 4 **Não** podem ser considerados humanistas
- coleccionadores (geralmente de manuscritos antigos).
 - eruditos.
 - bispos ligados às ordens monásticas.
 - escritores (imitadores dos clássicos).
 - professores (das literaturas clássicas).

RESOLUÇÃO:

Eram estudiosos que buscavam imitar os clássicos e eram ardorosos críticos da religião.

Resposta: C

- 5 É considerado um conceito clássico do Renascimento

- o uso da emoção sobre a razão.
- a glorificação do humano e a oposição ao divino.
- a glorificação do divino e do extranatural.
- uma revitalização de conceitos orientais.
- uma fuga à razão.

RESOLUÇÃO:

O Renascimento busca a exaltação do homem e sua capacidade criativa.

Resposta: B

- 6 Dos fatores abaixo, um **não** pode ser considerado causa da Renascença:

- A fuga de sábios de Bizâncio (Constantinopla).
- O fortalecimento da burguesia.
- O Renascimento Comercial.
- O fortalecimento do campesinato (servos).
- O Renascimento Urbano.

RESOLUÇÃO:

O Renascimento é um estilo marcadamente urbano. Não há produção artística no campo.

Resposta: D

- 7 (UFG – MODELO ENEM) – Compare as duas imagens.



Iluminura do Saltério de Ingeborg (anterior a 1210)



Cenas da vida da Virgem (1304-1306), de Giotto. (Detalhe)

Um elemento de distinção entre elas, responsável pelo surgimento de uma arte tipicamente renascentista, expressa-se por meio da

- introdução da perspectiva ou do efeito de profundidade na composição da pintura.
- produção da pintura considerando a figuração bidimensional.
- elaboração de imagens antirrealistas, com apelo ao sagrado.
- atribuição de destaque às figuras sagradas, conforme a hierarquia religiosa.
- composição da pintura com base na representação de figuras sem volume.

RESOLUÇÃO:

Enquanto a iluminura é uma representação plana, a pintura de Giotto apresenta uma tridimensionalidade que possibilita a ilusão da desigualdade de nível entre os personagens retratados.

Resposta: A

Módulo

14

Renascimento – II

Palavras-chave:

- Perfeição • Equilíbrio
- Harmonia • Anatomia

1. A expressiva pintura

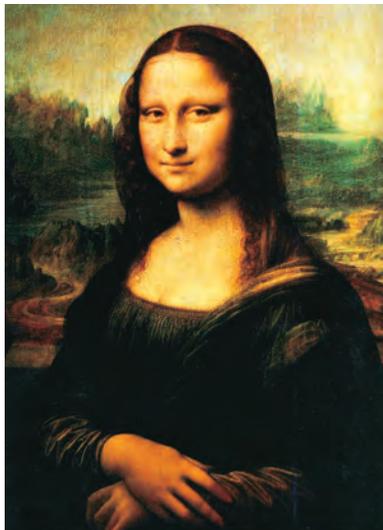
Em Florença, no final do século XIII, foram lançadas as bases da pintura europeia que se prolongaria nos séculos seguintes. Buscando o progresso material, os florentinos favoreceram o desenvolvimento de Giovanni Cimabue, precursor de um estilo mais realista.

Giotto di Bondone (1266 a 1336), trabalhando com pinturas em afresco, procurou representar as coisas exatamente como eram vistas, destacando-se entre suas obras *São Francisco pregando aos pássaros*, *A volta de Joaquim* e *A deposição de Cristo*.

No século XIV, durante a fase do *Quattrocento* italiano, **Masaccio** (1401 a 1428) continuou o caminho de Giotto, acrescentando maiores estudos de anatomia às figuras, introduzindo a perspectiva. Dentre suas principais obras, destacam-se *A expulsão de Adão e Eva do Paraíso* e *Pagamento do tributo*. Em suas pinturas, utilizando-se da luz e das sombras, criou a impressão de volume, dando realmente a ideia de três dimensões.

Mais do que qualquer artista de seu tempo, **Piero della Francesca** (1416 a 1492) acreditava na perspectiva científica como base da pintura. Sua obra é caracterizada por uma monumentalidade poderosa, não se interessando pelo movimento, o que dava uma imobilidade escultural aos personagens.

Sandro Botticelli (1444 a 1510) foi o último pintor da fase pré-renascentista. Buscando inspiração na mitologia da Antiguidade, associou a beleza ao ideal cristão. A delicadeza de sua obra é encontrada no *Nascimento de Vênus*; em *A Primavera*, inspirou-se em autores latinos, em que representa no centro uma Vênus grávida, símbolo da fecundidade da natureza.



A Mona Lisa ou Gioconda, uma das mais célebres pinturas do Renascimento, de Leonardo da Vinci.

Com **Leonardo da Vinci** (1452 a 1519) surgiu o maior exemplo da cultura universal, fenômeno relativamente frequente, porém não com uma intensidade tão forte. Exercendo o domínio em vários outros campos (arquitetura, escultura, urbanismo, literatura, música e ciência), Leonardo pretendia atingir a verdade com experiências objetivas. Essa universalidade fez com que deixasse várias pinturas inacabadas, pois interessava-se por um problema

somente até que ele fosse resolvido. Dentre suas obras mais famosas destacam-se o afresco da *Santa Ceia*, a *Gioconda* e a *Virgem dos Rochedos*.

Michelangelo (1475 a 1564) exerceu grande domínio na escultura, pintura e arquitetura, criando obras grandiosas com uma energia quase sobrenatural. Entre 1508 e 1512 concluiu o teto da Capela Sistina, no Vaticano, criando uma obra-prima cuja importância é memorável.



A Madona e o menino com João Batista, de Rafael.

Apesar de não ser tão inovador quanto Leonardo e Michelangelo, **Rafael** (1483 a 1520) é o pintor mais importante do Renascimento, ao criar uma arte ao mesmo tempo lírica e dramática. Utilizando-se da harmonia e da regularidade de formas e cores, deu uma extraordinária dimensão à pintura. Dentre sua produção destacam-se *A Libertação de São Pedro* e *A Escola de Atenas*.



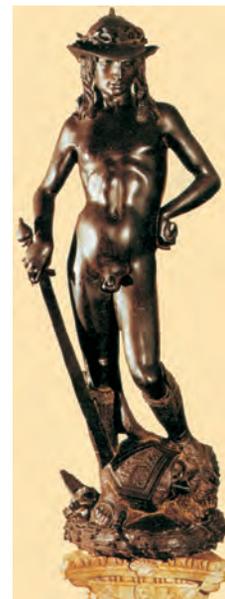
A Criação do Homem, de Michelangelo, na Capela Sistina.

2. A perfeição da escultura

O grande surto da escultura no Renascimento começou com uma competição para as portas de bronze do Batistério de Florença, em que Lorenzo Ghilberti esculpiu motivos bíblicos em alto-relevo. O resultado impressionou vários artistas e intelectuais, que passaram a considerar a cena com acabamento "... tão esmerado que não parecia que havia sido moldada ou polida, mas que havia sido criada apenas por um sopro".



A notável escultura de Davi, esculpida em mármore, por Michelangelo.



Davi, de Donatello.

O artista considerado como o grande escultor do século XV foi **Donatello** (1386 a 1466). A figura de *Davi* é o primeiro nu importante em escultura na Europa desde a época romana. A importância do artista foi tamanha que, durante muito tempo, influenciou a maior parte dos escultores sem que o tenham igualado.



Pietà, uma das raras obras concluídas de Michelangelo.

O apogeu da escultura deu-se, porém, com **Michelangelo**. Em 1501, com 26 anos de idade, esculpiu *Davi* em um bloco enorme de mármore, em oposição às proporções menores preferidas anteriormente. A figura retrata um estilo heroico, de corpo musculoso e cheio de emoção da escultura helenística. Outra obra de extrema criatividade foi a *Pietà*, conservada atualmente na Basílica de São Pedro, em Roma.

3. O Renascimento fora da Itália

Por volta de 1500, as influências italianas expandiram-se por várias regiões da Europa, iniciando um

processo de conciliação com o estilo gótico, que perdurou praticamente um século.

Na Alemanha, **Albert Durer** (1471 a 1528) destacou-se pela influência exercida por sua própria imagem, realizando autorretratos ao longo de toda a sua carreira. Em sua obra, além de caracterizar a realidade de seu tempo e de seu país, teve uma grande influência da tradição medieval, característica na *Adoração dos Reis Magos*.

Na segunda metade do século XVI, período mais conturbado dos Países Baixos, produziu-se o maior número de pintores do norte da Europa. A preocupação dos artistas era buscar temas que substituíssem o aspecto religioso. Destaca-se neste processo, **Pieter Brueghel, o Velho**, que explorou a vida dos camponeses e a moral.



Autonomia cultural

Nada mais legítimo que a tentativa de desenvolver no país uma cultura autônoma. Mas a cultura autônoma é aquela que pode ser posta a serviço de um projeto de autonomia, e não vejo porque só a cultura gerada dentro das fronteiras nacionais possa contribuir para esse objetivo.

Da maneira como vem sendo apresentada, a tese do colonialismo cultural parece basear-se numa falsa analogia entre “bens culturais” e “bens econômicos”. Procura-se proteger a cultura brasileira e reforçar nossa identidade cultural da mesma maneira que se procura estimular a indústria nacional de computadores: pela reserva de mercado. Ora, a reserva de mercado é a política certa quando se trata de dominar a tecnologia da informática, mas não quando se trata de produzir modelos culturais válidos para o Brasil. Pois, é isso que importa: uma cultura relevante para nosso país, e a esta não cabe exigir nem passaporte nem atestado de naturalização. Todos preferem uma cultura autêntica a uma cultura alienada, mas a cultura autêntica pode ser estrangeira, e a cultura brasileira pode ser alienada. Se a cultura é verdadeiramente universal, ela é *ipso facto* brasileira: Mozart é tão relevante para o Brasil como se tivesse nascido na ilha de Marajó, e Silvio Santos é tão irrelevante como se tivesse nascido em Reikjavik. Contaminada pelo irracionalismo, a tese anticolonial tem uma orientação xenófoba contra a cultura estrangeira, sem que se pergunte se ela é ou não válida, se ela pode ou não contribuir para o nosso próprio enriquecimento cultural. A cultura de massas americana é combatida por ser americana, e

não por ser cultura de massas. Inversamente, a cultura de massas brasileira é apoiada pelo mero fato de ser brasileira, por mais alienante que seja. Ora, não me parece que a série infantil *He-Man* se tornasse menos monstruosa se o herói fosse um robusto gaúcho dos pampas, ou falasse com um simpático sotaque nordestino. A inteligência não tem pátria, mas a debilidade mental deveria ter: é ela, e não a inteligência, que deve ser considerada estrangeira, mesmo que suas credenciais de brasilidade sejam indiscutíveis. Americana ou brasileira, a cultura de massas funciona como *kitsch*, como lixo, como narcótico, do mesmo modo que a alta cultura, nacional ou estrangeira, funciona como fermento crítico, como fator de reflexão, como instrumento de autotransformação e transformação do mundo.

Positivista ou brasileiro?

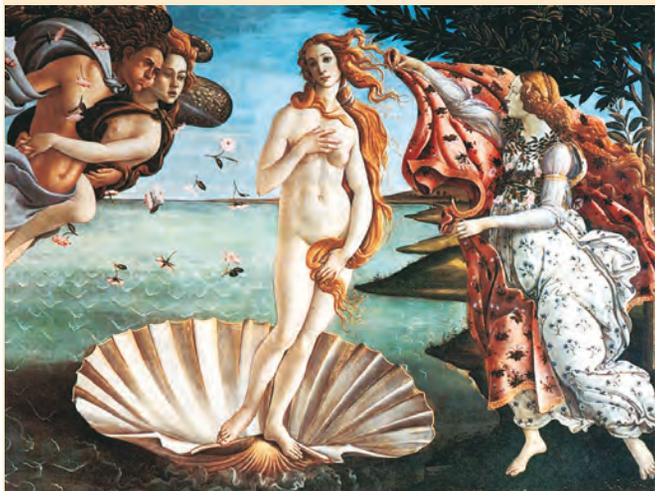
No plano da teoria, a versão irracionalista da tese é especialmente problemática. Para ela, pensar o Brasil significa, seja observá-lo como ele é, sem a influência perturbadora de qualquer *a priori*, seja interpretá-lo segundo uma teoria deduzida diretamente da nossa realidade. No primeiro caso, o modelo subjacente é o do empirismo mais rudimentar: existe de um lado uma realidade virginal, e do outro um olho que a vê em sua inocência e que não pode ser toldado por nenhuma lente, sobretudo quando ela foi produzida no exterior. O segundo modelo admite a necessidade da teoria, mas ela tem de ser brasileira: o Brasil tem uma verdade latente, que dorme em suas entranhas e que deve ser trazida à luz do dia, por mãos

brasileiras, para que mentes brasileiras possam aplicá-la à interpretação da realidade brasileira. A verdade é um metal que tem de ser retirado do nosso subsolo, e que só poderá aceder à sua pureza de minério se evitarmos que a jazida seja explorada pelas multinacionais do pensamento. Ora, a verdade não é nem um objeto visível a olho nu nem uma essência a ser destilada do objeto; ela é algo de parcialmente construído, a partir de certas categorias de análise, que variam conforme o interesse cognitivo do observador: quem quer transformar a realidade verá coisas que jamais serão vistas por quem quer conservá-la. Sempre que necessário, essas categorias têm de ser adaptadas às circunstâncias específicas que queremos estudar, mas, no fundamental, importa pouco se as teorias são ou não nacionais: se elas forem nacionais e conservadoras, darão acesso a um Brasil com palmeiras, mas sem luta de classes; se forem estrangeiras, mas críticas, darão acesso a um Brasil cheio de contradições e, portanto, como algo a ser transformado, o que não impede que os bunitos continuem ondeando ao vento. É por isso que, para quem se situa numa perspectiva crítica, um autor como Adorno tem mais a ver com o Brasil, com a construção de uma cultura nacional e com a compreensão dessa cultura, que um sociólogo positivista nascido em Vitória de Santo Antão. O que é decisivo é o fato de ele ser positivista, e não ser brasileiro, ou búlgaro. O positivismo o desqualifica para entender qualquer realidade: a nossa, e a búlgara.

(ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. Companhia das Letras.)

Exercícios Resolvidos

1 (ESPM – MODELO ENEM) – "Não é propriamente Vênus que nasce no quadro, mas a alma cristã que emerge das águas do batismo."



O texto apresentado comenta a tela *Nascimento de Vênus*, cuja reprodução apresentamos. Assinale a alternativa que traz o nome do pintor:

- a) Masaccio. b) Rafael Sanzio. c) Giotto.
d) Botticelli. e) Leonardo da Vinci.

Resolução:

Sandro Botticelli (1441-1510) foi um importante pintor florentino do Renascimento Italiano, que viveu sobre a proteção dos Médicis.

Resposta: D

2 (UFSM – MODELO ENEM) – A estátua *Laocoonte e seus filhos*, produto do helenismo, foi desenterrada em Roma, em 1506,

impressionou Michelangelo (1475-1564) e influenciou seu trabalho artístico em *Juízo Final*.



In: ARRUDA, J. A. e PILETTI, N. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 2003. p. 56.



In: PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2001. p. 103.

Com base no trabalho de Michelangelo, pode-se considerar correta a seguinte afirmação:

- a) Sua arte restaura os valores da pólis grega: a exaltação da razão, a morte dos deuses, a hegemonia da assembleia popular.
b) Sua obra rompe com o naturalismo e inaugura as formas da arte moderna: a ênfase no abstrato.
c) Seu modo de representar a figura humana se opõe ao hedonismo e à glorificação do natural.
d) Seu trabalho glorifica o divino e o extraterreno em oposição ao humano e natural.
e) Sua colaboração artística se insere no movimento intelectual que forma os valores modernos: naturalismo e individualismo.

Resolução

O pintor e escultor Michelangelo foi um dos mais notáveis e completos artistas do Renascimento, destacando-se como pintor do teto da Capela Sistina e por ter esculpido *Moisés*, *Davi* e a *Pietà*.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Quem é considerado o maior escultor do século XV?

RESOLUÇÃO:

Donato di Niccoló di Betto Bardi ou simplesmente Donatello.

2 Comente sobre a arte de Leonardo da Vinci.

RESOLUÇÃO:

Leonardo da Vinci, reconhecido como "gênio universal" e polímata (que conhece muitas ciências), destacou-se pela criação de uma pintura extremamente revolucionária para os padrões da época, utilizando-se das cores para conseguir profundidade em seus quadros, como a *Mona Lisa* e a *Santa Ceia*.

3 Qual é a diferença entre a escultura de *Davi* de Donatello e a de Michelangelo?

RESOLUÇÃO:

A escultura de *Davi*, feita por Donatello, é o primeiro nu artístico desde a época romana, mostrando o naturalismo, com inspiração notadamente helênica. Por sua vez, a estátua feita por Michelangelo retrata um estilo heroico, cheio de emoção, com grande influência da cultura helenística. Outra diferença está no material; enquanto o *Davi* de Donatello é forjado em bronze, o *Davi* de Michelangelo é esculpido em mármore.

4 Caracterize o Renascimento no norte da Europa.

RESOLUÇÃO:

No norte da Europa, o motivo religioso típico do Renascimento Italiano deu lugar a aspectos do cotidiano dos camponeses e também da moral.

5 São obras arquitetônicas renascentistas

- a) o Parthenon e o Panteon.
- b) as Catedrais de Saint-Denis e Saint Giles.
- c) o Coliseu e o Panteon.
- d) a Catedral de Florença e a Igreja de São Pedro.
- e) a Igreja de Notre-Dame e o Palácio dos Leões.

RESOLUÇÃO:

Brunelleschi e Bramante, respectivamente, foram seus arquitetos.

Resposta: D

6 Não é escultor renascentista

- a) Lorenzo Ghilberti.
- b) Michelangelo.
- c) Donatello.
- d) Verrocchio.
- e) Francisco Goya.

RESOLUÇÃO:

Goya era um pintor espanhol do Romantismo.

Resposta: E

7 Qual foi a causa do declínio do Renascimento:

- a) O esgotamento das fontes inspiradoras.
- b) A falta de apoio por parte dos antigos mecenas.
- c) O surgimento da Contrarreforma.
- d) A Reforma Protestante.
- e) O desinteresse da burguesia.

RESOLUÇÃO:

A Contrarreforma inibiu a liberdade criativa dos artistas renascentistas e usou a Inquisição para isso.

Resposta: C



A cabeça de Davi, de Michelangelo.

In. CLARK, Kenneth. *Civilização*.

São Paulo: Martins Fontes; Brasília: UnB, 1980. p. 84.

"O *Davi* de Michelangelo tem uma expressão desconhecida na escultura até então. (...) O *Davi* de Michelangelo é heroico. Possui um tipo de consciência que surge com o Renascimento (...): a capacidade de enfrentar os desafios da existência."

(ARAÚJO, Olívio. In: GRAÇA PROENÇA. "História da Arte". São Paulo: Ática, 2001. p. 91.)

8 (MODELO ENEM) – A consciência expressa pelo *Davi* de Michelangelo relaciona-se com

- a) a expansão europeia pela América, África e Ásia e a implantação do sistema de livre-comércio.
- b) a crise da Igreja de Roma devido à imoralidade do clero e à afirmação da dimensão sagrada do homem.
- c) os novos valores referentes à afirmação da excelência humana, bem como com as realizações materiais da nascente burguesia comercial.
- d) a crise do Estado Absolutista e com o surgimento do Estado Liberal e a preocupação deste com a felicidade humana.
- e) as novas descobertas e invenções científicas e tecnológicas, assim como com o final de disputas bélicas entre os Estados europeus.

RESOLUÇÃO:

O *Davi* de Michelangelo tem característica clássica; é esculpido em mármore e destaca-se pelo seu tamanho (cinco metros e dezesseis centímetros), em contraste com o personagem bíblico que enfrentou Golias, representando a grandiosidade do ser humano.

Resposta: C

1. Conceito

Maneirismo foi o termo empregado pelos críticos de arte para definir a cultura europeia compreendida entre o fim do período áureo do Renascimento cultural (1520) até o final do século XVI. Em sua origem, correspondia ao conceito de “maneira”, usado por Giorgio Vasari (1511-74), arquiteto e escultor, para definir o modo característico de trabalhar de cada artista.

Alguns séculos mais tarde, passou a designar um estilo oriundo do Renascimento, provocado pela instabilidade da situação histórico-política, pelas crises econômicas e pela inquietação resultante da Reforma Protestante. Portanto, o Maneirismo seria a expressão artística da crise que convulsionou toda a Europa Ocidental no século XVI e que se estendeu a todos os campos da vida política, econômica e cultural.

Mesmo os aspectos mais gerais do Maneirismo contêm características muito variadas, o que torna difícil reuni-las em um conceito único.

As duas linhas (Maneirismo e Barroco) estão já intimamente interpretadas nas últimas obras de Rafael e Michelangelo. Os dois estilos pós-clássicos emergiram, quase ao

mesmo tempo, da crise intelectual das primeiras décadas do século XVI.

Alguns eruditos interpretam o Maneirismo como a reação que se seguiu ao Primitivo Barroco. A história da arte do século XVII consistia, então, em repetidos embates entre o Maneirismo e o Barroco, com a vitória temporária da tendência maneirista e a vitória final do Barroco.

O Maneirismo foi o estilo artístico de uma classe aristocrática, cuja cultura era essencialmente internacional. O Primitivo Barroco foi a expressão de uma tendência mais popular, mais emocional e mais nacionalista. O Barroco, em sua plena manifestação, triunfou sobre o estilo do Maneirismo, mais refinado e exclusivo, à medida que a propaganda eclesiástica da Reforma Católica se espalhou e o catolicismo se tornou de novo uma religião do povo.

2. Características

O Maneirismo quebrava o objetivismo da Renascença, abandonando a teoria da arte como cópia da natureza, acrescentando profundidade espiritual e interioridade que faltavam à arte clássica italiana. De acordo com a nova doutrina, a arte cria, não só “da natureza”, mas “como a nature-

za”, dando preferência por espaços abstratos, ao alongamento das figuras, como as do pintor El Greco.

No Maneirismo não havia relação entre o tamanho e a importância temática das figuras. Motivos que parecem ter mero significado secundário, relativamente ao assunto do quadro, eram muitas vezes dados com **proeminência**, enquanto o que constituía aparentemente o tema principal era desvalorizado e suprimido. Era como se o artista estivesse tentando dizer: “Não estou de maneira alguma decidido sobre quem são os atores principais e quem são os simples figurantes na minha peça”.

Proeminência: saliência, protuberância; superioridade.



A Primavera, de Arcimboldo.

Exercícios Resolvidos



1 (MODELO ENEM) – “na tela tem-se de pintar uma procissão, (e) como o cura e os outros clérigos que estavam fazendo os ofícios para enterrar a D. Gonzalo Ruiz de Toledo senhor da Vila de Orgaz, e baixaram Santo Agostinho e Santo Estevão para enterrarem o corpo deste cavaleiro, um segurando-o da cabeça e o outro dos pés, deitando-o na sepultura, e fingindo ao redor muitas pessoas que estava olhando e em cima de tudo isto tem-se de fazer um céu aberto de glória ...”

A tela *O enterro do conde Orgaz*, de El Greco, faz parte de qual estilo artístico:

- a) Renascentista b) Neoclássico
c) Romântico d) Maneirista
e) Rococó

Resolução

Doménikos Theotokópoulos, mais conhecido como El Greco, (1541-1614) foi um pintor grego que desenvolveu a maior parte da sua carreira na Espanha. Assinava suas obras com o nome original, ressaltando sua origem. Procurava fundir as formas iconográficas bizantinas com o desenho e o colorido da pintura veneziana e a religiosidade espanhola.

Resposta: D



2 (MODELO ENEM) – A partir das imagens procure identificar o importante pintor maneirista que possuía um estilo inconfundível na hora de retratar as pessoas. Estamos nos referindo a:

- a) Miguel de Cervantes b) Giorgio Vasari c) Arcimboldo
d) Tintoretto e) Agnolo Bronzino

Resolução

Giuseppe Arcimboldo, destacado pintor maneirista, costumava retratar as pessoas de forma exótica, através da composição de objetos, animais, flores e vegetais.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Após a fase do Renascimento conhecida como Final, quais manifestações artísticas surgiram?

RESOLUÇÃO:

O Maneirismo e o Protobarroco, caracterizados como uma antecipação ao Barroco devido a vários de seus aspectos.

2 Como surgiu o termo “maneirismo”?

RESOLUÇÃO:

Foi utilizado pelo crítico de arte Giorgio Vasari para designar o modo característico de cada artista trabalhar.

3 Qual a relação entre a Reforma Protestante e o surgimento do movimento maneirista?

RESOLUÇÃO:

O Maneirismo foi a expressão artística da crise que convulsionou a Europa Ocidental no século XVI, resultado da Reforma Protestante.

4 O Maneirismo e o Primitivo Barroco estão relacionados a quais segmentos da sociedade?

RESOLUÇÃO:

Enquanto o Maneirismo representava o estilo da classe aristocrática, o Primitivo Barroco foi uma expressão artística mais popular.

5 É característica do Primitivo Barroco:

- a) O estilo artístico da aristocracia.
b) Ter aparecido somente após o Neoclassicismo.
c) O uso do arco e da abóbada micênica.
d) Ser uma arte luterana.
e) Ter sido a expressão de uma tendência mais popular, emocional e nacionalista.

RESOLUÇÃO:

O Maneirismo surge como uma reação a essa tendência.

Resposta: E

6 Não são pintores do Maneirismo:

- a) Tintoretto e Agnolo Bronzino.
b) Parmigianino e Pontormo.
c) Da Vinci e David.
d) Rosso Fiorentino e Tintoretto.
e) Pontormo e Agnolo Bronzino.

RESOLUÇÃO:

Da Vinci era renascentista e David, neoclássico.

Resposta: C

7 (MODELO ENEM) – “Uma evidente tendência para a estilização exagerada e um capricho nos detalhes começa a ser sua marca, extrapolando assim as rígidas linhas dos cânones clássicos”

(<http://www.historiadaarte.com.br/consulta> em 11/12/2009)

“Foi um estilo e um movimento artístico que se desenvolveu na Europa aproximadamente entre 1515 e 1600 como uma revisão dos valores clássicos e naturalistas prestigiados pelo Humanismo renascentista e cristalizados na Alta Renascença.”

Estamos nos referindo a qual estilo artístico:

- a) Maneirista b) Neoclássico c) Romântico
d) Renascentista e) Rococó

RESOLUÇÃO:

O Maneirismo quebrava o objetivismo da Renascença, abandonando a teoria da arte como cópia da natureza, acrescentando profundidade espiritual e interioridade que faltavam à arte clássica italiana.

Resposta: A



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M210**

1. Introdução

Por volta do final do século XVI deu-se uma mudança impressionante na história da arte italiana. Os maneiristas continuavam a pintar, mas sua forma estava fora de moda. Assim, um maneirismo frio e intelectualista cedeu lugar a um estilo sensual, emocional e universalmente compreensível, o *Barroco*, que surgiu como reação de uma concepção de arte, em parte **intrinsecamente** popular e, em parte, apoiada pela classe cultural dirigente, mas com consideração pelas massas, contra o exclusivismo intelectual do período precedente.

O naturalismo de Caravaggio e o emocionalismo dos Carracci representavam as orientações. Em ambos os campos, o elevado nível de cultura atingido pelos maneiristas declinou, porque, mesmo na oficina dos Carracci, as obras que foram copiadas dos grandes mestres da Renascença eram relativamente simples e os pensamentos e sentimentos a expressar não eram complicados.



Na construção da cúpula da Basílica de São Pedro, Interior da Igreja Il Gesù, Roma, uma das primeiras construções barrocas. Na fachada e a nave central de Maderno e a colonata de Bernini completaram a obra.

2. Contexto histórico

Emanação direta da Reforma Católica (Contrarreforma) do século XVI, o Barroco alcançou a maturidade no século XVII e se prolongou pelo século XVIII, com o nome de *Rococó*. Encontra-se, pois, inserido entre dois surtos classicistas de índole greco-romana, um que lhe antecedeu, o Renascimento, e outro que lhe sucedeu, o Neoclassicismo.

Historicamente, apareceu após um período de crise, responsável por grandes mudanças na realidade política (Absolutismo) e religiosa (Reforma) europeia.

Lutero condenava a "idolatria" da Igreja Católica, tal como havia condenado a adoração de imagens pagãs. Nesta condenação, abrangia não só as imagens de devoção da Renascença, que evidentemente tinham muito pouco a ver com a religião, mas todas as exteriorizações de sentimentos religiosos, fossem quais fossem. A "idolatria" era vista até mesmo no simples adorno das igrejas com quadros.



A Pietà, de Gregório Fernández.

A convocação do Concílio de Trento significou o fim do liberalismo nas relações da Igreja com a arte. A arte executada para atender as finalidades da Igreja era colocada sob a supervisão de teólogos e, especialmente, no caso de empreendimentos em larga escala, os pintores tinham de seguir estritamente as instruções dos seus conselheiros espirituais.

Os decretos do Concílio proibiram a representação do nu, bem como a representação de cenas sugestivas, indecentes e profanas nos lugares santos. Mesmo nos casos em que o personagem pudesse ser representado nu, em total acordo com a referência bíblica, o artista devia pelo menos acrescentar-lhe um **panejamento**.



A lição de anatomia do professor Tulp, de Rembrandt.

Assim, o período do Concílio de Trento tem sido considerado como o do “nascimento do pudor”. Conclui-se, portanto, que sua influência sobre a arte foi um pouco mais positiva do que a Reforma Protestante, embora impusesse restrições próprias.

Na luta contra a heresia, o catolicismo acorreu aos seus artistas. Quando os protestantes atacaram a veneração de Maria como idolatria, os pintores católicos reagiram com pinturas que a honravam. Quando alguns pensadores radicais rejeitaram a doutrina da Trindade, os artistas produziram magníficas obras em que apresentavam o Pai, o Filho e, na forma de uma pomba, o Espírito Santo. As divindades pagãs foram excluídas da arte sacra.

A igreja barroca, com sua decoração exuberante, com suas cerimônias marcadas pelo caráter de espetáculo, revelava a tendência típica das sociedades europeias dos séculos XVII e XVIII. Depois do impacto da Reforma, a Igreja Católica tomou severas medidas para reconquistar seus fiéis. Um meio eficiente para atingir esse objetivo foi transformar o culto num momento sublime em que a beleza estivesse presente sob todas as formas, incentivando a devoção.

A necessidade de comover, de deslumbrar, orientou as obras do período, dotando-as de um caráter de espetáculo.

Roma abandonou definitivamente os países protestantes, não incentivando mais as guerras religiosas e tratando de assegurar sua influência nas regiões que ainda não tinham sido atingidas pela Reforma Protestante. O esforço em expandir a fé, entretanto, continuou, e a arte precisou ser renovada. O Papado recomendou uma arte grandiosa, porém mais fácil, mais próxima dos sentidos, a fim de atingir todas as camadas do povo.

Assim, a primeira arte barroca visava “glorificar o Senhor e exaltar o Seu Nome” e, deste modo, intensificar a piedade e a devoção dos fiéis. Essa origem **proselitista** ajuda a explicar um dos principais aspectos de toda a arte barroca: a proeminência da comunicação. Toda a obra típica desse período – arquitetura, escultura, literatura ou música – empenhou-se, sobretudo, em produzir efeito sobre o seu público, em envolvê-lo, inflamá-lo.

Proselitismo: convertido a uma doutrina, ideia ou sistema.

Cânone: regra geral da qual se inferem regras especiais; padrão, modelo, norma, regra.

Nenhum outro estilo artístico jamais foi tão orientado para o espectador. O meio de atingir essa finalidade era, às vezes, o simples tamanho e, às vezes, a riqueza e a suntuosa variedade dos materiais. Mais amiúde, porém, os meios não eram tão fáceis de identificar, sendo mais sutis e complexos.

Uma das forças mais poderosas da Reforma Católica foi a Companhia de Jesus, que construiu em Roma a sua igreja - *Il Gesù* -, colaborando firme e incansavelmente no processo barroco, englobando, assim, muitos monumentos que de fato não foram regidos pelos jesuítas e nem sofreram a sua influência artística.

3. Conceito

O termo “barroco”, em francês, tem um sentido pejorativo. Foi, por muitos, e por muito tempo, considerado uma forma decadente de arte, uma arte extravagante, pomposa e exuberante.

A palavra “barroco” foi aplicada pela primeira vez à arte do século XVII pelas gerações que vieram depois e foi usada como expressão de desdém. Para os frios e controlados racionalistas do século XVIII, a arte de seus predecessores parecia violar todas as regras do decoro e todos os **cânones** do bom gosto. Resolveram qualificá-la com a palavra “barroco”, que pode ter vindo do português, designando uma pérola de formato irregular; ou do latim, termo empregado pelos eruditos medievais para descrever um raciocínio particularmente intrincado e difícil. Em qualquer caso, a intenção era clara: barroco era algo grotesco e excessivamente rebuscado.

Esse desdenhoso repúdio pela arte do barroco persistiu até o século XX, quando de repente descobriram seus grandes poderes.

4. Características

Em sua tentativa permanente de derrubar a barreira entre a obra de arte e o público, os artistas barrocos usavam todos os artifícios imagináveis. Os pintores, por exemplo, iluminavam dramaticamente as suas figuras e colocavam-nas em contraste com fundos escuros e impenetráveis. As figuras olhavam diretamente para o observador, ou o que ainda é mais típico, para um ponto situado fora da tela, um objeto ou acontecimento presente no mundo do observador. Muitas vezes, a tela contém uma “moldura” artificial, e a figura é retratada no ato de passar por ela, como que a caminho do mundo exterior.

No retrato *Carlos I com o Escudeiro M. de St. Anthoine*, de **Anthony van Dyck**, por exemplo, o rei atravessa a cavalo um importante arco triunfal, encaminhando-se para o observador. A *Dama com o Leque*, de **Rembrandt**, apoia a mão em uma moldura pintada no quadro, cobrindo em parte a borda com o polegar. A impressão é de espantosa proximidade.

Outro tanto se pode dizer da escultura barroca. O *Davi*, de **Bernini**, por exemplo, no ato de matar Golias. O movimento do corpo jovem do desafiador e a intensidade do seu olhar sugerem tão fortemente a presença de Golias que o centro real da obra parece estar fora da estátua, na vizinhança do observador. Dissolveu-se a fronteira entre a obra de arte e o mundo real.

O Barroco considerava superada a concepção espacial, definida e circunscrita pela Renascença e tratou de representar o infinito, o espaço dinâmico, os grandes movimentos de massa e os fortes contrastes de luz. Procurou perspectivas ilusórias, suntuosas cenografias e inverteu na pintura a relação entre a natureza e o homem: pequenas figuras foram colocadas e contrapostas a um fundo paisagista, relativamente muito mais amplo. Os valores ideais de medida, equilíbrio e compostura da Renascença passaram a ser repudiados.



Igreja de São Carlos das Quatro Fontes, Roma, projeto de Borromini, construída entre 1665-67.



O Êxtase de Santa Teresa, de Bernini, 1645-48, na Capela Cornaro, Santa Maria della Vittoria, Roma.

Arquitetura

A expressão mais típica são as igrejas, cujas construções foram incentivadas após a Contrarreforma.

Apresenta uma complexidade luxuriante, com **meandros** e retorcidos que **revolteiam** sem cessar, apresentando como elementos: simetria relativa (em composição, mas não em detalhes); fuga aos esquemas clássicos; linhas de composição **espiraliformes** e retorcidas; fachada: portadas trabalhadas (porta grande, geralmente emoldurada com ornatos que se distinguem e se distribuem pelas **ombreiras**), envasaduras (vãos de iluminação e ventilação, de formas variadas), padieiras (vergas das portas e janelas) e **coruchéus**; interior: suntuosidade e profusa decoração, variados **retábulos**, tetos pintados com alegorias (preferencialmente imitando o céu, insinuando falta de cobertura), colunas retorcidas e arco cruzeiro geralmente muito valorizado.

A igreja barroca

O interior de uma igreja barroca compõe-se de muitos elementos reunidos com laborioso cuidado e meticulosa habilidade. O teto é frequentemente uma mistura de arquitetura e escultura, prodigiosamente combinadas de modo a arrastar o fiel para uma distância aparentemente infinita. As estátuas envoltas em **torvelinhantes** roupagens de mármore são iluminadas por uma luz sobrenatural proveniente de alguma fonte oculta. As colunas **torsas** transmitem uma impressão de poder e movimento, tensão e inquietude. No meio das formas **convolutas**, das douradas **refulgências** e dos arcos quebrados não há lugar onde os olhos possam descansar. O efeito global é de intensa emoção e inacreditável grandeza. E, com sua pintura sagrada, de exaltação e fausto, a Igreja tornou-se um dos fundamentos desta arte.

5. Expansão e ramificação

Vasto e nem sempre homogêneo, o Barroco invadiu quase todos os países da Europa e da América Latina, devido à colonização ibérica, assumindo grande variedade de formas nos diferentes países. Sua duração também foi diferente nos vários países.

O Maneirismo, como o Gótico, foi um fenômeno universal, mesmo quando se restringia a círculos muito mais estreitos do que a arte cristã da Idade Média. Pelo contrário, o Barroco abraçou tantas ramificações de caráter artístico, apareceu em tão diversas formas, nos diferentes países e esferas de cultura, que parece duvidoso, à primeira vista, ser possível reduzi-lo a um denominador comum. O Barroco da corte e dos círculos católicos é totalmente diferente do da classe média e das comunidades protestantes.

Artistas do Barroco

Os artistas barrocos estavam profundamente interessados na realidade da existência humana, mas cada um a via a seu modo. Para **Jan Vermeer** a realidade residia no detalhe luminoso; para **Rembrandt**, no drama esboçado das personalidades; **Frans Hals** encontrava-as nas faces vigorosas de burgueses e camponeses; e para **Rubens**, nos contornos voluptuosos do corpo humano. Mesmo os altivos aristocratas pintados por **Van Dyck**, **Velásquez** e **Rigaud** são pessoas reais e os deuses em mármore de **Bernini** parecem de carne e osso.

Meandro: suntuosidade; emaranhamento.

Revoltear: agitar-se em vários sentidos, revolver-se.

Espiraliforme: que tem forma espiral.

Ombreira: peça vertical das portas ou janelas.

Coruchéu: zimbório, torre ou torreão que coroa um edifício; remate piramidal de edifício.

Retábulo: construção de madeira, mármore ou outro material, que fica por trás e/ou acima do altar.

Torvelinhante: redemoinhado, agitado.

Torso: representação da figura humana truncada; torcido, sinuoso, tortuoso.

Convoluta: ato de enrolar para dentro.

Refulgência: resplendor; resplandecente.



A descida, de Rubens.



O cavaleiro sorridente, de Franz Ades.



A pequena vendedora de frutas, de Murillo.



Igreja de Sant'Agnese, de Borromini e Ramaldi, com a presença de fachadas curvas.



Davi, de Gianlorenzo Bernini, em mármore, de tamanho natural.



Velásquez mostra-se a si próprio trabalhando no quadro As Meninas.



O Rapto de Europa, Rubens.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M211**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Ao comentar a arte brasileira, Benedito L. de Toledo faz a seguinte descrição:

"E se olharmos para o teto, veremos o próprio céu retratado em pintura ilusionística no forro, que foi rompido para mostrar o Paraíso com a Virgem, os anjos e os santos.

A talha usará colunas torcidas recobertas de vinhas e povoada de querubins, aves, frutos, cada elemento procurando vibrar e tomar todo o espaço possível. As colunas tortas serão as grandes eleitas porque sua estrutura helicoidal é o próprio movimento sem fim.

À noite, os interiores das igrejas revelam novas surpresas. A iluminação à vela produz uma luz vacilante que faz vibrar o ouro da talha, dramatiza as pessoas e as imagens. Sente-se que se está num espaço consagrado pelo perfume do incenso vindo do altar-mor, onde é mais intenso o brilho do ouro na luz incerta das velas.

([adaptação] TOLEDO, Benedito Lima de. Apud FERREIRA, Olavo Leonel, HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo: Ática, 1995. p.166.)

O autor da descrição se refere ao caráter essencial do estilo:

a) Barroco – lirismo, apelo à emoção, busca de uma dinâmica infinita, solicitação de todos os sentidos.

b) Naturalista – solidez, despertar da fé pela contemplação da natureza, quer do reino animal, vegetal ou mineral.

c) Gótico – grandiosidade e leveza, tornada possível graças ao emprego de arcos em forma de ogiva e de inúmeros vitrais.

d) Neoclássico – ênfase na harmonia e no equilíbrio, apelo às faculdades racionais do homem e realce para os elementos estruturais da construção.

Resolução Inserido no contexto da Reforma e Contrarreforma, o Barroco foi um estilo que enfatizou o contraste, o conflito, o dinâmico, o dramático, o grandiloquente, junto com um gosto acentuado pela opulência de formas e materiais. Obs.: No Brasil, o estilo – extratemporâneo em relação ao movimento na Europa – era essencialmente religioso e com maior profusão de detalhes.

Resposta: A

2 (MODELO ENEM) – As igrejas e os conventos, no Brasil colonial, foram construídos seguindo o estilo barroco da arte europeia da época.

Na arquitetura colonial, o movimento barroco se constituiu em

a) oposição à suntuosidade nos ornamentos e na iluminação dos ambientes religiosos.

b) expressão e instrumento da Contrarreforma, associando poder, religião e riqueza.

c) afirmação dos ideais da Reforma Religiosa, a qual pregava as liberdades individuais e justificava o enriquecimento.

d) valorização do equilíbrio nas formas e da austeridade na decoração, inspirando-se na arquitetura grega clássica.

Resolução

O Barroco foi o primeiro estilo artístico europeu a tornar-se visível na arquitetura do Brasil Colônia.

Resposta: B

1 A que período da história o Barroco está ligado?

RESOLUÇÃO:

Para uns, o Barroco exprime o espírito da Contrarreforma, mas, devido à sua penetração no norte da Europa e sendo esta região protestante, o estilo não teve características antirreformistas. Ainda pode ser ligado ao “estilo” do absolutismo, refletindo o Estado centralizado.

2 Quais as restrições do Concílio de Trento quanto ao Barroco?

RESOLUÇÃO:

Tomaram-se medidas severas para restringir a pintura de corpos nus, submetendo a regulamentos toda a pintura das igrejas, dando início ao chamado “nascimento do pudor”.

3 Qual a expressão mais típica do Barroco?

RESOLUÇÃO:

A arquitetura, sobretudo de igrejas, todas ricamente decoradas, incluindo-se os palácios, que são quase sempre acompanhados de jardins bem projetados.

4 Sobre a relação entre o Barroco e a Reforma Protestante, podemos afirmar que

- não existe nenhuma relação, pois quase todos os reformistas condenavam a arte, com medo de uma possível idolatria.
- não existe nenhuma relação, pois após o apoio da Igreja Católica, os protestantes foram contra o Barroco.
- é forte, pois com o apoio da burguesia protestante, o Barroco aumentou suas forças.
- é fraca, pois os luteranos eram contra a arte, porém os calvinistas eram a favor.
- é totalmente relacionada, principalmente após o Concílio de Trento.

RESOLUÇÃO:

Para muitos, a arte religiosa era objeto de culto.

Resposta: A

5 O Barroco foi considerado como “arte religiosa”, somente após o

- Edito de Nantes.
- Concílio de Trento.
- Concílio de Clermont.
- Edito de Milão.
- Edito do Máximo.

RESOLUÇÃO:

Neste Concílio, a Igreja Católica estabelece as regras daquilo que ela considera arte.

Resposta: B

6 Das alternativas abaixo, qual explica a função do Rococó para o Vaticano:

- Lutar contra a idolatria protestante.
- Expressar os pensamentos clássicos.
- Evangelizar os fiéis por intermédio das imagens.
- Simplesmente decorativa.
- Evangelizar com o uso da imprensa.

RESOLUÇÃO:

As imagens apresentavam cenas dos evangelhos para facilitar a visualização para aqueles que não sabiam ler.

Resposta: C

7 (MODELO ENEM) – Qual das obras abaixo pertence ao estilo Barroco?

a)



b)



c)



d)



e)



RESOLUÇÃO:

Exemplo típico da escultura barroca, o Davi de Bernini, apresenta o movimento do corpo jovial e a intensidade do seu olhar sugerindo a presença de Golias de maneira que o centro real da obra parece estar fora da estátua, na vizinhança do observador.

Resposta: C